

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

MARCIO JOSÉ FIDELIS NERI

**HISTÓRIA DA IMPLANTAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR A
DISTÂNCIA NA UNIT (2000) E NA UFS (2006): Narrativas dos Gestores**

**SÃO CRISTOVÃO (SE)
2014**

MARCIO JOSÉ FIDELIS NERI

**HISTÓRIA DA IMPLANTAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR A
DISTÂNCIA NA UNIT (2000) E NA UFS (2006): Narrativas dos Gestores**

Dissertação apresentada à banca examinadora da Universidade de Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Núcleo de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Neide Sobral.

Linha de Pesquisa: História, Sociedade e Pensamento Educacional.

SÃO CRISTOVÃO (SE)
2014

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

N445h Neri, Marcio José Fidelis
História da implantação da educação superior a distância na
UNIT (2000) e na UFS (2006) : narrativas dos gestores / Marcio
José Fidelis Neri ; orientadora Maria Neide Sobral. – São
Cristóvão, SE, 2014.
106 f. : il.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal
de Sergipe, 2014.

1. Educação à distância - Sergipe. 2. História – Educação -
Sergipe. 3. Ensino superior - Sergipe. 4. Universidade Federal de
Sergipe. 5. Universidade Tiradentes. I. Sobral, Maria Neide, orient.
II. Título.

CDU 37.018.43(813.7)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**



MARCIO JOSE FIDELIS NERI

**HISTÓRIA DA IMPLANTAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR A
DISTÂNCIA NA UNIT (2000) E NA UFS (2006): NARRATIVAS DE
GESTORES.**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal de Sergipe e
aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em: 16.06.2014

Prof.^a Dj.^a Maria Neide Sobral (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação (UFS)

Prof.^a Dr.^a Eliana Sampaio Romão
Programa de Pós- Graduação em Educação (UFS)

Prof. Dr. Luis Paulo Leopoldo Mercado
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2014**

Neusa Fidelis, minha mãe, maior educadora da
minha vida.

AGRADECIMENTOS

Chegou o momento de reconhecer as valiosas dedicações, orientações, amizade e companheirismo no final desta jornada. Foi uma experiência enigmática, mas enriquecedora. Tive que conciliar trabalho e estudos, uma tarefa árdua, além das tentativas de buscar resposta para as minhas aflições de “pesquisador”.

Para aqueles que compartilharam comigo, direta ou indiretamente, para a realização deste sonho, em ser Mestre em Educação, contribuindo para a minha formação, registro o meu sincero agradecimento.

Ao meu Deus, meu sustento espiritual e por ter me permitido chegar até aqui.

A minha mãe, meus irmãos e sobrinhos, por acreditarem que era possível ir além e principalmente pelo amor em todos os momentos de minha vida.

A minha Orientadora, Professora Dr^a Maria Neide Sobral, pelas significativas orientações e compreensão. Minhas reais manifestações de admiração e respeito pela mulher pesquisadora e educadora. O meu muito obrigado!

Aos Professores Doutores, Ronaldo Nunes Linhares, Andrea Karla Ferreira Nunes, Itamar Freitas e Jean Cerqueira, pelas narrativas que conduziram a minha pesquisa.

A Universidade Federal e Sergipe e a Universidade Tiradentes, foram palcos de vivência cotidiana das teorias aprendidas no decurso da minha formação docente e por ter cedido documentos cruciais para a minha pesquisa.

Aos Professores Doutores, Eliana Sampaio Romão e Luis Paulo Leopoldo Mercado, pelas valiosas contribuições teórico-pedagógicas que conduziram ao aperfeiçoamento deste trabalho.

A minha amiga, Patrícia Batista, pelo apoio nos momentos difíceis.

Aos meus amigos, Jarbas Bonfim e Marques, por compartilharem das alegrias e conquistas.

Aos meus primos de Maceió, Relma Soares e André, pela dedicação e atenção.

RESUMO

No cenário de diversas transformações sociais e educacionais, neste início de século, a Educação a Distância (EaD) no Brasil e particularmente em Sergipe, passou a atender às demandas urgentes da qualificação profissional e teve seu crescimento exponencial na educação superior, nos últimos dez anos. Esta pesquisa tem como objetivo principal compreender, do ponto de vista histórico, o processo de implantação da EaD na educação superior na Universidade Tiradentes (UNIT), instituição privada e na Universidade Federal de Sergipe (UFS), instituição pública, a partir das narrativas orais de gestores envolvidos nesse processo e, através de documentos relativos às instituições. A realização deste estudo centra-se na abordagem qualitativa, pautando-se na História Oral, através das narrativas dos gestores, além do aporte documental de relatórios, portarias, iconografias, os quais auxiliam na compreensão das dificuldades e das possibilidades, na oferta das primeiras turmas. Os resultados demonstram que diante das dificuldades enfrentadas, como falta de comprometimento das prefeituras- responsáveis pelo fornecimento do espaço físico-inadequação na estrutura física dos polos e resistência de docentes, foram barreiras em relação à implementação da EaD. Os sistemas de EaD foram implantados, evidenciando possibilidades pedagógicas de se criar condições básicas e necessárias para o funcionamento a contento do sistema EaD em ambas as Instituições da Educação Superior. Como ponto de aproximação, as duas instituições basearam-se no modelo pedagógico do Centro de Educação a Distância do Rio Janeiro (CEDERJ).

Palavras – Chave: Educação a Distância. História. Universidades Tiradentes. Universidade Federal de Sergipe. Narrativas orais. Gestores.

RESUMEN

En el escenario de diversas transformaciones sociales y educativas en este principio de siglo, la Educación a Distancia (EaD) en Brasil y particularmente en el Estado brasileño de Sergipe, pasó a atender a las demandas urgentes de la calificación profesional y tuvo su crecimiento exponencial en la educación superior en la última década. Esta investigación tienen como objetivo principal comprender, desde el punto de vista histórico, el proceso de implantación de EaD en la enseñanza superior en la Universidade Tiradentes (UNIT), institución privada, y en la Universidade Federal de Sergipe (UFS), institución pública, a partir de las narrativas orales de gestores involucrados en dicho proceso y a través de documentos relativos a las instituciones. La realización de este estudio se centra en el abordaje cualitativo, pautándose en la História Oral, a través de las narrativas de los gestores, con apoyo documental, tales como: informes, portarías, fotografías, entre otros para comprensión de las dificultades y las posibilidades en la oferta de los primeros grupos. Los resultados demuestran que ante las dificultades enfrentadas, como falta de compromiso de las municipalidades-responsables por proveer el espacio físico- inadecuación en la estructura física de los polos y resistencia de docentes, fueron barreras en relación a la implementación de la EaD. Los sistemas de EaD fueron implantados, evidenciando posibilidades pedagógicas de crearse condiciones básicas y necesarias para el funcionamiento a contento del sistema EaD en ambas Instituciones de la Educación Superior. Como punto de aproximación, las dos instituciones se basaron en el modelo pedagógico del *Centro de Educação a Distância do Rio Janeiro* (CEDERJ).

Palabras-Clave: Educación a Distancia. História. Universidades Tiradentes. Universidade Federal de Sergipe. Narrativas orales. Gestores.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Características do Primeiro Curso Letras-Português EaD –UNIT.....	37
Figura 2 - Polo de Laranjeiras na Aula Inaugural do Primeiro Curso EaD de Letras -Português –UNIT.....	38
Figura 3- Livro Didático de Novas Tecnologias Aplicadas ao Ensino do Primeiro Curso Letras-Português EaD - UNIT	39
Figura 4 - Primeiro Organograma do NEAD	41
Figura 5 - Sistema de Tutoria	42
Figura 6 - Manual do Tutor Presencial do NEAD/UNIT	47
Figura 7 - Biblioteca do Polo de Laranjeiras/UNIT	49
Figura 8 - Aula Inaugural do Polo de São Domingos.....	63
Figura 9 - Laboratório de Informática do Polo de São Domingos.....	64
Figura 10 - Polo de Arauá.....	65
Figura 11- Aula Inaugural do Polo Poço Verde	65
Figura 12- Imagem do Polo de Estância.....	66
Figura 13 - Imagem da Aula Inaugural do Polo de Laranjeiras.....	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- As gerações de EAD.....	23
Quadro 2- Cursos e Polos da EAD nas Instituições de Ensino Superior em Sergipe.....	27
Quadro 3- Reuniões do NEAD/ UNIT.	31
Quadro 4- Distribuição de Carga Horária do Aluno por Atividade no Semestre.....	37
Quadro 5- Primeira Equipe de Produção de Conteúdos em EAD/UNIT	47

LISTA DE ABREVIATURAS

ABED - Associação Brasileira de Educação a Distância
ABMES - Associação Brasileira de Mantenedora de Ensino Superior
AIEC - Associação Internacional de Educação Continuada
AP - Avaliação Presencial
ASA - Associação Sergipana de Administração
AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem
CAIC - Centro de Atenção Integral a Criança e ao Adolescente
CEAD - Coordenadoria de Educação a Distância
CEAN - Centro Editorial e Audiovisual
CEDERJ - Centro de Educação a Distância do Rio de Janeiro
CESAD - Centro de Educação a Distância
CETEB - Centro de Estudos de Tecnologia Educação do Brasil
CNE - Conselho Nacional de Educação
COC - Centro Universitário do Instituto do Ensino Superior
CONSAD - Conselho Superior de Administração
CONSU - Conselho Universitário
CREAD - Consórcio Interuniversitário de Educação a Distância
DED - Departamento de Educação
EA - Exercícios Avaliativos
EAD - Educação a Distância
FACIPE - Faculdade Integrada de Pernambuco
FAEL - Faculdade Educacional da Lapa
FEAD/MG - Faculdade de Estudos administrativos de Minas Gerais
FITS - Faculdade Integrada Tiradentes
FTC - Faculdade de Tecnologia e Ciências
IES - Instituição de Ensino Superior
LDB - Lei de Diretrizes e Bases de Educação
MEC - Ministério de Educação
NEAD - Núcleo de Educação a Distância
NPGED - Núcleo de Pós-graduação em Educação
NTE - Núcleo de Tecnologias Educacionais
NUCE - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Comunicação e Educação
OVA - Objetos Virtuais de Aprendizagem
PDI - Plano de Desenvolvimento Institucional

PED - Programa de Ensino a Distância
PQD - Programa de Qualificação Docente
PPGE - Programa de Pós-graduação em Educação
PROFOPE - Programa de Formação de Professores
PROINFO - Programa Nacional de Tecnologia Educacional
PROLEAD - Programa de Licenciaturas a Distância
REUNI - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SEED - Secretaria de Educação de Sergipe
SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação
UAB - Universidade Aberta do Brasil
UFCE - Universidade Federal do Ceará
UFS - Universidade Federal de Sergipe
UFPB - Universidade Federal da Paraíba
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
ULBRA - Universidade Luterana do Brasil
UNEB - Universidade do estado da Bahia
UNED - Universidade de Educação à Distância
UNESA - Universidade Estácio de Sá
UNIDERP - Universidade Anhanguera
UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina
UNIREDE - Universidade Virtual Pública do Brasil
UNIT - Universidade Tiradentes
UNIVIR - Universidade Virtual
UNOPAR - Universidade do Norte do Paraná
USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: CARACTERÍSTICAS E HISTÓRIA	21
2.1 Emergências da Educação Superior a Distância no Brasil e em Sergipe	25
3 IMPLANTAÇÃO DA ESTRUTURA DA EAD NA UNIT	30
3.1 Primeira Turma na Modalidade EaD - UNIT	36
3.2 Evidenciando as Dificuldades	49
3.3 Evidenciando as Possibilidades	51
4 IMPLANTAÇÃO DA ESTRUTURA DA EAD NA UFS	53
4.1 Primeira Turma na Modalidade EaD -UFS	58
4.2 Evidenciando as Dificuldades	67
4.3 Evidenciando as Possibilidades	69
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	75
APÊNDICES - ENTREVISTAS COM GESTORES DE EAD	79
Apêndice A - Roteiro de Entrevista	79
Apêndice B - Entrevista com a Profª Drª Andreia Karla - UNIT	80
Apêndice C - Entrevista com o Prof. Dr. Ronaldo Linhares - UNIT	86
Apêndice D - Entrevista com o Prof. Dr. Itamar Freitas - UFS	94
Apêndice E - Entrevista com o Prof. Dr. Jean Fábio - UFS	99

1 INTRODUÇÃO

O meu interesse pela Educação a Distância (EaD) foi despertado durante uma experiência profissional em duas instituições de educação superior, ambas localizadas em Sergipe. Iniciei na Universidade Tiradentes (UNIT) em 2008, como tutor presencial, nas disciplinas pedagógicas do curso de Matemática, nos polos de Itabaiana e São Domingos, em Sergipe. Foi um desafio trabalhar na modalidade à distância, pois me auxiliou na superação das minhas limitações, frente ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Participei de várias capacitações promovidas pelo Núcleo de Educação a Distância (NEAD) da UNIT, além de ter realizado o curso de especialização *Lato Sensu* em “Docência e Tutoria em EAD”, na mesma instituição, e concluído em 2011.

Em 2010, iniciei no Centro de Educação a Distância (CESAD), na UFS, como tutor a distância na disciplina de Didática dos cursos de licenciatura em Matemática, Química, Física, Geografia e História, nos polos de Propriá, Neópolis, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Socorro e São Domingos. Foram as primeiras turmas da Universidade Aberta do Brasil (UAB), em Sergipe.

Nesse contexto profissional, deparei-me com a realidade das TIC e percebi as modificações em termos de tempo e espaço, que a modalidade EaD tem proporcionado, sobretudo em razão das transformações que vêm ocorrendo na Educação, provocando-me inquietações, contempladas nas palavras de Drucker (2002, p. 23):

A cada poucas centenas de anos ocorre na história ocidental uma transformação significativa. Atravessamos o que eu chamo de “limite”. Em poucas décadas, a sociedade se reorganiza – muda sua visão de mundo, seus valores básicos, sua estrutura social e política, suas artes, suas instituições fundamentais. Cinquenta anos depois, há um novo mundo. E as pessoas jovens, então, nascidas não conseguem nem imaginar o mundo em que seus avós viveram e no qual seus próprios pais.

A partir dessas duas experiências no exercício da tutoria e docência em EaD, senti-me desafiado a fazer uma investigação, do ponto de vista histórico, sobre o processo de implantação dessa modalidade de ensino em ambas instituições. Para isso, almejei responder à seguinte questão: Como foi estruturado o processo de implantação da Educação Superior a Distância na UNIT e na UFS? Para apoiar esta questão norteadora, busco também responder: Quais as dificuldades e as possibilidades evidenciadas pelos gestores nesse processo de instalação? Quais os pontos de aproximação durante a implantação da EaD na UNIT e na EaD da UFS?

Este trabalho está inserido na linha de pesquisa História, Sociedade e Pensamento Educacional do Mestrado em Educação da UFS, no qual procuro compreender, a partir da narrativas orais de gestores e apoio de fontes impressas e iconográficas, o processo inicial de

instalação da EaD na UNIT e na UFS. A UNIT é uma instituição de educação superior de cunho privado, já a UFS é uma instituição pública, ambas de natureza jurídica diferente, as quais constituem nas maiores instituições em nível superior do Estado e introduziram o sistema de EaD no seio de uma estrutura pedagógica historicamente voltada para a educação presencial. Ao descrever e analisar esse processo inicial da EaD, em ambas as instituições, procurei destacar, sobretudo, as dificuldades e as possibilidades apresentadas pelos gestores no início de suas atividades administrativas e pedagógicas.

Dessa forma, ao responder estas questões, espero contribuir para a história da educação em EaD, em Sergipe. No entender de Stephanou e Bastos (2005, p. 417), “[...] o conhecimento histórico é uma operação intelectual que se esforça por produzir determinadas inteligibilidades do passado e não sua cópia”.

Enquanto pesquisador de história da educação, destaco que não existe uma só realidade passada, mas quantas forem possíveis de serem analisadas e interpretadas, estabelecendo critérios para analisar as narrativas orais e os documentos no sentido de acompanhar, do ponto de vista histórico, as experiências, as emoções e as ideias narradas pelos gestores durante a implantação desta modalidade educativa na UNIT e na UFS, salvaguardando a natureza do privado e do público destas instituições. O foco da investigação encontra-se no que narra os gestores, na inserção que tiveram durante aquele processo histórico, considerando também os documentos consultados.

Partindo do pressuposto de que a história apresenta-se como é (VEYNE, 1998) fica então a preocupação com “o olhar”, pois este deve partir do princípio de que, ao procurar estudar um acontecimento histórico, o pesquisador compreende que escrever história não é tarefa fácil, pois consiste em observar os episódios e reencontrar nestes uma organização que permita conhecer e analisar ocorrências.

Esta pesquisa se situa metodologicamente no âmbito do domínio da História oral, considerando o campo de observação dos gestores em EaD. Para Thompson (2002, p. 25), “a história oral oferece, quanto à sua natureza, uma fonte bastante semelhante à autobiografia publicada, mas de muito maior alcance”. O autor realça ainda que, ao se fazer a pesquisa oral, pode-se escolher “[...] a quem entrevistar e a respeito do que perguntar”.

A respeito da veracidade do depoimento oral, Thompson (1998, p. 22) afirma que a utilização de entrevistas como fonte por historiadores vem de muito longe e é perfeitamente compatível com os padrões acadêmicos, acrescentando inclusive que elas foram usadas para fins conservadores e antidemocráticos. Defende ainda que há maneiras de se comprovar a

confiabilidade de cada depoimento e se eles podem ser falhos, são falhos na mesma medida de outras fontes.

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, centrada na metodologia da história oral, construída através das narrativas de gestores, com apoio de documentos escritos e iconográficos. Segundo Rüsen (2011, p. 11), através da narrativa, a consciência histórica se manifesta, “em uma estrutura única de pensamento, num modo de consciência que é adequado ao relacionamento de assuntos da história”. Para Souza (2006), a história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea.

A escolha desse objeto de estudo teve origem na experiência que vivi no exercício da tutoria e porque essas instituições foram pioneiras na EaD, na educação superior, em Sergipe, o que favoreceu a utilização de uma abordagem histórica sobre a implantação da EaD, fundamentada nas narrativas orais de gestores, responsáveis diretamente por esse processo inicial.

Se antes as narrativas eram voltadas para grandes acontecimentos políticos, com o advento da história cultural, buscou-se recolher narrativas de pessoas comuns, reconstruindo as maneiras de como elas dão sentido à vida (BURKE, 2008). Neste estudo, a narrativa histórica é entendida como fato/acontecimento relativo à implantação da EaD, narrado pelos gestores. As narrativas dos gestores demonstram o agir de si, no processo de implantação da EaD, dando um sentido próprio a essas experiências.

Na reconstrução histórica da EaD da UFS e da UNIT, compreendi a narrativa como uma das alternativas de reconstituição da história. Assim, com base nos estudos desenvolvidos por Le Goff (2003, p. 12), a narrativa atende a necessidade do historiador, misturando “relato e explicação [o que] fizeram da história um gênero literário, uma arte, ao mesmo tempo em que uma ciência”.

Assim, a narrativa recorre a lembranças para interpretar essas experiências – aquilo que mexe com os narradores e que possibilitam projetar um futuro. As lembranças fluem da vida prática atual e podem se transformar em consciência histórica quando se torna presente o passado mediante o movimento da narrativa. Em relação às narrativas dos gestores, eles se lembraram do passado, dos processos e as interpretaram a partir do presente, que por sua vez, indica a continuidade com o futuro (RÜSSEN, 2001). O que unifica o passado, presente e futuro? A identidade daqueles que têm de produzir essa narrativa (histórica) marcada pela

intenção do narrador (gestor) e do seu entender do fluxo de tempo, por isso, a narrativa é uma forma de constituição da identidade humana.

As narrativas coletadas nesta pesquisa são documentos que consistem em depoimentos qualificados, com base na experiência dos gestores, elucidando a história da EaD nas duas instituições. Busquei em suas falas, elementos sobre o processo de inserção da UFS e UNIT, na oferta da EaD; preparação das primeiras turmas; organização administrativa; inauguração dos polos, dentre outros, baseando-se no roteiro da entrevista.

Cunha (1997) faz uma reflexão sobre o papel das narrativas no ensino e na pesquisa. A narrativa é uma forma de mudança para o sujeito que narra e para o seu interlocutor. Há uma relação íntima e dialética entre o que se narra e a experiência vivida – tanto como suporte para a narrativa, quanto o próprio ato de narrar. Nesse sentido, ela recupera, do ponto de vista individual e (ou) coletivo, cujos enunciados constituem em uma teia para a construção da história oral.

O recorte temporal tem como base o ano de 2000 e 2006, anos respectivos de início da EaD na UNIT e na UFS. Ressalto que a oferta nacional de educação superior a distância já vem acontecendo, desde metade das décadas de 1990. Apesar da distância temporal em relação aos primórdios da EaD entre as instituições, procurei algumas aproximações entre esse processo inicial, direcionando no entendimento de que ambas passaram por grandes dificuldades do ponto de vista da aceitação da sociedade e dos próprios profissionais da educação envolvidos na oferta da EaD.

Em relação aos preparativos para a implantação da modalidade educação a distância, evidenciaram-se dificuldades e possibilidades referentes à inauguração dos polos, quanto às instalações administrativas, salas de aula/tutoria, sala do gestor, laboratório de informática, biblioteca, inclusive, recursos de tecnologia de informação e comunicação, como áudio visuais e multimídia, que tiveram implicações nas questões pedagógicas e comunicacionais.

Segundo a Portaria Normativa nº 02/2007, § 1º, “o polo de apoio presencial é a unidade operacional para desenvolvimento descentralizado de atividades pedagógicas e administrativas relativas aos cursos e programas ofertados a distância”. Nesse sentido, minha questão central visa responder conforme assinalei, como essas instituições implantaram seus sistemas de EAD e analisei do ponto de vista histórico, a implantação dos dois sistemas superior em EaD, procurando pontos de aproximações em relação às dificuldades e as possibilidades desse processo inicial em Sergipe.

A alternativa selecionada pelos gestores, como narradores, ocorreu em razão da importância capital que essa função apresenta na instituição de um sistema de ensino, pela capacidade de assumir a direção do processo em diferentes direções da infraestrutura física,

organização de pessoal e outras providências que tornem eficiente o Sistema. O gestor de uma instituição de ensino superior na modalidade EaD enfrenta uma complexidade de atribuições, as quais exigem um olhar estratégico para a dinâmica da situação. Para Rumble (2003), assim como na educação presencial, a função do gestor na modalidade à distância é dirigir o trabalho dos membros da instituição por meio de planejamento, da organização, direção e controle com a elaboração de estratégias, definições de objetivos e execução dos planos de coordenação de atividade, além de solucionar conflitos e detectar supostas falhas e erros, relacionados ao plano. Os gestores, portanto, foram os escolhidos como sujeitos para as entrevistas dessa investigação.

As narrativas orais foram realizadas através da realização de entrevistas semiestruturadas, com gestores que participaram do processo de implantação da EaD, na UNIT e na UFS. Nesse sentido, esclarece Alberti (2005, p. 22 - 23):

a entrevista de história oral permite também recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares, etc. Nos dias atuais, em que é mais fácil dar-se um telefonema, passar um e-mail, ou viajar rapidamente de um lugar para outro, muitas informações são trocadas prescindindo-se da forma escrita (ou então, no caso da troca de e-mails, deixando-se de preservá-los) – informações inéditas que podem ser resgatadas durante uma entrevista de história oral e confrontadas com outros documentos escritos e/ou orais.

A escolha dos entrevistados teve início com a coleta inicial de documentos, nos quais foram identificados os responsáveis que efetivamente participaram da gestão do processo de implantação da EaD, nas duas instituições. Após a identificação, foram realizadas consultas via email, sobre a viabilidade de coleta das narrativas orais, só alguns responderam à solicitação, todavia, dei continuidade e enviei vários e-mails aos gestores, dos quais não obtive retorno.

Após a confirmação, via e-mail, dos gestores que aceitaram participar da entrevista, elaborei um roteiro com 15 (Quinze) perguntas acerca do processo de implantação da EaD, referente a cada instituição. As questões versam sobre o que pensam os gestores a respeito da EaD, a saber: Como ocorreu a implantação da EaD em suas instituições, as dificuldades que enfrentaram nesse processo e as possibilidades que vislumbravam acerca dessa modalidade de ensino. Questionou-se também, sobre a implantação dos polos e oferta das primeiras turmas e, sobretudo, a respeito da infraestrutura física dos polos presenciais, bem como as questões pedagógicas relativas à comunicação.

No primeiro contato com os entrevistados, apresentei o objetivo da pesquisa, destacando a relevância da colaboração para a efetivação desta investigação. Os entrevistados tiveram acesso às perguntas antes das entrevistas, além da ciência para disponibilizar o acesso à respectiva gravação. No dia e horário definidos por cada um dos entrevistados, realizei a entrevista gravada, que posteriormente foi transcrita e enviada para leitura e aprovação dos

entrevistados, acompanhados do termo de consentimento destes, para a publicação. Segundo Alberti (2005, p. 31-32):

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos.

No processo de leitura das narrativas, agrupei trechos referentes ao processo inicial, as primeiras turmas, dificuldades e possibilidades, por considerar que nas entrevistas esses elementos eram sistematicamente verbalizados.

A primeira entrevista foi realizada com o Prof. Dr. Itamar Oliveira Freitas, no dia 02 de abril de 2013, às 14 horas, na sala do Departamento de Educação da UFS; a segunda entrevista foi realizada na UNIT, na própria sala de trabalho da entrevistada, com Prof^a Dr^a Andrea Karla Nunes Ferreira, no dia 22 de maio de 2013, às 18 horas. No dia 30 do mesmo mês, entrevistei o terceiro gestor, Prof. Dr. Ronaldo Linhares, na sua própria sala de trabalho da UNIT, às 16 horas. A quarta e última entrevista ocorreu no dia 24 de julho, na sala do CESAD/UFS, às 10 horas, com o Prof. Msc Jean Cerqueira.

Na UNIT, o professor doutor Ronaldo Linhares Nunes, docente da instituição já há algum tempo, foi convidado durante o doutorado, para implantar a Plataforma “Moodle”, em 2000. Na ocasião montou uma pequena equipe com Mário Vasconcelos, mestre na área de TIC e Gilvanda Maria Dias da Silva, especialista em EaD, pelo Ministério de Educação (MEC), dando início aos trabalhos na instituição. Assumiu então a condição de gerente do NEAD.

Em 2004, somou-se ao NEAD, a professora doutora Andrea Karla Nunes, para ocupar-se das disciplinas online: matemática, metodologia científica e língua portuguesa, exercendo a função de Assessora Pedagógica.

Na UFS, a equipe inicial do CESAD era composta pelos professores, Manuel Bernardino Lino, responsável pela instalação das TIC, do Departamento de Matemática e professor doutor Ricardo Lacerda, vinculado ao Departamento de Economia, primeiro diretor do CESAD, tendo então o professor Itamar Freitas como vice-diretor. Após a saída de Ricardo Lacerda, assumiu a professora doutora Lilian França, como diretora geral, com o professor Itamar Freitas como vice, ficou por algum tempo também a frente da Coordenadoria de Material Didático. O professor doutor Itamar Freitas ingressou na UFS, no Departamento de Educação, em agosto de 2006 e se envolveu na instalação do CESAD, quando já iniciara a implementação do sistema de ensino.

O professor mestre Jean Fábio Borba Cerqueira, vinculado ao Departamento de Comunicação, somou-se à equipe, como Coordenador do Núcleo de Produção do Material

Didático Virtual do CESAD/ UFS, responsável pela produção dos vídeos aulas e também dos Objetos Virtuais de Aprendizagem (OVA).

As entrevistas foram gravadas, transcritas e depois submetidas à aprovação dos entrevistados, com a aquiescência destes para divulgação de suas identidades. Todavia, vivenciei muitas dificuldades para a realização da minha pesquisa, inicialmente com a ausência de resposta, referente aos e-mails de pessoas que participaram do processo de implantação da EaD, mesmo com o ofício de permissão, as barreiras prevaleceram a todo momento, na busca de ter acesso aos documentos e fotos das instituições.

Em cada narrativa, novos fatos emergiam contemplando situações, trazendo novos olhares, contribuindo para a compreensão do processo de implantação da EaD, além disso, buscou-se na memória os acontecimentos e as emoções daqueles que viveram experiências naquele espaço de trabalho. Compartilho o que afirmam Stephanou e Bastos (2005, p. 420): “A memória é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções, sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas”. Houve momentos em que as narrativas dos entrevistados traziam lágrimas, indignação, anseios, receios, frustrações, alegria, risos e pausas.

Respeitando a escolha dos entrevistados, a realização das entrevistas foi no próprio setor de trabalho. Os depoimentos, deste modo, revelaram-se a melhor forma de obter não apenas lembranças do passado, mas também a representação das pessoas cujas vidas estavam de certa forma relacionadas com o processo de implantação da EaD, nas duas instituições de ensino superior em Sergipe.

Em cada entrevista abordei os gestores, compreendendo situações que não foram possíveis de buscar na memória dos entrevistados, referente às informações solicitadas. “Quanto mais se têm ideias claras sobre o que se procura compreender e sobre a maneira correta de procurá-lo, mais se poderá apreender, qualquer que seja o informante”, afirma Thompson (1998, p. 10) um dos fundadores da história oral, na Grã-Bretanha.

As narrativas foram analisadas a partir da referência de qualidade para a implantação da EAD, instituída pelo MEC (Portaria. N. 40, Dezembro de 2007), particularmente em Infraestrutura física do polo de apoio presencial, tais como, sala de tutoria e sala de coordenação, laboratórios de informática, biblioteca, e recursos tecnológicos.

No primeiro capítulo, apresentei algumas características em EaD, destacando os elementos norteadores, para subsidiar a análise das narrativas dos gestores. Em seguida, destaquei de forma breve a emergência da educação superior no Brasil. Apresentei breve histórico sobre ensino superior em Sergipe.

No capítulo dois, destaquei as narrativas orais dos gestores entrevistados da UNIT,

como ocorreu o processo de implantação da EAD, descrevendo e analisando a infraestrutura física dos polos de EaD da UNIT.

No terceiro capítulo, trouxe os enunciados nas narrativas orais dos gestores entrevistados da UFS, faço o mesmo itinerário anterior.

Por fim, analisei os aspectos apresentados da infraestrutura física das duas instituições, apontando aproximações nesse movimento de criação dos cursos superiores a distância nas duas instituições.

2 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: CARACTERÍSTICAS E HISTÓRIA

Neste capítulo, procurei elencar algumas características sobre a EaD, destacando os elementos norteadores, para subsidiar a análise das narrativas dos gestores envolvidos no processo de implantação do sistema de EaD na UNIT e na UFS.

Baseando-se em estudos consolidados, no que concerne à EaD, realizei leituras em Moore e Kearsley (2008); Belloni (2012); Maia e Mattar (2007); Romão (2008); Mercado (2009); Sobral (2010a, 2010b, 2011); Formiga (2009) dentre outros que indicam que há elementos singulares e comuns no conceito de EaD que, de um modo geral, favoreceu uma compreensão das características, potencialidades e dificuldades desta modalidade.

A EaD é uma modalidade de educação na qual, professores e alunos encontram-se em locais diferentes “durante todo ou grande parte do tempo em que aprendem ou ensinam” (MOORE; KEARSLEY, 2008, p.1). Em geral, a sigla EaD é aplicada a atividades de ensino e aprendizagem em que o estudante e o professor estão separados fisicamente, o que distingue do ensino presencial. Portanto, é crucial que os sujeitos citados estejam cientes das especificidades desta modalidade para que estejam integrados, evitando equívocos e, até mesmo, crenças e preconceitos.

Na perspectiva do MEC (2002), o conceito de EaD ganhou uma dimensão renovada, tornando-se uma educação sem distâncias. Segundo Neder (2005, p. 78), “a essência da EaD está não somente na sua adjetivação (a distância), mas também naquilo que lhe é substantivo (educação)”. Nessa direção, Sobral (2010) considera a EaD uma prática social e cultural, o que implica necessariamente na definição de princípios educativos específicos que variam de sociedade para sociedade e de época a época. Para Belloni (2012, p. 58) “a educação é e sempre foi um processo complexo que utiliza a mediação de algum tipo de meio de comunicação, com completo apoio à ação do professor, em sua interação pessoal e direta com os estudantes”.

Porém, não se trata apenas da mera transposição dos ambientes, recursos e metodologias educacionais utilizados no modelo presencial. De acordo com as atribuições definidas pelo MEC (2002), o projeto de EaD de qualquer instituição a ser desenvolvido, deverá ser coerente com o projeto pedagógico e não pode ser uma mera transposição do presencial. A EaD possui características, linguagem e formato próprios, exigindo administração, desenho, lógica, acompanhamento, avaliação, recursos técnicos, tecnológicos e pedagógicos condizentes com esse formato. A EaD tem identidade própria, não estando limitada a uma concepção adicional do ensino presencial.

A EaD beneficia diretamente as pessoas que moram em lugares isolados, afastados dos locais em que é possível estudar presencialmente. Além disso, proporciona ainda pessoas que,

por diversos motivos, não podem se deslocar até uma instituição de ensino presencial, ou as que trabalham em horários alternativos ou viajam constantemente, sem conseguir, por isso, se comprometer a frequentar uma instituição de ensino tradicional.

Segundo Maia e Mattar (2007), além da separação física, costuma-se também associar a EaD à separação temporal entre estudantes e professores. Existem algumas atividades síncronas em EaD, ou seja, em que professores e alunos precisam estar conectados na mesma hora, como chats, vídeoconferências interativas e, mais recentemente, plataformas visuais. Mas, na maior parte dos casos, as atividades em EaD são assíncronas, ou seja, professores e estudantes estão separados no tempo.

O estudo a distância implica, portanto, não apenas a distância física, mas também a possibilidade da comunicação diferida, na qual o aprendizado se dá sem que, no mesmo instante, os personagens envolvidos estejam participando das atividades, ao contrário do que ocorre normalmente no ensino tradicional e presencial. Nesse sentido as TIC geraram maior velocidade em várias atividades, inclusive no ensino e na aprendizagem. Muitos projetos de EaD baseiam-se no mesmo conceito de tempo que são utilizados nas atividades presenciais, que envolvem o modelo dos cursos e das disciplinas, os currículos, a avaliação.

O tempo virtual, entretanto, ao contrário do tempo real, que mede as aulas presenciais, pode ser controlado pelo aluno em EaD. O tempo virtual difere sensivelmente do tempo real, assim como o tempo real é distinto do tempo do inconsciente, por exemplo. Logo, seria necessário respeitar a especificidade do tempo virtual em EaD, em vários sentidos. Segundo Lévy (1996, p.16):

Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização.

Também no uso dos recursos de tempo diferido, da comunicação assíncrona; porque insistir em atividades síncronas significa insistir no tempo presencial, em que todos precisam estar presentes nos mesmos horários, enquanto EaD possibilita a comunicação diferida. E também no respeito ao tempo de aprendizado de cada estudante, pois os seres humanos progridem em ritmos próprios e, muitas vezes, muito diferentes uns dos outros no processo de aprendizagem. Portanto, a EaD possibilita a interatividade em diferentes espaços e de tempo em favor da educação. O estudante estuda onde e quando quiser e puder. Ou seja, o estudante se autoprograma para estudar, de acordo com o seu tempo e a sua disponibilidade dentro de um planejamento proposto pela instituição do Ensino Superior.

O planejamento deve incluir o acompanhamento e a supervisão da aprendizagem por professores tutores, apesar de muitas instituições acreditarem que a simples produção de um

bom conteúdo seja a sua única função educacional. Nesse contexto, o que foi alterado com as novas mídias é que os estudantes e professores têm a possibilidade de interação e não apenas de recepção de conteúdos. Além disso, o estudante e o professor a distância, aprendem a trabalhar com essas ferramentas, o que se constitui em uma vantagem competitiva no mercado de trabalho atual.

Mais recentemente, a EaD, passou a utilizar intensamente tecnologias de telecomunicações e transmissão de dados, sons e imagens que convergem para o computador e a internet. Hoje, são muito utilizadas em EaD mídias eletrônicas e principalmente a internet, mas isso não faz necessariamente parte da definição do conceito mais amplo de EaD; pode ocorrer EaD, por exemplo, com material impresso enviado pelo correio. Portanto, é importante distinguir a EaD, que pode envolver qualquer tipo de tecnologia de comunicação para mediar à relação entre estudantes, professores, conteúdo e instituições.

As instituições de educação superior (IES) brasileiras iniciaram o desenvolvimento com a EaD, a partir da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 e também com a consolidação das tecnologias e a expansão da internet, em 1994. A primeira geração da EaD do Brasil foi marcada pela educação por correspondência em 1904, com a oferta em formação de iniciação em áreas técnicas promovidas por instituições privadas. A segunda, com a incorporação das mídias eletrônicas, por fim, a chamada Educação online.

Quadro 1- Gerações de EaD

Gerações de EAD (Maia e Mattar	Formas	Recursos instrucionais e tecnológicos básicos
Primeira	Ensino por Correspondência	Materiais impressos, livros, apostilas
Segunda	Novas mídias e universidades	Rádio, Vídeo, TV, Fitas cassetes
Terceira	EaD online	Internet, MP3, ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), vídeos, animações, ambientes 3D, redes sociais, fórum

Fonte: Organizado pelo autor de acordo com a proposta de Maia e Mattar (2007)

Segundo Maia e Mattar (2007), antes do surgimento das tecnologias interativas, como a internet, a ideia da autonomia do estudante talvez tenha sido a marca mais exata da EaD. Com a EAD o estudante torna-se independente, sem ficar limitado pelas restrições de tempo e espaço característicos da educação presencial. A EaD demonstrou que é possível aprender sozinho, sem a necessidade de um grupo, tanto que Desmond Keegan (1991), em seu importante *Foundations of distance education*, considerou a separação do estudante em relação ao grupo de aprendizagem parte da própria definição de EaD. O estudo independente e o aprendizado privado, desenvolvidos pelo EaD, desafiaram a necessidade de interação em educação. Essa

interação é aqui compreendida na perspectiva de Belloni (2012, p.58), como “ação recíproca entre um ou mais autores”, direta ou mediatizada.

Mesmo na leitura de um texto ocorre interação entre o leitor e o texto, entre o leitor e o próprio autor do texto. O alemão Borje Holmberg (1981) um dos pioneiros da teoria de EaD desenvolveu a noção de ensino com uma conversa didática guiada (*guided didactic conversation*), e materiais para EaD são produzidas em geral com esse propósito, de reproduzir uma conversa entre um guia e um leitor. Além do que, mesmo antes do desenvolvimento das tecnologias interativas, o estudante e o professor interagiam, ainda que demoradamente, pelo correio, por exemplo, e mesmo os estudantes podiam interagir entre si e com tutores, esporadicamente, em centros de apoio, e estudos. De qualquer maneira, a ideia da autonomia e independência do estudante era parte integrante do conceito de EaD, enquanto a ideia de interação não, mais porque não havia tecnologia capaz de reproduzir, à distância, a riqueza da interação em sala de aula (MAIA; MATTAR, 2007).

Nesse contexto da EaD, a autonomia do estudante deve ser estimulada pelo professor e a tecnologia é apenas uma ferramenta que vem favorecendo a interatividade entre os dois sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, mas requer uma postura independente, crítica e proativa.

De acordo com Maia e Mattar (2007), com o desenvolvimento das tecnologias interativas, entretanto, esse cenário mudou radicalmente. É possível agora ensinar, face a face a distância, como afirma o próprio Keegan (1991), uma vez que a tecnologia permite reconstruir virtualmente a interação e a intersubjetividade que ocorrem na educação tradicional e presencial, e que muitos consideram essenciais. Mesmo na interação entre o aluno e o conteúdo, as novas ferramentas abrem possibilidades antes inimagináveis.

Levando em consideração as concepções educacionais de Paulo Freire (2002) sobre a educação, nos projetos de EaD espera-se que se incluísse uma comunicação de mão dupla, que envolvesse a possibilidade de diálogo com o professor e os demais estudantes. Portanto, muitos autores consideram que a ideia de interação deve fazer parte do conceito de EaD. Contudo, mesmo com os processos das tecnologias, muitos modelos de EaD privilegiam o estudo autônomo e independente, utilizando muito poucas atividades interativas, porque essas atividades, ainda que assíncronas, em geral provocam restrições de tempo para o estudante, o que contraria ao próprio espírito da aprendizagem à distância. Portanto, a interação de professores e estudantes não é considerada por todos uma característica necessária para a EaD, já que alguns modelos defendem a autonomia e independência do estudante. Sendo assim, o grau de combinação entre as atividades individuais e em grupo, para muitos, define a EaD.

As tecnologias geram, sem dúvida, maior interação de professores e estudantes, e

mesmo entre os próprios estudantes, possibilitando justamente a combinação da flexibilidade de interação humana com a independência no tempo e no espaço.

A educação tradicionalmente presencial passou a ter uma concorrência cada vez mais forte da EaD em nível superior, nos finais dos anos de 80 e início dos anos 90 do século passado, graças à expansão dessa modalidade de ensino, em razão das mudanças ocorridas pelos avanços das TIC e as novas descobertas científicas, que impuseram novos desafios à sociedade e, por conseguinte, à educação.

O surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre nossa cultura. Contudo, surge a questão das condições, características e efeitos reais desta mudança (CASTELLS, 2007, p. 414).

A EaD, portanto, é uma prática educativa sustentada nos mesmos princípios filosóficos e epistemológicos do ensino presencial, porém apresenta características próprias que envolvem formas comunicacionais, gerenciamento, planejamento e, sobretudo, produção de material didático – impresso, eletrônico e virtual, capazes de favorecer o aprendizado independente e a distância.

O polo de apoio presencial deve atender ao modelo proposto pelo MEC (2002), que determina uma estrutura mínima, que deve ser observada pelo proponente de polo de apoio presencial, com disponibilidade de acervo bibliográfico, laboratórios pedagógico, laboratório de informática, sala de tutoria, coordenação de polo, secretaria acadêmica, além de salas de aula e outros espaços fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem.

2.1 Emergências da Educação Superior a Distância no Brasil e em Sergipe

No mundo, a EaD em nível superior se desenvolveu basicamente de duas formas, como universidade aberta e totalmente a distância, como exemplo a *Open Univerty* na Inglaterra (1967), Universidade Aberta na Espanha e a Universidade Aberta de Portugal. Porém, nos Estados Unidos, a opção ocorreu pela inserção da modalidade a distância, em instituições que tinham a educação presencial, modelo este adotado pelo Brasil. Trata-se de um modelo híbrido, no qual se aproveita a competência das instituições presenciais, para o desenvolvimento da modalidade a distância.

No Brasil, as preocupações com a implantação da EaD se materializou de forma mais acentuada a partir da LDB de nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.¹

Em 1979, foi ofertado um curso de extensão universitária pelo Programa de Ensino a

¹ Sendo normatizada pelo Decreto nº 2.494 (de 10 de fevereiro de 1998), Decreto n. 2561 (de 27 de abril de 1998) e pela Portaria Ministerial nº 301 (de 7 de abril de 1998). Mato Grosso teve sua primeira experiência em EAD a distância, em 1995, antes mesmo da promulgação da lei. Depois Alagoas (1994), Paraná (1998), Ceará (1998) e Santa Catarina (1998) (PRETI, 2005).

Distância (PED) pela Universidade de Brasília, foi pioneira no uso da EaD, na educação superior. A partir da década de 1990, as IES iniciaram o desenvolvimento de cursos a distância, porém com carga horária presencial, em diferentes formatos e com o uso de tecnologias impressas, eletrônicas e digitais.

As universidades abertas e à distância consolidaram também a ideia de que uma instituição, e não um professor isolado ensina tanto a grupos quanto a indivíduos, por meio de sistemas de aprendizado sofisticados e divisões de trabalhos inovadores. Essas universidades desenvolvem a cultura do trabalho e da pesquisa em equipe, garantindo assim boa qualidade tanto no ensino quanto na pesquisa, objetivos associados à própria ideia de universidade. Além disso, oferecem também um sistema distribuído de tutoria, procurando atender às necessidades cognitivas, afetivas e administrativas de seus estudantes, mantendo, por isso, um número reduzido de estudantes para cada tutor.

A maior concentração de cursos credenciados a distância no Brasil ocorre na educação superior. Mesmo os cursos superiores técnicos podem funcionar à distância, utilizando, por exemplo, laboratórios próximos ao local de residência do estudante. Essa modalidade de ensino culmina com a distância o convívio social e humano, mas isso é compensado de diversas formas: algumas instituições de Ensino superior (IES) só abrem suas classes a distância quando é formado um grupo de estudos em determinada região, o qual se reunirá com certa frequência e até mesmo receberá periodicamente a visita de alguns professores; outras instituições exigem que parte das atividades seja realizada no seu campus.

A UAB é um sistema de formação em educação superior implantado pelo governo federal, em parceria com instituições de ensino superior, governos municipais e estaduais, com o objetivo de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior pública no país, favorecendo o acesso à educação superior e estimulando a criação de centros de formação, através de polos de apoio presencial. Desde seu nascimento, tende a combinar diversos materiais, como impressos, áudios, vídeos, multimídia, internet e videoconferências.

O sistema UAB foi criado em 2005 e oficializado pelo Decreto nº. 5.800 (de 8 de junho de 2006) como um consórcio de Instituições Públicas de Ensino Superior, Estados e Municípios, coordenado pela Secretaria de Educação a Distância do MEC. Segundo o decreto, seus objetivos principais são, conforme (MAIA; MATTAR, 2007):

- I - oferecer, prioritariamente, cursos de licenciatura e de formação inicial e continuada de professores da educação básica;
- II - oferecer cursos superiores para capacitação de dirigentes, gestores e trabalhadores em educação básica dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios;
- III - oferecer cursos superiores nas diferentes áreas do conhecimento;
- IV - ampliar o acesso à educação superior pública;
- V - reduzir as desigualdades de oferta de ensino superior entre as diferentes

regiões do país;

VI - estabelecer amplo sistema nacional de educação superior a distância; e

VII- fomentar o desenvolvimento institucional para a modalidade de educação à distância, bem como a pesquisa em metodologias inovadoras de ensino superior apoiadas em tecnologias de informação e comunicação.

De acordo com Maia e Mattar (2007) a oferta de cursos de EaD por meio de UAB começou com um projeto piloto, em março de 2006, contendo um curso de administração e o programa Pró-Licenciatura, que atendeu, principalmente, professores da rede pública de educação básica, sem formação superior. Porém, antes desse período algumas universidades federais já ofereciam curso de graduação a Distância, a exemplo a de Mato Grosso e da Alagoas. Foram experiências pontuais, pautadas, sobretudo, no material impresso e audiovisual que possibilitaram a continuidade e a expansão para outros estados.

Em nível nacional, foi criado um consórcio interuniversitário chamado de Universidade Virtual Pública do Brasil (UNIREDE) que preconizava instituir cursos em EaD nas instituições. Essa experiência precursora da criação da UAB demonstrou o quanto essa modalidade educativa estava sendo abraçada por docentes em nível superior.

Em Sergipe, também ocorreram várias experiências em EaD, sobretudo em instituições privadas, como demonstra o quadro abaixo, muitas das quais como polos de instituições fora do estado.

Quadro 2 - Cursos e Polos da EaD nas Instituições de Educação Superior em Sergipe

Instituições de Ensino Superior	Polos	Cursos de Graduação
AIEC (Associação Internacional de Educação Continuada) – FAAB (Faculdade de Administração de Brasília)	Aracaju	Pedagogia, Biologia, Geografia, Letras, Matemática e História.
FTC (Faculdade de Tecnologia e Ciências)	Aracaju, Canindé, Estância, Indiaroba, Itabaiana, Itabaianinha, Itaporanga D'ajuda, Japaratuba, N.S. do Socorro, Porto da Folha, Propriá, Simão Dias e Tobias Barreto	Pedagogia, Matemática, Letras - Inglês, História, Geografia e Biologia.
FAEL (Faculdade Educacional da Lapa)	Aracaju	Pedagogia

FEAD-MG (Faculdade de Estudos Administrativos de Minas Gerais).	Aracaju	Turismo, Ciências Contábeis, Administração e Ciências Econômicas
COC (Centro Universitário do Instituto do Ensino Superior)	Aracaju	Pedagogia, Turismo, Letras Espanhol, Letras- Inglês, Administração, Matemática, Computação e Ciências Contábeis.
UNEB (Universidade do Estado da Bahia)	Aracaju	Administração
UNISUL (Universidade do Sul de Santa Catarina)	Aracaju	Serviços Penais, Segurança no Trânsito e Ciências Econômicas.
UNIDERP (Universidade Anhanguera)	Aracaju	Pedagogia, Serviço Social, Letras - Inglês, Gestão, Enfermagem, Ciências Contábeis, Administração, Marketing, Logística.
ULBRA (Universidade Luterana do Brasil)	Aracaju	Teologia, Pedagogia, Filosofia, Hotelaria, Turismo, Gestão Pública, e dentre outros
UNESA (Universidade Estácio de Sá) – FASE	Aracaju	Administração, Pedagogia, Serviço Social, Sistema de Informação, Letras – Português, Gestão e dentre outros.
UNIP (Universidade Paulista)	Aracaju, Itabaiana, Lagarto e Tobias Barreto	Pedagogia, Matemática, Português, Inglês, Administração, Ciências Contábeis, Serviço Social e Cursos Superiores de menor duração.
UNOPAR (Universidade Norte do Paraná)	Aracaju	Administração, História, Pedagogia, Ciências Contábeis, Letras Língua Espanhola e dentre outros.
FACINTER (Faculdade Internacional de Curitiba)	Aracaju	Pedagogia, nas áreas de Tecnologia e Gestão.
UNIFACS (Universidade Salvador)	Aracaju, Itabaiana, Lagarto, São Cristovão, N. S. do Socorro.	Pedagogia, Letras - Português e Inglês, Gestão Comercial, Administração, Ciências Contábeis.

Fonte: Neto e Santos (2011).

Iniciativas em EaD, nas duas maiores universidades do Estado de Sergipe, UFS e UNIT remontam à década de 2000, com experiências pontuais voltadas para cursos de formação continuada. No país, havia já uma movimentação intensa nas universidades tanto públicas quanto privadas, para oferta da EaD.

Na literatura, existem estudos que discutem trabalhos sobre EaD. Realizei inicialmente um levantamento das dissertações produzidas pelo Núcleo de Pós-Graduação em Educação - NPGED da UFS e localizei a dissertação de Fonseca (2006) que trata sobre a implantação da EaD via Internet, apresentando reflexões a partir do levantamento de elementos históricos a cerca da EaD na contemporaneidade, assim como, apresenta a legislação específica e as políticas públicas em atuação.

Outra pesquisa do NPGED/UFS foi realizada sobre Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA): análise das arquiteturas pedagógicas do curso de bacharelado em administração pública do CESAD na UFS, de autoria de Santos (2012), cujo trabalho remete ao AVA utilizada na EaD, tendo em vista as dificuldades encontradas por seus usuários na utilização das interfaces educacionais destes ambientes digitais.

Pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Tiradentes, implantado em 2010, tem-se a pesquisa de Brito (2013), que faz referência à mediação docente no AVA: entre meios, modos e provocações. Ainda constatei a pesquisa sobre a interação nas distâncias: a análise de um processo, de autoria de Meirelles (2010), tem como objetivo compreender a inserção do uso TIC educacional, a partir da análise do processo da interatividade entre estudantes e professores do curso de letras da UNIT, na modalidade a distância.

Diante desse levantamento, ressalto que tais pesquisas tiveram objetos específicos diante das tecnologias e da modalidade EaD, contribuindo para o meu entendimento e organização das ideias em relação ao meu próprio objeto de estudo. Ao realizar o estudo sobre a História da EaD em Sergipe, espero está contribuindo para a dinâmica da institucionalização desta modalidade educativa, fortemente centrado na perspectiva dos gestores e com apoio de documentos escritos e iconográficos.

3 IMPLANTAÇÃO DA ESTRUTURA DA EaD NA UNIT

Neste capítulo, apresento uma análise pautada no processo de implantação da EaD na educação superior da UNIT, fazendo referências às narrativas de gestores que participaram deste processo, baseando-se na análise de documentos disponibilizados pelo NEAD, da referida instituição.

A História da UNIT teve início em 1962, com o Colégio Tiradentes, que ofertava à sociedade sergipana, o Ensino Fundamental e Ensino Médio Profissionalizante, dentre eles o Pedagógico e Contabilidade. Em 9 de dezembro de 1971 foi criada a Sociedade de Educação Tiradentes, sendo cognominada Faculdade Integradas Tiradentes (FITS), mantida pela Associação Sergipana de Administração (ASA), e autorizada pelo MEC em 1972 para ofertar os seguintes cursos de graduação: Ciências Contábeis, Administração e Ciências Econômicas. Em 1994, o MEC autorizou o funcionamento da Universidade Tiradentes, segunda universidade privada do nordeste, que atualmente oferta cursos de Graduação presencial e EaD, cursos Superiores de Curta Duração, Pós-graduação Lato Sensu e Stricto Sensu (RELATÓRIO DO NEAD, 2001).

A UNIT foi pioneira no processo de implantação da educação superior em Sergipe, em março de 2000 foi criado o NEAD, sendo este um setor de responsabilidade da coordenação administrativa e didático-pedagógica dos cursos e atividades na modalidade EaD. Na sua criação, contou com o trabalho do Professor Dr. Ronaldo Linhares (Coordenador) e da Professora Especialista Gilvanda Maria Dias da Silva (Professora da instituição à época).

Cysneiros e Linhares (2006), asseveram que o programa de EaD na UNIT foi inicialmente um projeto pessoal do Pró-Reitor Acadêmico, embora seu entusiasmo não tenha sido compartilhado pela maioria dos gestores, que ainda olhavam com desconfiança a nova modalidade. Os professores viam na EaD uma possibilidade de redução da qualidade do ensino e de postos de trabalho. Conforme Linhares apresenta esse processo:

[...] Tem dois momentos na história: um deles é a criação aqui da UNIT, da primeira universidade a pensar em um projeto que conseguiu autorização e o outro da implantação da Universidade Aberta, em 2006. Esses são os dois grandes momentos da educação a distância que dá para tomarmos como ponto para análise do crescimento da educação em Sergipe. Primeiro momento, no caso da UNIT, é um momento todo experimental, [...]. Em 1995 e em 2000, tem poucas instituições de educação a distância. Em 2004, nós começamos a fazer parcerias e convênios com o interior, aí à proposta se amplia muito. Entre 2000 e 2004 foi experimental, nós tínhamos poucos alunos e o primeiro curso foi de Letras [...]. Tinha uma proposta de levar professores da casa às salas para fazer aulas presenciais, era muito experimental (LINHARES, 30/05/13).

Em 2000, visando aprimorar os conhecimentos sobre a modalidade EaD, os professores

Ronaldo Linhares e Gilvanda Maria participaram de Seminários e Encontros realizados fora do Estado, como a *Educação Aberta e a Distância e o Desenvolvimento Regional*, em Recife, nos dias 11 e 12/05/2000, promovido pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)², o *II Seminário sobre Formação de Professores e os Institutos Superiores de Educação*, em Brasília, nos dias 05 e 06/07/2000, organizado pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES)³, a *Semana Internacional de Educação a Distância* em São Paulo, nos dias 05 e 06/07/2000, promovido pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED)⁴, o Encontro entre NEAD e a Universidade Federal do Ceará (UFCE)⁵ promovido pela referida instituição, no dia 23/10/2000 (RELATÓRIO DO NEAD, 2001).

De acordo com relatório do NEAD (2001), as reuniões de divulgação fizeram parte das ações de apresentação do NEAD à Comunidade Acadêmica da UNIT, as quais se desenvolveram durante o ano de 2000, como se verifica no quadro abaixo:

Quadro 3 - Reuniões do NEAD / UNIT

PERÍODOS	EVENTOS	PARTICIPANTES	OBJETIVOS
Abril a agosto	Reuniões internas	NEAD e as Professoras Ada e Adélia	- analisar e reformular a versão preliminar do PROLEAD; - elaborar o Projeto do PROFOPE.
Agosto	Reunião de divulgação do NEAD	Pró-Reitor Acadêmico, Coordenadores dos Cursos: Ciência da Computação, Jornalismo, Pedagogia, PROFOPE e NEAD	- esclarecer os objetivos da UNIT sobre a EAD; - apresentar a equipe e a proposta de trabalho do NEAD; - discutir a possibilidade de formar uma Comissão com representantes dos cursos para a elaboração do PROLEAD.
Setembro dezembro	Reuniões da Comissão	Membros da Comissão	-Produzir o documento final do PROLEAD.
Novembro	Reuniões de sensibilização	Diretores de Centros, Coordenadores de cursos e Professores	Sensibilizar e discutir com a Comunidade Acadêmica sobre a possibilidade de um trabalho em conjunto e sobre a implantação de cursos de EAD na Universidade.

Fonte: Relatório do NEAD, 2001.

² É uma autarquia integrante do Sistema de Planejamento e de Orçamento Federal, administrativa e autônoma financeiramente.

³ Fundamentado as bases de um pensamento representativo dos mantenedores, visa fortalecer a educação superior particular no Brasil.

⁴ Foi criada em 1995, por um grupo de educadores interessados em novas tecnologias de aprendizagem e em educação a distância, sendo uma sociedade científica, sem fins lucrativos.

⁵ É uma Instituição de Ensino Superior Federal, criada em 1954, sediada em Fortaleza, ofertando educação superior em cinco campi no território Cearense

A UNIT realizou no dia 20 de junho de 2000, através do NEAD, a *1 oficina sobre Educação a Distância* destinada para os técnicos e professores da própria instituição, no sentido de introduzir o tema na comunidade acadêmica, visando valorizar a EaD no intuito de implementar uma nova cultura educacional na instituição.

O NEAD realizou alguns programas e projetos na época, como o programa de Suplência – Telecurso 2000⁶, que foi um curso na metodologia EaD em parceria com a SEED e a Fundação Roberto Marinho, visando atender à demanda interna de 156 funcionários do setor administrativo, que estavam afastados dos estudos. Diante das exigências para atender às demandas da sociedade, foi criado em 2000, o Programa de Licenciaturas à Distância (PROLEAD), voltado para a formação de professores em Licenciatura Plena, nas áreas de Linguagem e Códigos e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias (RELATÓRIO DO NEAD, 2001).

Segundo Cysneiros e Linhares (2006), a aprovação para a criação do NEAD adveio em 2002, com a Resolução nº 03/00 do Conselho Superior de Administração (CONSAD), inicialmente com o funcionamento de disciplinas online, introduzidas nos cursos de graduação no primeiro semestre desse ano. Em 2004, o MEC, por meio da Portaria nº 650 de março de 2004, liberou o credenciamento da UNIT para oferecer o ensino na modalidade a distância, em cursos de graduação e pós-graduação *Lato Sensu*, passando o Núcleo do EaD a se responsabilizar pela elaboração de projetos e cursos, com o apoio da coordenação administrativa e didático-pedagógica.

Diante do trabalho realizado pela equipe do NEAD, que estava à frente para consolidar a EaD na UNIT, foi aprovado ainda em 2000 o Projeto Teleducação⁷ em Sergipe, apresentado pelo NEAD no programa de rádio da Aperipê FM desenvolvido em convênio com a SEED, cuja defesa calcava-se na proposta de que o rádio presta-se competentemente à função de recurso de ensino para um programa em EaD.

O NEAD consolidou convênios no ano de 2000, com a FUTURA⁸, para o desenvolvimento de trabalhos de estudos, pesquisa e extensão, utilizando-se do material do canal, nas diversas atividades da UNIT. Houve uma parceria com a Universidade Virtual (UNIVIR), com o objetivo de troca de experiências na produção, implantação, acompanhamento e avaliação em EaD, além da Fundação Roberto Marinho, com a instalação

⁶ É um programa da Fundação Roberto Marinho, criado em 1978, direcionado a atender prioritariamente ao aluno trabalhador, em nível do ensino fundamental e ensino médio.

⁷ Programa de rádio desenvolvido em setembro de 2000, em convênio com a SEED que proporcionou o rádio como suporte às estratégias de educação a distância.

⁸ É um canal de televisão brasileiro com programas educativos, captado em operadoras de TV por assinatura, e em antenas parabólicas e foi criado em 22 de setembro de 1997.

do Telecurso, além da parceria firmada com o Governo do Estado de Sergipe.

Ao mesmo tempo em que definia as áreas de atuação e construía o projeto para receber autorização do MEC para ofertar cursos em EAD, o que orientou as ações dos gestores nos anos 2000 e 2001, os responsáveis pelo NEAD procuraram conhecer experiências de outras instituições através de visitas, acordos de parceria e participação em encontros, visitas técnicas a outras instituições que serviram para definir o modelo a ser implantado (CYSNEIROS; LINHARES, 2006). Nesse panorama, a UNIT esteve desenvolvendo várias ações de EaD com diferentes parcerias, criando espaço para a institucionalização da EaD em educação superior.

O então Coordenador do NEAD, Professor Ronaldo Nunes Linhares, e a Professora Ada Augusta Celestino Bezerra, na época Assessora da UNIT e colaboradora do Núcleo, realizaram uma visita técnica ao Centro de Estudos de Tecnologia Educativa de Brasília (CETEB)⁹, com o objetivo de conhecer os projetos de EaD produzidos por esta instituição e na possível parceria entre CETEB e UNIT.

O modelo que serviu de base para as atividades da EaD na UNIT foi desenvolvido pelo Centro de Educação a Distância do Rio de Janeiro (CEDERJ), fundado em 2000. O Cederj adota o modelo híbrido, integrando a encontros presenciais e online com a seguinte estrutura: a) material didático de apoio impresso e digital; b) atendimento aos tutores (presencial e a distância); c) estágios supervisionados; d) processo de avaliação nos polos; e) práticas específicas em laboratórios (SPÍNDOLA, 2012). Desde então, esse modelo passou a servir de base para a difusão e instituição da EaD em várias instituições em outros Estados, a exemplo do que ocorreu em Sergipe na UNIT e na UFS. Linhares (ENTREVISTA AO AUTOR, 30/05/13) narra este processo:

Fizemos o primeiro modelo, fizemos capacitações, sempre tendo como base a experiência dela e o modelo já testado no Rio de Janeiro, nós fizemos visita ao Cederj que é o Consórcio de Educação a Distância do Rio de Janeiro. Fizemos visitas a UNOPAR¹⁰ e fizemos visitas a Universidade de Santa Catarina. E foram essas três experiências que ajudaram a montar o modelo da UNIT, o modelo que tem característica do Cederj em relação a material impresso. Foi a posição tomada, tínhamos o professor Mario Vasconcelos que era da área de tecnologia

Sabe-se que diferentes autores definem modelos pedagógicos em EaD como, por exemplo, cito Filatro (2009), que destaca a perspectiva associacionista, pautado no behaviorismo, no qual a aprendizagem implica em mudança de comportamento. A cognitiva opõe-se ao associacionismo, que inclui as tendências construtivistas e socioconstrutivista, que

⁹ Criado em 1968, é uma organização que desenvolve e implementa programas educacionais, forma e desenvolve pessoas, presta assessoria a instituições públicas e privadas, elabora publicações técnicas e materiais didáticos para cursos presenciais e a distância, no Brasil, na América Latina, África e no Japão.

¹⁰ É uma instituição de ensino superior brasileira de caráter privado, estabelecida inicialmente no norte do estado do Paraná e foi fundada em 1972

deduzem a aprendizagem da compreensão. E, por fim, a perspectiva situada que relaciona a aprendizagem na prática situacional.

De acordo com o relatório do NEAD (2001), no dia 14 de dezembro de 2000, a equipe do Núcleo contou com a orientação da Professora Ana de Lourdes Barbosa de Castro, consultora na área de EaD para a construção de um programa de políticas de EaD para a UNIT, dando início ao processo de construção do Projeto de credenciamento para a implantação de cursos na modalidade EaD, junto ao MEC. Essa informação é confirmada por Linhares:

Nós contratamos como consultora a professora Ana de Lourdes, ela é professora da Federal do Rio de Janeiro, ela foi a nossa consultora de projeto, ela já tinha experiência na Estácio, tinha montado o projeto de educação a distancia de todo curso de pedagogia e para pós-graduação e ela trouxe esses dois projetos para a gente e passou alguns meses aqui conosco, até que a universidade fosse credenciada e autorizada, essa foi a primeira ação que tivemos orientada pela professora (ENTREVISTA AO AUTOR, 30/05/13).

De acordo com Cisneyros e Linhares (2006), a partir dessas ações, a UNIT procurou desenvolver um programa de EAD visando a incorporação da aprendizagem aberta e a distância no processo de aprendizagem de professores e alunos; disseminação de programas, conhecimentos e tecnologia aplicada à EaD; aprimoramento da qualidade do ensino presencial, incorporando recursos pedagógicos e tecnológicos próprios da educação a distância; oferecimento de formação e capacitação profissional, propiciando o acesso à educação universitária à região Nordeste, e, principalmente a todo o Estado de Sergipe; cooperação entre instituições locais, nacionais e internacionais que desenvolviam EaD; Oferecimento de cursos de Extensão, Especialização e Aperfeiçoamento (pós-graduação *lato sensu*) e Graduação utilizando metodologia de EAD, na perspectiva de Educação continuada; Adequação de propostas pedagógicas para atender à zona rural do estado, onde os habitantes não tinham acesso à educação através de políticas convencionais de governo; Realização de pesquisas sobre o uso das novas tecnologias na educação profissional.

Ao final de 2000, a UNIT solicitou ao MEC credenciamento para oferecer três cursos na modalidade EAD: dois cursos de Especialização (Direito Educacional e Gestão em EaD) e o Programa Especial de Formação de Pedagógica para Portadores de Diploma de Educação Superior, 2004 (PROFOPE), já oferecido na modalidade presencial com sucesso. As lembranças de Linhares fluem:

Até 2002, nós ficamos participando de eventos internacionais e montando toda estrutura do núcleo e também a estrutura do programa para dois cursos que, no final do ano, foram aprovados: os cursos de especialização na área de direito e o curso de licenciatura. Então, nós tivemos esses cursos aprovados e credenciados pela universidade, nós não oferecemos o curso de licenciatura, apesar de ter sido autorizado. O primeiro convênio que nós fizemos, a primeira experiência com formação de nível superior foi em Laranjeiras, onde montamos o primeiro núcleo, com a produção de conteúdo, com todas as

dificuldades que hoje ainda são encontradas, mas naquela época era mais complicado. Nós tínhamos que trabalhar com professores que não tinham nenhuma noção, não tinha muito a ideia de educação a distância, como um curso de qualidade (LINHARES, 30/05/2013).

Segundo o Prof. Linhares (30/05/2013), a equipe enfrentou inicialmente a espera pelo credenciamento dos cursos na modalidade EaD da UNIT e o despreparo dos docentes para trabalhar com a referida modalidade. Mercado (2008) retrata a capacidade do professor, na aquisição das TIC na sua prática pedagógica, de ser autor do seu material didático e não de mero consumidor, possibilitando os diversos recursos das TIC em sala de aula, sendo fundamental que o professor queira e esteja atento a essas possibilidades, além disso, uma formação que permita construir uma metodologia mediada pelas TIC.

As atividades desenvolvidas entre setembro de 2001 e janeiro de 2002 foram muito intensas e definiram os primeiros grandes projetos do Núcleo (CYSNEIROS; LINHARES, 2006, p. 3-4):

1. Planejamento da oferta de disciplinas dos cursos regulares de Graduação, no formato EaD (Resolução 2253/2001);
2. conclusão e envio para o MEC do Projeto de Credenciamento da UNIT para oferecer cursos com metodologia de EaD;
3. escolha de uma plataforma (LMS) para os cursos via internet;
4. início da produção dos materiais instrucionais para as primeiras disciplinas a serem oferecidas para cursos regulares de graduação existentes na UNIT;
5. avaliação do curso de atualização de professores do município de Canindé do São Francisco;
6. inserção da EaD na estrutura legal da instituição, com um regimento específico para EaD inserido no Regimento Geral da UNIT;
7. elaboração de projetos pedagógicos de Cursos de Extensão, Especialização e Graduação.

No relatório do NEAD (2001), evidenciaram-se alguns planos de ações realizados pelo Núcleo no ano de 2000, como introduzir a EaD no organograma funcional da UNIT; a formação da equipe interdisciplinar do NEAD, com a composição apresentada no plano de Diretrizes Políticas para EaD da UNIT, a aquisição de máquinas compatíveis às exigências do trabalho; implantação de disciplinas híbridas na graduação; contratação de consultoria para as atividades iniciais de implantação; acompanhamento e avaliação dos cursos oferecidos pela UNIT; oferta em fase experimental de dois cursos de extensão na modalidade EaD; apresentação de projeto de especialização *Lato Sensu*, nas áreas de Turismo e Gestão Educacional; proporcionar estudos e capacitação de professores na plataforma *Learn* *Space*¹¹, voltado para a produção de programas de EaD.

¹¹ É um ambiente de apoio a educação à distância que possui uma maior expansão no mercado, favorecendo o apoio as atividades assíncronas, propiciando o trabalho colaborativo entre docentes através de múltiplos níveis de comunicação

Com o credenciamento e visando a necessidade de qualificar profissionais do interior do Estado, através de convênios com prefeituras municipais, a UNIT implantou, desde outubro de 2004, polos de Educação a Distância, primeiramente em Laranjeiras e logo depois em Aracaju, Itabaiana, São Domingos, Lagarto, Carira, Laranjeiras, São Cristóvão, N. S. da Glória e N. S. das Dores.

No ano de 2004, a IES foi credenciada para ofertar o Programa Especial de Formação Pedagógica para Portadores de Diploma de Educação Superior – PROFOPE, destinado aos professores da Educação Básica, nas áreas de Letras/Português e Matemática, que almejassem obter o registro profissional equivalente à licenciatura.

Desse modo, a UNIT, que já ofertava o Curso de Licenciatura Plena em Letras, na modalidade presencial, passou a ofertar na modalidade a distância, a partir da autorização do Conselho Nacional de Educação (CNE), focando como eixo fundamental a pesquisa em educação, como capacidade integradora no processo de formação – pesquisa – prática ou ensino-pesquisa-extensão.

3.1 Primeira Turma na Modalidade EaD - UNIT

As primeiras iniciativas da UNIT são registradas por Nunes, em entrevista concedida em 22/05/13. Em sua narrativa recuperou-se a trajetória de implantação dos cursos, reforçando o esforço e o pioneirismo desse processo:

A primeira oferta de curso de graduação foi o de Licenciatura em Letras para os professores da rede estadual, através da parceria com o governo do Estado e, em seguida, ofertou esta modalidade de ensino nos cursos de Matemática, Letras- Português, História, Geografia e Ciências Naturais, nos polos educacionais de Aracaju, Itabaiana, São Domingos, Lagarto, Carira, Laranjeiras, São Cristóvão, N. S. da Glória, N. S. das Dores, em 2007 (NUNES, 22/05/13).

O Programa de Formação Pedagógica de Docentes na modalidade EaD Letras/Português da UNIT visou formar profissionais da área de ensino de Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira, os quais se inserem na intersecção dos planos metalinguístico, histórico, geográfico e social, formando profissionais aptos a atuarem com a devida habilidade em quaisquer pontos dessa relação, para tornar meras informações em conhecimento elaborado (PPC DO CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS, 2001).

Figura 1- Características do Primeiro Curso Letras-Português EaD - UNIT

Fonte: Meirelles (2010).

Esse *banner* foi utilizado para divulgar o primeiro curso de licenciatura em Letras/Português na modalidade EaD da UNIT, ofertando 200 vagas para o processo seletivo, com duração de 3 anos, em regime de matrícula semestral e carga horária de 2.844, com encontros presenciais aos sábados.

O curso de Letras-Português foi desenvolvido na modalidade EaD, com uma carga horária presencial correspondente a 20% de toda a carga horária do curso, distribuída em encontros presenciais, seminários de aprendizagem, atividades extraclasse e avaliações, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 4 - Distribuição de Carga Horária do Aluno por Atividade no Semestre

Atividades	Cargas Horárias / Mês	Cargas Horárias / Semana
Autoestudo	40 h	10 h
Tutoria	10 h	4 h
Encontros Presenciais	16 h	4 h
Totais	61 h	24 h

Fonte: PPC do Curso de Letras Português, 2001.

A metodologia adotada para o primeiro curso de graduação na modalidade EaD foi semipresencial e, para cumprir a carga horária presencial do curso, o estudante precisava dirigir-se aos sábados, das 8h às 12h, ao polo de apoio presencial, a fim de participar dos encontros de tutoria. Para cumprir a carga horária à distância, o estudante realizava semanalmente os estudos e atividades previstos no material impresso de cada componente curricular, visando garantir o desenvolvimento das competências (saberes, habilidades e valores/attitudes) preconizadas pelas diretrizes curriculares do seu curso. Afirma Nunes (ENTREVISTA AO AUTOR, 22/05/2013):

Na primeira turma era semipresencial, como é até hoje. O aluno dirigia-se uma

vez ao polo, no sábado pela manhã, quando discutia o tema com o tutor sob a orientação do professor. O professor passava toda orientação, o tutor a desenvolvia com o aluno e, à tarde havia plantão com o tutor. Era dessa forma que acontecia a interação. O tutor não tinha a incumbência de ministrar conteúdo, apenas o professor que planejava e estabelecia tudo o que o tutor deveria executar. O aluno no dia podia manter contato com o professor ou com o tutor, além disso, o tutor também realizava plantão durante a semana, ficando a disposição do aluno.

Apesar de ter seguido o modelo do CEDERJ, os estudantes tinham que comparecer ao encontro de tutoria presencial aos sábados, das 8:00 às 12:00, no intuito de sanar as dúvidas, tinha o plantão de tutoria das 13:00 às 17:00, neste segundo momento, era opcional e contavam com a participação de dois tutores nos dois turnos, sendo um da área pedagógica e o outro da área específica (PPC DO CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS, 2001).

O primeiro encontro presencial do curso tinha como objetivo a introdução dos estudantes ao curso na modalidade de educação a distância, o qual foi realizado através de seminários desenvolvidos durante o primeiro encontro presencial, com a duração de 04 horas. Este evento visava orientar os estudantes quanto ao conteúdo, o repasse de informações gerais sobre a estrutura, metodologia e funcionamento do curso, a apresentação dos tutores e dos demais colegas. Durante esta atividade presencial eram apresentados os conceitos básicos da EaD, o papel e o perfil dos estudantes para essa modalidade de ensino, bem como o papel e o perfil dos tutores, os recursos didáticos e suas formas de utilização, atitudes de estudo e outros pontos relevantes para o momento presencial.

Este encontro ocorria a cada início de semestre, no auditório da escola, visando apresentar os novos conteúdos, além dos professores orientadores, responsáveis pelo calendário de atividades, encontros e avaliações.

Figura 2 - Auditório do polo de Laranjeiras na Aula Inaugural do Primeiro Curso de EaD de Letras/UNIT



Fonte: Arquivo da UNIT (2002)

A imagem retrata a estrutura do auditório do polo de Laranjeiras na aula inaugural do Curso de Letras/ Português. Linhares (ENTREVISTA AO AUTOR, 30/05/13) afirma:

O primeiro polo foi de Laranjeiras, nos tínhamos lá o curso de letras Português em dois ou três turnos, não me lembro muito bem, inclusive a professora Nelia (UNIT) foi para o lançamento, foi o prefeito e etc. Então esse foi o nosso primeiro polo de educação a distância.

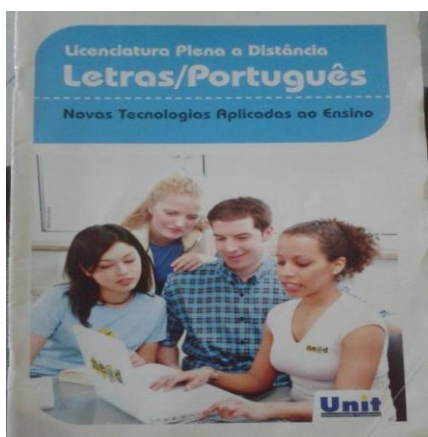
Apesar de ter estruturado suas atividades iniciais para uso de sistemas de aprendizagem virtuais, a realidade do Nordeste e, em especial, de Sergipe redirecionou o Projeto de EaD da UNIT, com o planejamento e oferta de cursos de graduação para formação de professores, baseado em material impresso e um sistema de tutoria mais próximo do estudante, com encontros de interatividade presencial regulares, perfazendo 20% da carga horária total dos cursos.

Sendo o material de aprendizagem peça importante e fundamental no curso de EaD, o aluno devia seguir rigorosamente as orientações e sugestões nele contidas, além de buscar executar todos os exercícios de autoavaliação e atividades sugeridas para o aprofundamento do tema.

Os materiais eram apresentados em três linguagens, manuais impressos, CD Room e Internet, como narra Linhares (ENTREVISTA AO AUTOR, 30/05/2013):

No NEAD, a gente contratava uma gráfica só para finalizar o material, mas toda produção era no NEAD, Alexandre era que coordenava todo esse material. Tínhamos Mário, mas como Mário era professor de comunicação de impressos, então eles definiram quase toda história de material impresso da UNIT, tem o dedo mais de Alexandre. O professor produzia o conteúdo, passava para Alexandre que dava uma olhada na forma e passava para uma comissão, para dar uma olhada no conteúdo, que era essa comissão que eu era responsável, na educação a distância. Alexandre e Mário pela parte de diagramação de estrutura do conteúdo e a gente contratava um especialista para avaliar o conteúdo do material.

Figura 3 - Livro Didático de Novas Tecnologias Aplicadas ao Ensino do Primeiro Curso Letras Português EaD - UNIT



Fonte: Módulo da UNIT, 2002.

O material didático acima apresentava alguns conceitos sobre tecnologias, o contexto histórico em que as tecnologias se desenvolvem e principalmente sua contribuição nas transformações, nos mais diversos campos da sociedade, permitindo assim um recurso didático para o estudante diante dos aparatos tecnológicos (MÓDULO DA UNIT, 2002).

O sistema de orientação e acompanhamento do estudante era através de tutoria presencial e online, de orientação relativa aos conteúdos da grade curricular com o professor da disciplina. Além disso, a prática pedagógica supervisionada e atividades de pesquisa que exigiam do estudante um contato direto com a realidade escolar.

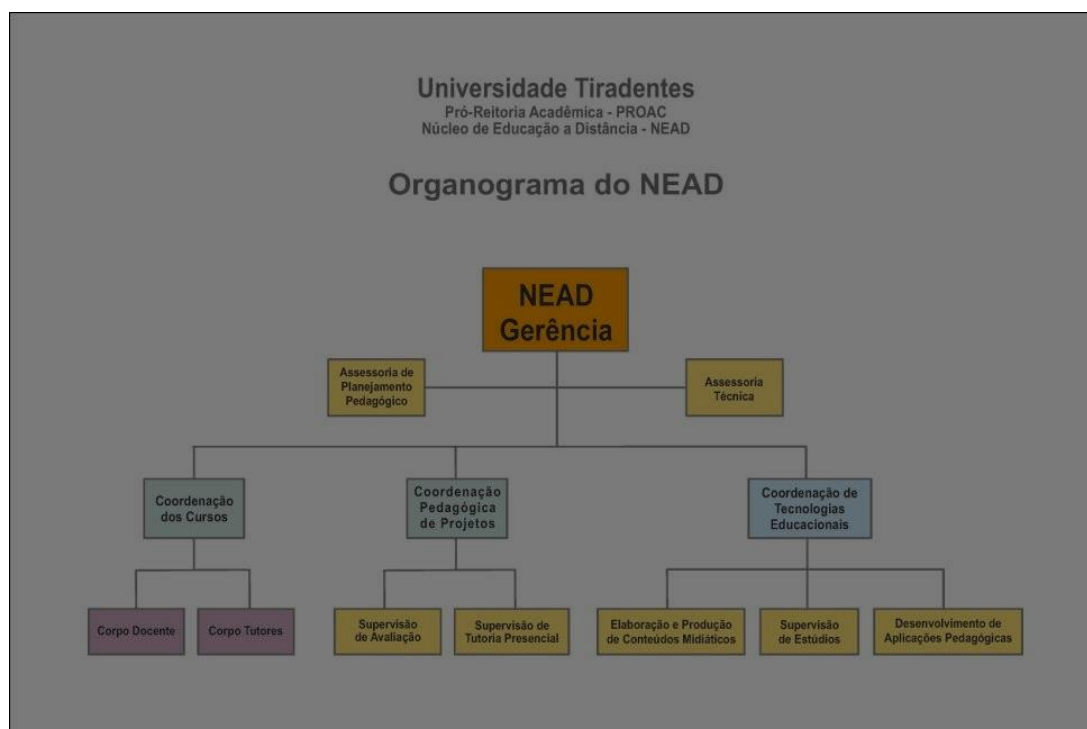
A modalidade EaD possui especificidades. Para sua consolidação, é necessária a existência de tecnologias que sejam capazes de facilitar o ato de aprender. Nesta modalidade de educação, as tecnologias representam um papel midiático, voltados para atender as necessidades dos estudantes do curso oferecido. Nesse sentido, Belloni (2012, p.58), afirma que:

Na EaD, a interação com o professor é indireta e tem de ser mediatizada por uma combinação dos mais adequados suportes técnicos de comunicação, o que torna essa modalidade de educação bem mais dependente da mediatização que a educação convencional, do que decorre a grande importância dos meios tecnológicos.

O processo de interatividade foi desenvolvido através dos encontros presenciais, dos plantões de tutorias, dos suportes tecnológicos disponibilizados ao estudante, tais como telefone – 0800, mala direta, e Internet (PPC DO CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS, 2001). O processo pedagógico está fundamentado na comunicação dialógica, no qual o tutor é o principal interlocutor entre o estudante e o professor. Além disso, o material de aprendizagem é o elemento pedagógico mediador entre o que se pretende transmitir em termos de conhecimento, e como este conhecimento é apreendido.

Segundo Cisneyros e Linhares (2006), a primeira estrutura funcional da EaD na UNIT foi caracterizada em quatro blocos:

1. suporte administrativo, financeiro e técnico por órgãos da universidade (controle e acompanhamento administrativo/financeiro; controle e acompanhamento de recursos humanos);
2. equipe administrativa (administração das atividades desenvolvidas pelo NEAD);
3. equipe técnica (desenvolvimento de material instrucional; coordenação, controle, acompanhamento e manutenção do sistema de interatividade com professores e alunos);
4. equipe pedagógica (planejamento, coordenação e acompanhamento de aspectos pedagógicos).

Figura 4 - Primeiro Organograma do NEAD

Fonte: Projeto Pedagógico do Curso de Letras Português da UNIT-EaD (2001)

A administração do NEAD, no período de implantação, foi gerenciada pelo professor Ronaldo Linhares, nomeado pelo Reitor para gerir o Núcleo. De acordo com o PPC do curso de Licenciatura em Letras-Português (2001), a organização pedagógica foi estruturada por uma Coordenação Pedagógica, corpo docente, gestor e tutor presencial, juntos ao serviço didático pedagógico do Núcleo.

Os professores orientadores são especialistas nos conteúdos disciplinares e responsáveis pelo atendimento a distância dos alunos, nas áreas de conteúdo, na formulação das provas e na resolução de dúvidas relativas ao conteúdo das disciplinas. Linhares (ENTREVISTA AO AUTOR, 30/05/2013) narra o processo inicial:

Nessa primeira turma, não tínhamos esse sistema online, o processo era o seguinte: os alunos recebiam os cadernos, os materiais impressos, nós planejávamos as práticas e as aulas presenciais com os tutores, essa era uma coisa importantíssima para mim e para o grupo. O aluno precisa do professor para se orientar naquilo que era competência básica para aprender sozinho, por exemplo: leitura, se o aluno não sabe ler, você vai ter que orientá-lo, então os professores eram todos capacitados para essa perspectiva, ou seja, ajudar o aluno a se preparar para estudar sozinho. Então, ele tinha os momentos com os tutores e tinha os momentos com os professores da disciplina, que hoje é online, mas que naquela época era presencial, na véspera das provas. Então o conteúdo da prova era trabalhado em um dia inteiro, no sábado. Antes do sábado da prova, pelo próprio professor da disciplina que construiu o conteúdo, ele pegava o carro aqui e passava o dia todo lá, então, quando tínhamos várias turmas se distribuíam esses professores nos polos. Eram duas turmas, pois um ficava com a turma da manhã e outro na turma da tarde, e até o momento que não pudemos fazer mais isso, pois não tínhamos veículos nem ônibus para saírem daqui, havia sábado que era uma loucura, tínhamos que colocar sessenta professores na

estrada, em dez a quinze polos.

Observo que, frente ao organograma da UNIT em relação ao CEDERJ, consta a nomenclatura dos professores como orientadores e não como coordenadores de disciplina. Está, ainda, a indefinição do papel do professor na EaD, como ponto significativo no que se refere a suas atribuições, dentro de uma proposta pedagógica nessa modalidade educativa. Romão (2008, p. 200) demarca bem isto ao afirmar que: “o professor que vai para uma nova modalidade de ensino ou novo ambiente de ensino, traz visões, modelos, referências caras e múltiplas marcas do presencial”.

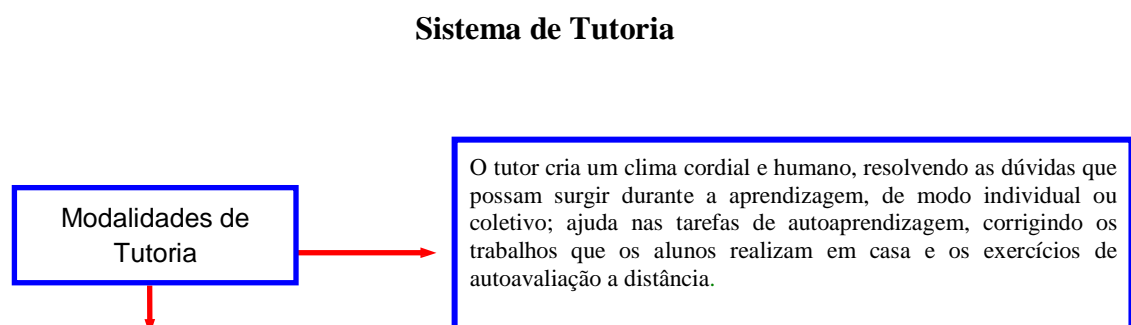
No geral, toda EaD, tem como centro o estudante responsável pelo seu aprendizado, mas isto não descarta em hipótese nenhuma o papel do professor como mediador desse processo. Nesse mesmo pensamento, Sobral (2010, p.279), retrata que o “professor em EaD – a compreensão de que ele está realizando prática pedagógica corporificada em uma proposta educacional específica”. Nesse sentido, é, sim, o professor, embora mais fortemente mediatizado pelas TIC.

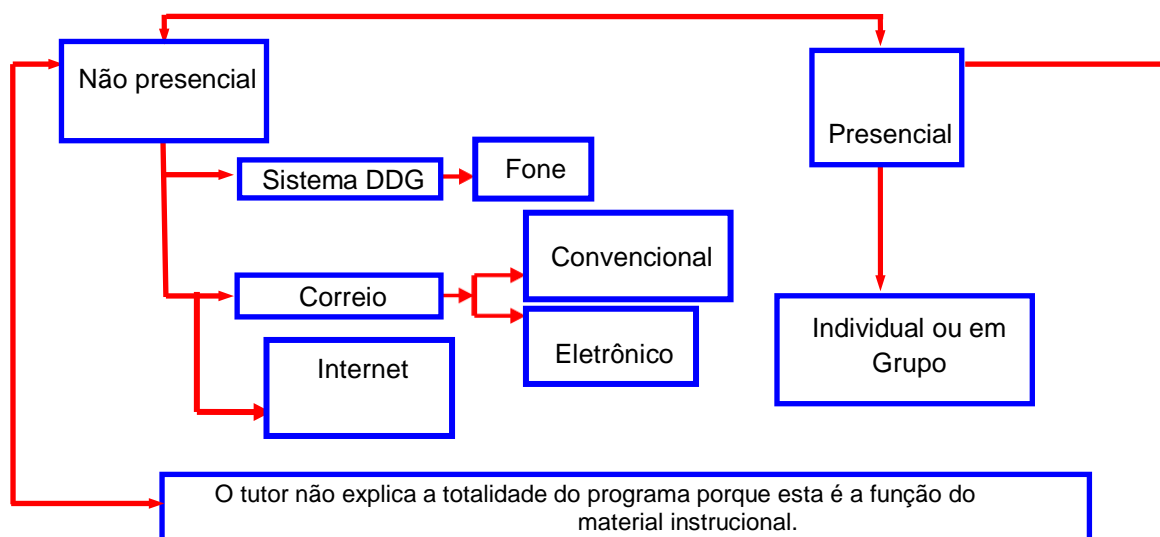
Os tutores são os responsáveis pela orientação, aplicação de provas e acompanhamento das atividades desenvolvidas, apresentadas nos encontros presenciais pelos alunos em cada polo. De acordo com o projeto de licenciatura a distância da UNIT (2001), as suas atribuições dos tutores são:

- ✓ construir novas atividades que ampliem e reforcem os conteúdos e aperfeiçoem o processo de estudo e aprendizagem;
- ✓ aclarar dúvidas;
- ✓ ampliar temas das unidades didáticas;
- ✓ orientar em metodologia e técnica de estudo;
- ✓ estimular o estudante a superar dificuldades;
- ✓ promover a participação do aluno durante todas as atividades do curso.

A Tutoria Local é exercida através do plantão semanal, realizado pelo tutor nos Núcleos Regionais e através dos encontros presenciais. Enquanto o contato com o professor orientador era a distância e desenvolvida através de e-mail e telefone.

Figura 5 - Sistema Tutorial





Fonte: Projeto Pedagógico do curso de Letras Português Unit/EAD (2001)

A orientação da aprendizagem é um momento de extrema relevância, pois possibilita aos estudantes a elaboração e reelaboração dos conteúdos das unidades previstas nos módulos. Para o desenvolvimento da aprendizagem foram utilizados debates, espaços de orientação individual e coletiva, acesso à bibliografia básica obrigatória proposta no programa das disciplinas e fóruns de discussão científica e pedagógica nas diversas áreas de conhecimento.

Os encontros presenciais eram encontros realizados nos polos locais, aos sábados, com duração de 04 horas, sob a orientação dos tutores. O objetivo era confrontar reflexões e produtos alcançados pelos alunos, garantindo momentos de troca de experiências e interação social afetiva, mantendo a motivação em bons níveis e dando continuidade ao trabalho cooperativo do grupo. Afirma Nunes (ENTREVISTA AO AUTOR: 22/05/2013):

Na primeira turma era semipresencial, como é até hoje, o estudante ia uma vez até o polo, no sábado pela manhã, ele discutia o tema com o tutor sob a orientação do professor, o professor passava toda orientação e o tutor trabalhava com o estudante, e a tarde havia plantão com o tutor, era dessa forma que acontecia a interação, o tutor não tinha condições de ministrar conteúdo, apenas o professor que planejava e dizia tudo o que o tutor devia executar. O estudante mantinha contato no dia com o professor ou com o tutor. O tutor também dava plantão durante a semana, ficava a disposição do estudante, além da interação com o material.

O encontro presencial era de responsabilidade do Professor Orientador das disciplinas do módulo, em cada sábado que antecedia as avaliações.

Os grupos de estudos tinham por objetivo diminuir as dificuldades provocadas principalmente pelo isolamento dos alunos do ensino a distância, e para desenvolver, na prática, a inteligência intergrupar, o curso incentivava desde o primeiro semestre a criação de Grupos de Estudo, compostos de cerca de cinco estudantes cada um. Os membros de cada grupo deviam ser próximos geograficamente, para que pudessem encontrar-se com mais frequência

durante a semana, além de organizarem horários de estudos em que pudessem trocar opiniões e refletir sobre os conteúdos e as atividades de reforço, procurando solucionar num segundo momento as dúvidas que ficaram como resultado de seu auto estudo, além de preparar as questões e atividades a serem levadas ao encontro presencial, no sábado (PPC DO CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS, 2001).

O treinamento prático que se pretendia obter no trabalho em grupo era de grande valia para o futuro profissional. Para isso, em cada semestre era escolhido, um dos estudantes para desenvolver a competência de coordenar as atividades do grupo. A coordenação era desenvolvida por todos os membros do grupo. Em forma de rodízio, a cada semestre teria um membro exercendo e desenvolvendo esta competência durante o curso.

As atividades de reforço do plantão de tutoria eram atividades que foram tratadas pelo tutor de modo especial, ao perceber as dificuldades dos estudantes, o tutor gerava questões de estudos aproveitando, inclusive, as questões que acompanhavam o desenrolar do conteúdo, o que podia ser útil para perceber o nível de compreensão dos estudantes, sanando suas dúvidas e dificuldades, com relação ao processo de estudo e ao conteúdo. Os estudantes deviam ser instigados a responder às questões, ficando o tutor responsável pela ratificação, aprofundamento ou ampliação da visão do estudante. Estas atividades eram desenvolvidas sempre em grupo (PPC DO CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS, 2001). Linhares (ENTREVISTA AO AUTOR, 30/05/2013) afirma na sua narrativa:

Todos encontros aos sábados, os tutores sempre tinham alguma atividade para esse estudante, o tutor fazia o papel de intermediar a aprendizagem, ele não trabalhava conteúdo, pois não o dominava. A questão de orientações básicas de como preparar o sujeito para responder atividade, fazer atividades, preparar para seminários. Tudo isso era planejado antes, eles vinham pra cá, sentávamos e planejávamos. Então a interação era meio intermediada por ele.

Segundo o que consta no Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, (MEC/2007), as avaliações, em cursos a distância, deverão ocorrer de duas formas: no processo e por meio de exames presenciais. Acredita-se que tal exigência é legítima e visa assegurar o rigor e a segurança necessários à promoção dos estudantes. Desta forma, cada disciplina irá dispor de um sistema de acompanhamento e avaliação do desempenho do estudante em uma perspectiva processual e, adicionalmente, prever, pelo menos, uma avaliação presencial.

Na UNIT, o modelo de avaliação utilizada no ensino a distância semipresencial, do Curso de Letras-Português, contemplava às seguintes modalidades de avaliação:

Avaliação Diagnóstica que era aplicada para identificar e avaliar o encaminhamento do curso e verificar se os objetivos propostos em cada unidade modular estavam sendo atingidos. Além disso, a avaliação formativa se destinava a obter informações sobre o funcionamento e os melhoramentos do sistema. Ao iniciar a implantação do sistema foi necessário definir os

componentes do sistema e como se pretendia chegar às metas. Os dados obtidos nesse tipo de avaliação serviam para manter o sistema sob controle estatístico, fornecendo dados que permitam tomar decisões corretivas para mantê-lo dentro dos padrões previstos (PPC DO CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS, 2001).

A avaliação somativa era aplicada ao final de cada unidade modular. Eram realizadas na sede da universidade e nos núcleos regionais ou instituições parceiras; ocorriam nos mesmos dias e horários para todos os alunos e eram incluídos no calendário escolar. Tais avaliações possuíam a mesma qualidade e rigor das realizadas nos cursos presenciais. A avaliação suplementar é uma segunda chance para o aluno que não tinha obtido nota suficiente para aprovação nas avaliações anteriores (PPC DO CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS, 2001).

Nesta direção, narra Linhares (ENTREVISTA AO AUTOR: 30/05/2013):

A gente teve avaliação de processo e a avaliação final. A final é obrigatória do MEC, então tem que ter prova, geralmente prova de múltipla escolha, para facilitar a correção, para facilitar uma série de coisas e também tinha a avaliação de processo que era um conjunto de atividade que era definida com os tutores e com os professores que eram colocados durante o módulo. Então, tinha suas avaliações por semestre e avaliações complementares e o projeto de TCC, que já começavam a desenvolver no primeiro semestre e cada relatório era contado como percentual da nota final e tínhamos uma recuperação, se ele não obtivesse a média, somando todas Essas atividades, ele podia fazer uma prova com todo conteúdo no final, e essa prova poderia recuperar ou não, ficaria a maior nota.

As provas eram aplicadas ao final de cada unidade, sendo presencial. Durante a primeira etapa do encontro presencial, quando os estudantes eram avaliados nas disciplinas em que não obtiveram a média para aprovação. O estudante era avaliado ao longo do curso, mediante a utilização dos seguintes instrumentos de verificação de desempenho. As provas eram organizadas pelos professores orientadores, considerando questões objetivas que demonstrem o nível de apreensão do conteúdo trabalhado no curso. O memorial era o registro da história do discente, principalmente sobre o que foi aprendendo durante o curso, o local em que a construção da sua identidade profissional vai sendo construída e lapidada durante o processo do conhecimento e sua correlação com a prática. Conforme narra Nunes (ENTREVISTA AO AUTOR: 22/05/2013):

A prova presencial era obrigatória, então sempre teve a prova presencial, tínhamos prova presencial e tínhamos trabalhos que eram feitos durante a disciplina, mas só valia dois pontos, a média era a média da instituição, ou seja, seis. A prova presencial era contextualizada, esse foi o grande desafio para a gente e os alunos, porque primeiro tínhamos que capacitar os professores para elaborarem prova contextualizada [...].

A elaboração do memorial, mesmo tendo uma estrutura flexível e aberta, chegando por vezes a aspectos subjetivos, não podia fugir às regras de elaboração e pontos considerados relevantes para o curso destinado. (PPC DO CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS, 2001).

O acompanhamento dos memoriais era feita pelo tutor, e este devia acompanhar as solicitações provenientes de cada módulo, considerando as orientações que foram solicitadas aos estudantes, quanto ao registro de suas reflexões. Como o memorial era um processo que se desenvolvia ao longo de cada módulo, o tutor devia considerar a construção como um ato contínuo e respeitar as diferenças de desenvolvimento de cada estudante. Também devia procurar registrar as observações realizadas no memorial e enviá-las, ou marcar encontro com os alunos a fim de compartilhar suas anotações, se necessário. Os memoriais entravam no cômputo da Avaliação Formativa (PPC DO CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS, 2001).

Saliento que o memorial foi um ato de escrita do estudante, um relato dos seus anseios e conquistas na sua trajetória pedagógica do curso. Acredito que o papel do tutor neste momento é fundamental para incentivar o aluno a escrever, expressando o seu conteúdo e dissabores no curso, servindo como base para uma constante avaliação dos trabalhos desenvolvidos.

Os critérios de aprovação eram de pontuação igual ou superior a 70% de aproveitamento, sendo o estudante orientado para que as competências mínimas inerentes à prática pedagógica possam ser observadas a partir do perfil profissiográfico¹² definido na Proposta do Curso.

A formação em EAD implica no uso de materiais didáticos por parte do estudante e, ao contrário do ensino presencial, em que a mediação pedagógica está centrada no professor, nessa modalidade os materiais assumem o papel principal, pois têm que transmitir motivação, informação, atividades, assumindo a função de guias, promovendo a auto avaliação e a retroalimentação do estudante. Nunes (ENTREVISTA AO AUTOR: 22/05/2013) narra sobre este processo:

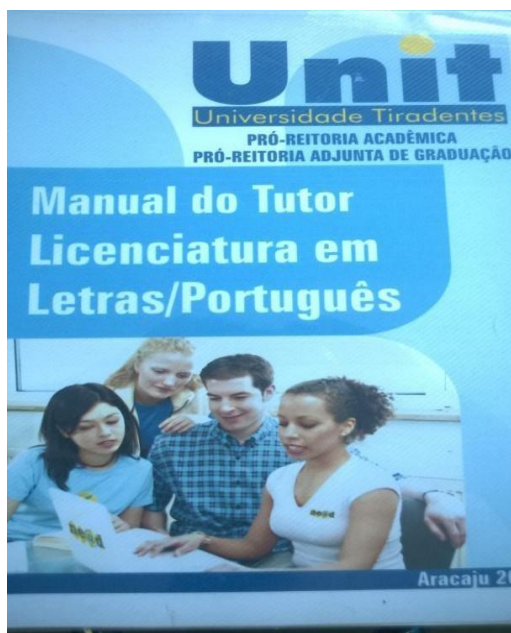
Os materiais impressos sempre foram produzidos pelos nossos professores, que eram convidados e capacitados para produzir o material que não era fácil, tem que ser bem dialógico, tem que ter conexões de pensamento, situações problemas, esse professor era capacitado a gente dava um tempo de três a seis meses, ele produzia o material. Sempre houve uma equipe que acompanhava, na média que ele ia entregando os capítulos, a equipe do professor Alexandre ia sugerindo inclusive links, texto, fotos. Nesse momento, já tinha um desenhista com a gente, o professor dizia mais ou menos o que queria e o desenhista já ia pensando, essa era a vantagem da UNIT: capacitava, o professor produzia, era diagramado, feito correção ortográfica e daqui já ia para a nossa gráfica, e da gráfica já saia para os polos no quantitativo correto de alunos.

Além dos materiais didáticos relacionados às disciplinas, foram elaborados dois outros: o Manual do Estudante, usando metodologia em EAD com o objetivo de esclarecer dúvidas e orientar sobre todo o processo de educação à distância; e o Manual de Orientação para o Tutor no qual continha todas as orientações necessárias ao bom desenvolvimento das atividades de

¹² Perfil profissional do egresso.

um tutor, tanto no aspecto técnico-pedagógico, como na orientação das tarefas de estudo, considerando que na EaD o estudante estará grande parte do tempo usando o auto estudo (PPC DO CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS, 2001).

Figura6 - Manual do Tutor Presencial do NEAD/UNIT



Fonte: Manual do Tutor da UNIT, 2001.

Considerando as metas e objetivos estabelecidos para o curso, bem como a efetividade e viabilidade da política de utilização dos suportes tecnológicos para a difusão da informação e do acesso aos alunos, a UNIT através do NEAD, utilizou sua estrutura – parque gráfico, laboratórios de informática, estúdios de rádio e televisão, bem como de sua equipe de profissionais nas áreas de conteúdos, tecnologias educacionais, editoração e produção de multimeios para a produção de materiais impressos (textos, formulários e guias de estudo), audiovisuais (televisão, videocassete e audiocassete) e digitais online (PPC DO CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS, 2001).

Quadro 5 - Primeira Equipe de Produção de Conteúdos da EaD/UNIT

Especialistas	Funções	Professores
Especialista em EAD	Responsabilidade relacionada à metodologia do ensino a distância, assim como, supervisão e a garantia de que os objetivos específicos e geral do curso sejam atendidos	Ana de Lourde Barbosa de Castro – Doutora em Educação/ UNED – Espanha Mário Vasconcelos Andrade – Mestrado em Educação a Distância/ UFPB
Especialista em Educação	Análise do material fornecido pelo conteudista e organização do material instrucional	Ronaldo Nunes Linhares – Mestre em Educação/ UFS Doutorando em Comunicação/ USP
Especialista em Comunicação Social	Adequação da linguagem do material produzido pelo	Simone Antonini Tuzzo – Mestre em Comunicação/

	conteudista à média adotada.	Doutoranda em Comunicação/ UFRJ.
Especialista em Avaliação Educacional	Supervisão de toda a parte referente ao processo de avaliação de aprendizagem.	Equipe Técnica
Revisor	Revisar os materiais, considerando a estrutura literária, gramatical e organização de conteúdos.	Sueli Mendes Braga – Mestranda em Marketing/ UFPB
Digitador e diagramador	Digitar e diagramar os materiais instrucionais.	Equipe de digitação da UNIT
Supervisor de Conteúdo	Responsável pela supervisão dos conteúdos e metodologia de ensino em EaD.	Gilvanda Maria Dias da Silva – Especialista em Tecnologia Educacional/ UFS. DESS em technologies Audiovisuelles et Informatique pour l'Education/ Université de Poitiers/ França.
Conteudista	Responsável pela elaboração do conteúdo da disciplina	Professores da UNIT responsáveis pelas disciplinas oferecidas no curso.

Fonte: UNIT, 2001

De acordo com o relatório do NEAD (2001), a prioridade de utilização era dada, principalmente aos materiais impressos por serem estes os meios mais amplamente utilizados, não só por suas vantagens para a EaD, como também por razões de custos, pela facilidade de produção e reprodução, transporte e para o estudo individualizado do estudante.

O material didático era elaborado por uma equipe permanente do NEAD, considerando a estrutura dos polos.

Os polos regionais tinham o objetivo de apoio presencial no processo de ensino e aprendizagem, pois neles os estudantes têm uma referência física, com uma infraestrutura de atendimento e local para estudo, contribuindo para fortalecer o vínculo com a instituição. O polo normalmente era viabilizado pela parceria entre universidades e poder público local.

A estrutura dos polos de apoio presencial da UNIT continha salas de tutoria, sala do gestor, laboratório de informática, recursos audiovisuais, biblioteca, microcomputadores conectados à internet. Os recursos humanos eram organizados por gestor do polo regional, professores, coordenadores de curso, supervisão de tutoria, coordenação pedagógica, tutores presenciais do polo, não continha tutor a distância. Nunes narra uma realidade:

Na primeira turma, o laboratório era raro, nós tínhamos dentro da biblioteca livros utilizados durante o semestre, a gente comprava a bibliografia básica de acordo com a orientação do MEC, então nessa biblioteca tínhamos mesas, livros e um computador para o gestor e outro para pesquisa, mas, o laboratório para a primeira turma não, chegou posteriormente com a mudança da estruturação do NEAD, naquele momento não me lembro de ter (NUNES, 22/05/13).

Figura 7 - Biblioteca do Polo de Laranjeiras/UNIT



Fonte: Arquivo da UNIT, 2002.

3.2 Evidenciando as Dificuldades

Em minha pesquisa, busquei analisar os obstáculos enfrentados pelos gestores no processo de implantação da EaD na Educação Superior. E o primeiro impedimento foi a situação de alguns polos da UNIT, os quais não atendiam às exigências solicitadas pelo funcionar. Vale ressaltar que o oferecimento dessa estrutura era de responsabilidade das autoridades locais, como exemplo, as prefeituras. Isto evidenciou o descaso das prefeituras e o Governo do Estado da época, para o efetivo funcionamento dos polos, como mostra as narrativas de Linhares (ENTREVISTA: 30/05/2013):

Deprimente. Tinha prefeito que se empenhava e tinha prefeitura que não se empenhava. O interessante é que os parceiros da UNIT eram prefeituras, e elas não ganhavam nada e nem cobravam nada da UNIT, faziam isso em conta de levar a universidade para o município, mas em compensação, elas não davam a infraestrutura que havia prometido no convênio. A gente tinha problema no banheiro, papel higiênico, limpeza, servente, isso era no final de semana, ou seja, funcionário da prefeitura tinha que receber para trabalhar sábado e domingo. Era sempre muito complicado.

Nunes (ENTREVISTA AO AUTOR: 22/05/2013) enumera também as principais dificuldades:

A UNIT entrava com os tutores e com a gestão do polo, com a limpeza do polo, com a organização do polo, com material, com toda parte pedagógica e a prefeitura ficava com espaço físico e a limpeza, essa parceria em algumas situações não foram boas, porque as escolas cedidas às vezes eram escolas de ensino fundamental, as cadeiras estavam quebradas, os banheiros quebrados não tinham lâmpadas, quando chovia molhava tudo, às vezes suspendiam aulas, a moça da limpeza não ia, não era uma situação interessante.

Mantivemos o mesmo funcionamento com o governo do Estado, mas ficamos nas escolas estaduais, que eram bem melhores.

Busco evidenciar nas narrativas dos gestores, a falta de comprometimento das lideranças políticas do Estado de Sergipe com a Educação. Foi um momento de propaganda partidária, de oportunizar a chegada da Educação Superior nas cidades sergipanas, visando buscar os seus próprios interesses. Não é possível reduzir o problema educacional de um País sem investimentos. É necessário atuar numa política social direcionada para a democratização do conhecimento. Ressalto também, a credibilidade da IES em ofertar inicialmente a modalidade EaD, lembrando que era uma oportunidade nova para a população daquelas cidades de ingressar na Universidade. Ficou comprovado então que o prefeito ganhava *royalties* políticos porque levava a universidade pra lá, e com o passar do tempo era uma troca em divulgação, por exemplo: com uma enorme placa na cidade dizendo que a UNIT está aqui, isso levava dividendo para o prefeito. É possível confirmar através da fala de Linhares (ENTREVISTA AO AUTOR: 30/05/2013):

Mas as escolas onde os prefeitos faziam o acordo e os coordenadores de polo eram da oposição, aí essa escola já tinha problema. Laranjeiras foi uma das cidades, que apresentou escolas com problemas. Na terceira oferta, a UNIT teve que fazer o banheiro da escola, foi a primeira vez que a UNIT entrou na escola que não era dela. Foi necessário fazer isso. O setor de construção da UNIT foi lá fez a reforma do banheiro, pintou a escola, deu uma ajeitada na escola, porque os alunos não aguentavam mais isso, era o nome da faculdade que estava em jogo, a primeira turma era experimental, todo mundo feliz da vida, tudo novo, tudo criativo, mas na segunda turma era tudo crítico, a gente pensava que era outra coisa, pois na UNIT cobrava-se mais barato do que no presencial.

Diante das narrativas relatadas sobre a infraestrutura física das escolas regionais, cedidas pelas prefeituras mediante parceria com a UNIT, percebe-se a precariedade, implicando no desenvolvimento do trabalho dos gestores, além de interferir no processo de aprendizagem dos alunos. A criação dos polos é uma exigência do modelo do MEC, que esses polos estejam estruturados para que possam receber os alunos, os cursos presenciais e os processos de avaliações, isso está na legislação. Outro obstáculo levantado foi a credibilidade da modalidade EaD perante a sociedade por Nunes (ENTREVISTA AO AUTOR: 22/05/2013):

O primeiro desafio foi fazer o docente entender que ele não iria deixar de ser professor ou de perder o cargo dele e de que iria de deixar de dar aula, acho que talvez até hoje as pessoas passem essa ideia, as pessoas pensam que a educação a distância tira o emprego do professor, então esse foi o grande desafio. Na medida que a gente ofertava o ensino de disciplinas online, esse professor tinha de fato um demanda de carga horária menor mas ele era convidado para atuar na educação a distância de outra forma, ou então ele era direcionado para outro trabalho da casa, mas até entender que o trabalho na educação a distância abre outros leques de trabalho para o docente.

Linhares (ENTREVISTA AO AUTOR: 30/05/2013): confirma outra dificuldade na sua narrativa:

Primeiramente tive de convencer ao corpo diretivo da universidade, em que só o professor Junior acreditava, e esse era um projeto novo, ninguém mais na instituição acreditava nessa possibilidade. Com passar do tempo as coisas vão dando certo, mas era uma coisa para uma instituição particular, você passar dois anos planejando, pagando assessoria, pagando funcionário, é complicado. Nesse mesmo período eu estava fazendo doutorado e eu vim para cá para montar o núcleo, eu tinha passado um ano em São Paulo, até escrever a tese aqui. O primeiro desafio foi convencer as pessoas que esse método de ensino era de qualidade e que funcionava.

Diante dos fatos mencionados, é possível apontar que na UNIT, no tocante aos desafios enfrentados inicialmente, a grande dúvida foi relacionada à credibilidade da modalidade EAD, pela sociedade e, inclusive, pelos próprios docentes.

Os preconceitos em torno da Educação a Distância, por vezes, implicam na utilização de suas potencialidades. Não raro, aqueles que utilizam o ensino presencial atribuíram sua existência a uma visão equivocada, em que as aulas que se apoiam em TICs são confundidas com a complexidade do sistema de EaD. Atualmente, a EaD tem deixado de ser uma modalidade de aprendizado marginalizada e passou a configurar o currículo de muitas instituições de ensino superior no Brasil.

A EaD baseia-se no processo de autoaprendizagem, que se completa quando o aprendido se relaciona de forma substancialmente com a estrutura cognoscitiva do aprendiz. Não havia, no entanto, uma cultura de aprendizagem sem a tutela do professor, como ocorre no presencial. A ideia é separar a distância do presencial, uma não completa a outra, ambas são modalidades com características próprias.

3.3 Evidenciando as Possibilidades

Visando compreender as possibilidades diante do contexto da EaD, está sendo apontada como uma alternativa para enfrentar o desafio do cenário educacional.

É possível identificar nas narrativas dos gestores que afloram a emoção. Nunes (ENTREVISTA AO AUTOR: 22/05/2013) confirma isso em seu relato:

Hoje eu observo que a modalidade de ensino a distância teve grandes avanços. Uma coisa foi iniciar em 2000, quando a gente implantou pela primeira vez um curso de graduação, que foi o curso de Língua Portuguesa no polo de Laranjeiras, com três turmas, em parceria com a prefeitura. Naquela ocasião foi de fato uma quebra de barreira, porque falar em educação a distância era falar de um ensino fácil, que o aluno não precisava estudar, então foi uma quebra de paradigmas. Hoje não, diante do avanço das tecnologias, inclusive da entrada de outras instituições, na minha visão em relação ao ensino a distância, houve um grande avanço. As barreiras foram quebradas, hoje um aluno mais jovem entende o ambiente virtual.

Da mesma forma, recorda-se Linhares (ENTREVISTA AO AUTOR: 30/05/2013):

Lembro-me de que foi emocionante, professoras que os maridos não deixavam

estudar retomaram o curso, então tem certa experiência de vida que a UNIT contribuiu muito para enriquecer e trazer conhecimentos para esse projeto. No caso da UAB, como ela vem depois, o modelo está mais ou menos desenvolvido, a contribuição vai ser da instituição pública, em oferecer gratuitamente uma inclusão que fortaleça, que favoreça a construção do sujeito como professores, com relação às tecnologias e a educação a distância. Um novo método de aprender. Então eu acho que isso é outra contribuição a se destacar, aqui os professores formados em educação a distância, por mais que se questionem, mas esses professores já têm na sua formação esse novo método- de aprendizagem, que foi aparecendo a partir da metade do século passado, relativa à própria proposta pedagógica.

Parece que, essas duas experiências foram o “divisor de água” na história da educação a distância na UNIT, como a pioneira em EaD no Estado de Sergipe, comprovado pelos bons resultados em avaliações realizadas pelo MEC e pelo crescimento exponencial das matrículas no curso superior nesta modalidade. Experiências de instituições brasileiras de ensino superior, como a UNIT e a UFS, mostram que para ofertar um curso superior na modalidade a distância, deve existir uma visão estratégica diante do cenário no qual se pretende atuar, além da complexidade do processo de educação a distância.

4 IMPLANTAÇÃO DA ESTRUTURA DA EaD NA UFS

Neste capítulo, apresento uma descrição e análise pautada no processo de implantação da EaD na educação superior da UFS, fazendo referências às narrativas dos gestores que participaram deste processo, além da análise dos documentos relativos ao CESAD, da referida instituição.

A UFS foi criada em 15 de maio de 1968, até 2006 ofereceu apenas o ensino presencial em nível de graduação e pós-graduação. Porém, desde 2006, vem realizando parcerias com algumas instituições financeiras com objetivo de expandir e democratizar as oportunidades de acesso, a exemplo do Banco do Brasil e Petrobrás. Só com o Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), essa expansão foi consolidada, especialmente com a interiorização com a criação de campi, hoje situados em nas cidades de São Cristóvão, Aracaju, Itabaiana, Laranjeiras e Lagarto (RELATÓRIO UFS, 2012). Nesse processo de expansão foi criado o CESAD, já sob a proteção legal do Decreto 5.622, de 19/12/2005, do MEC, que propunha a educação semipresencial como uma modalidade Educativa, na qual a mediação se dava pelas TIC. Em 2006, o referido centro foi criado, através da Resolução n.49/2006/CONSU, com a adesão ao Programa UAB, em 2007. (RELATÓRIO UFS, 2012).

Antes da instalação da UAB na UFS, algumas experiências no âmbito da EaD já haviam sido realizadas. Sobral (2011) afirma que as primeiras iniciativas de EaD da UFS foram fomentadas com o propósito de buscar a melhoria da qualidade da Educação no Estado, com a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Comunicação e Educação (NUCE)¹³, em 1990. Este Núcleo teve como objetivo o desenvolvimento de tecnologias de comunicação e sua utilização no processo educativo. Em 1997, a UFS participou do Consórcio Interuniversitário de Educação a Distância (CREAD), compondo parte do Plano de Educação Continuada e a Distância da UFS, no qual buscou-se o aperfeiçoamento dos docentes da instituição na área da Comunicação. Esse consórcio foi em parceria com a Universidade de Brasília, em 1993, através de um curso ofertado em nível de especialização na área de EaD.

A partir desta iniciativa, um dos egressos deste curso propôs a implantação da Coordenadoria de Educação a Distância (CEAD), dentro do Departamento de Educação (DED), ao qual estava vinculado. Entretanto, essa coordenadoria não teve reconhecimento na UFS, ficando restrito ao DED, realizou algumas ações em nível de cursos de especialização e de graduação, bem como a organização de alguns eventos sobre EaD e TIC,

¹³ O NUCE teve a primeira gestão iniciada pelo professor Ricardo César Bolano Siqueira, juntamente com as professoras Lilian Cristina França e Maria de Fátima Monte Lima e a participação de outros profissionais de diferentes cursos (SOBRAL, 2011).

integradas na Educação.

De acordo com Sobral (2003), a CEAD teve inicialmente alguns problemas de estrutura física e material, mas realizou algumas atividades para a fomentação da EaD, como o *I Seminário de EAD*, em 1999, com o propósito de impulsionar a UFS como um todo sobre o novo momento que seria os avanços tecnológicos e o resgate da EaD. Além disso, teve a criação do grupo de trabalho das TIC, criado na *III Semana de Educação*, realizada em 1999, com o objetivo de promover um pensar sobre as TIC, aplicadas à educação.

Estas iniciativas pontuais foram proporcionando espaço para a introdução de projetos maiores na UFS, relativos à EaD. Ressaltando, no entanto, a possível visibilidade que teve na instituição. Dessa forma, o CESAD foi criado dentro de uma conjuntura nacional que vinha sendo fomentada desde a década anterior, como uma política pública de expansão da oferta em cursos de graduação.

No Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI, 2005, p. 68-79) da UFS consta que:

A UFS iniciou estudos para viabilizar, a partir de 2006, a oferta de cursos à distância dentro do “Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício no Ensino Fundamental e Médio”, em parceria com outras instituições universitárias do Nordeste. Esse programa estava voltado para professores que atuavam nos sistemas públicos de ensino, nos anos/séries finais do ensino fundamental e/ou no ensino médio sem ter habilitação legal para a função (licenciatura).

A UFS apresentou proposta para um curso de Ciências Biológicas-Licenciatura, com perspectiva de atingir as demais áreas do conhecimento. No período 2005 – 2009, a UFS pretendia também integrar o Sistema Universidade Aberta do Brasil, instalando polos regionais de ensino de graduação a distância nos municípios de Estância, Lagarto, Nossa Senhora da Glória e Propriá – onde funcionavam os cursos do PQD – como já assinalado anteriormente, constituindo o sistema Universidade Aberta da UFS. Revele-se aqui a importância que estes dois projetos representaram para o interior de Sergipano. Esses polos regionais deverão, pois, aproveitar a infraestrutura utilizada pelo PQD e complementá-la com recursos para oferecer aos alunos autonomia de estudo e construção autônoma e crítica do conhecimento, a partir de meios de aprendizagem diversos, como impressos, áudios, vídeos, multimídia, internet, correio eletrônico, chats, fóruns e videoconferências. A UFS previa a organização de um consórcio público envolvendo os três níveis governamentais (federal, estadual e municipal) e a própria instituição, com o apoio de empresas estatais, para possibilitar a oferta de cursos de graduação à distância e assim viabilizar a implantação do Sistema de Universidade Aberta. A educação superior a distância depende da adoção de tecnologias de informação e comunicação (TIC), em especial as dedicadas a promover o desenvolvimento das capacidades de autoaprendizagem, valendo o desenvolvimento das capacidades de autoaprendizagem, valendo como uma espinha dorsal natural, para suporte e desenvolvimento de aplicações baseadas em TIC, que deverá estar apoiada na Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), a qual interligaria todos os polos regionais à UFS.

Conforme o PDI (2005), os polos deverão aproveitar a infraestrutura utilizada pelo PQD e complementá-la a partir de meios de aprendizagem, como: impressos, áudios, multimídia,

internet, correio eletrônico, chats, fóruns e videoconferências.

Segundo Freitas (ENTREVISTA AO AUTOR: 02/04/13), a UFS demorou metade de uma década para incorporar a EaD, em uma conjunta nacional em que o Sistema estava sendo construído. Diante das políticas de formação profissional instituída pelo MEC foi criado o CESAD em 2006, e adesão em 2007 à UAB. O Centro Editorial e Audiovisual (CEAV), no dia 20 de novembro de 2006, transformou-se no CESAD (Portaria nº 650 de março de 2004), com aprovação do Conselho Superior da UFS, o CESAD foi criado para atender à nova demanda da educação a distância semipresencial.

De acordo com PPC do curso de Letras – Português do EaD da UFS (2006), o CESAD é responsável pela coordenação, supervisão, assessoramento e prestação de suporte técnico para a execução de atividades de ensino, pesquisa e extensão, na área da EaD da UFS e, tem por finalidade:

- oferecer novos conhecimentos, desenvolver habilidades e atitudes ao maior número de pessoas que desejam estudar ou atualizar-se, independente de tempo disponível e localização geográfica, tornando democrático o acesso a uma educação adequada aos objetivos da sociedade;
- oferecer um ensino que assegure a educação permanente e continuada, possibilitando uma visão ampla, crítica e socialmente abrangente de mundo, concentrando-se nos processos de aprendizagem do aluno;
- apoiar e acompanhar a interlocução entre professor, aluno e tutor;
- prestar suporte técnico e pedagógico, em EAD, às unidades da Universidade;
- realizar estudos e pesquisas nas áreas de educação a distância e educação continuada, voltados aos interesses da Universidade e da comunidade em geral, com o objetivo de subsidiar e fundamentar ações e concepções no campo da educação;
- promover e ministrar cursos de graduação, pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, e extensão, na modalidade a distância;
- promover e/ou apoiar seminários, congressos, encontros e outros eventos com a finalidade de propiciar o aprimoramento de docentes, especialistas e alunos, na área de educação a distância;
- prestar serviços de consultoria e assessoria a outras instituições de ensino superior, escolas de educação infantil e de ensino fundamental e médio, e outros órgãos ligados ao ensino;
- divulgar os resultados dos estudos e pesquisas realizadas, assim como eventos e fatos de interesse para profissionais da área de educação, que ocorram no âmbito da UFS ou fora dela;
- manter intercâmbio com instituições brasileiras e estrangeiras, ligadas à formação de docentes e especialistas na modalidade EAD, à pesquisa e prestação de serviços bem como à divulgação do conhecimento produzido na área;
- constituir acervo bibliográfico e documental sobre temas específicos da modalidade EAD e dar ampla divulgação junto aos profissionais, dos trabalhos, teses e artigos que apresentem importância e interesse para os profissionais da área;
- promover a expansão e interiorização do ensino gratuito e de qualidade no Estado, através de cursos de extensão, graduação e pós-graduação, atividades curriculares e extracurriculares, presenciais ou à distância.

As atividades do antigo CEAV foram aglutinadas ao CESAD, que passou a produzir materiais didáticos impressos e para a internet, os chamados objetos virtuais de aprendizagem (OVA), incluindo neste acervo, as chamadas vídeoaula. Foram criadas unidades de produção de outras mídias, além de uma unidade de sistemas responsável pelo ambiente virtual. O novo Centro coordenou as sedes dos nove municípios que participaram do projeto da UAB da UFS, nesta fase inicial.

Segundo o PPC do curso de Letras – Português do EaD da UFS (2006), o Projeto UAB criado pelo MEC, em 2005, foi criado no âmbito do Fórum das Estatais pela Educação, para a articulação e integração de um sistema nacional de educação superior a distância, gratuita e de qualidade, em caráter experimental, visando sistematizar as ações, programas, projetos, atividades pertencentes às políticas públicas voltadas para a ampliação e interiorização da oferta do ensino superior gratuito e de qualidade no Brasil.

Os consórcios públicos nas três esferas, Federal, Estadual e Municipal, juntamente com as universidades públicas constituíram uma parceria denominada Sistema Aberta do Brasil. E para a realização do Projeto UAB, o MEC, através da SEED, lançou o Edital nº 1, em 20 de dezembro de 2005, com a Chamada Pública para a seleção de polos municipais de apoio presencial e de cursos superiores de Instituições Federais de Ensino Superior na EaD para a UAB, que deveriam estar finalizados no ano de 2006, para ser ofertados em 2007.

Na narrativa de Freitas (ENTREVISTA AO AUTOR: 02/04/2013), ele identifica-se como um dos membros ativos no início desse processo:

É uma proposta do Professor Josué Sobrinho, projeto também muito pensado por ele, sobre a gestão do Professor Ricardo Lacerda do Departamento de Economia. A ideia deles era o de recuperar o terreno perdido pela universidade pública. A UFS de Sergipe não tinha autorização para ofertar cursos a distância aqui e outras universidades já tinham conseguido. A primeira iniciativa deles foi a de montar um projeto para responder os editais do MEC, e, em seguida, tentar conseguir essa autorização. Então o trabalho da Universidade foi convidar os prefeitos para preparar projetos para falar sobre a oferta, para saber quem queria para instalar os polos, na verdade intermídia esses projetos e colocar a disposição os seus técnicos para implementar o projeto aqui, porque na verdade o projeto da UAB ele tem grandes autores: o governo federal, a universidade e as prefeituras. A Universidade entra ajudando as prefeituras preparando os seus projetos, suas ofertas, e oferecendo técnicos para implantar o projeto na universidade: fazer projetos pedagógicos, contratar pessoal para fazer material didático, contratar professores. Foi assim que se deu o ensino a distância da UAB na UFS em 2005, eu entrei em 2006.

Em 2006, com a unificação dos trabalhos dos gestores da UFS, das prefeituras municipais, do Governo Federal e do Estado de Sergipe foi instituído o CESAD. Foram inicialmente apenas 9 polos regionais instalados para ofertar graduação a distância

aproveitando a estrutura do Programa de Qualificação Docente (PQD)¹⁴ e os demais polos foram sendo implantados depois do acordo da UFS com as prefeituras.

Com base em Sobral (2010, p. 41), a criação da direção e coordenadorias favoreceu a descentralização das atividades na fase inicial do CESAD:

A direção geral e várias coordenadorias: a de mídias, responsável pela produção dos objetos virtuais de aprendizagem; a coordenação de tecnologias, pela instalação, manutenção dos laboratórios de informática; de polos, que fazia a articulação política e pedagógica entre o Centro e os polos; a tutoria, incumbida de lidar com os tutores a distância e presenciais; a de material impresso, cuja função era a organização e produção dos cadernos CESAD; coordenação gráfica, que gerenciava o processo de impressão e distribuição do material impresso e a coordenadoria pedagógica, responsável pela organização e oferta de cursos. Além dessas coordenadorias pedagógicas, o CESAD contava com os coordenadores de curso, ligados a cada um dos Departamentos que oferecia a licenciatura a distância e com uma Assessoria de Comunicação. Faziam parte dessa estrutura didática os professores, coordenadores, de disciplinas, docentes vinculados aos departamentos da UFS, os tutores presenciais e os tutores a distância. Com essa estrutura administrativa todo o processo de organização e oferta de curso se deu, entre os anos de 2006/2007 até quase final de 2008, quando sofreu profunda reforma, pautando-se em uma centralização maior das atividades em poucas coordenações.

A educação superior em Sergipe na modalidade EaD passou a ser vista como proposta para atender às demandas urgentes, por maior qualificação profissional. Isso porque atinge um número expressivo de trabalhadores nos mais diferentes locais do estado de Sergipe e dentro de um contexto econômico de racionalidade de custo superior ao ensino presencial (MORAIS, 2001). A concepção do professor Cerqueira (ENTREVISTA AO AUTOR: 24/07/2013) sobre a EaD na UFS e, em suas lembranças as possibilidades dessa modalidade educativa. Sua narrativa expressa, do ponto de vista pessoal, o que entende sobre EaD:

[...] ao longo do tempo que eu vivi no CESAD, posso falar da minha relação com a UFS, apesar de ter relação com outra universidade a partir da minha esposa que é da EaD, mas a experiência que posso falar é da UAB daqui da UFS. Eu acho que é uma modalidade bem interessante, pois abriu um leque de opções. [...] Vejo que contemplou a demanda razoável de pessoas que estavam à margem da educação. [...] Eu me baseio pela alta evasão, durante minha permanência aqui. Acho que se oferece a EaD para um aluno que não está preparado para o EaD, porque o aluno está fora do mercado há dez anos, há quinze anos e quando ele volta, ele volta desmotivado. Então, [...] eu acho um processo meio contraditório, você quer ter um aluno com independência e com autonomia, mas você pega um aluno que não tem esse ritmo. Eu escutava muitas reclamações e via muitos elogios também.

Ao descrever o que pensa a respeito da EaD, também traz a cena dos conflitos no processo inicial de implantação do sistema:

¹⁴ O PQD, foi um convênio entre a UFS e o Governo do Estado de Sergipe, objetivando a qualificação de docentes da rede estadual de ensino que atuavam no interior do estado. Funcionou em sedes das Diretorias Regionais, chegou a formar 1449 professores, durante os quase 10 anos de sua existência (RELATÓRIO UFS, 2012).

Acho o modelo interessante, mas a implementação teve muitos problemas. Eu vi prefeituras que não davam suporte à UFS. Vi professores da universidade elaborando material de qualidades não tão interessante para a EaD. Eu acho que é uma proposta interessante, mas ela só atende o interesse do MEC em quantitativo. Eu vejo assim. Vamos botar todo mundo, e o material didático é muito caro e a gente vê custo de impressão muito caro, o aluno era muito preso ao livro, não abria o leque como outros cursos, como acontece, eu vi resultados bons, alguns polos que se destacavam, mas outros não, mas eu tenho as minhas reticências (CERQUEIRA, 24/07/13).

4.1 Primeira Turma na Modalidade EaD -UFS

A UFS lançou em 2007, o primeiro vestibular para o ingresso na formação superior em licenciatura plena, ofertando 50 vagas por polo de apoio presencial e por curso, a saber: Geografia, Ciências Biológicas, Química, Física, História, Letras-Português e Matemática. Esses cursos foram ofertados nos municípios sergipanos de Areia Branca, Estância, Japaratuba, Porto da Folha, Poço Verde, Brejo Grande, São Domingos, Laranjeiras e Arauá. Das 50 vagas, 50% foram disponibilizadas para professores da rede pública de ensino e o restante para a sociedade em geral. Como relata Cerqueira (ENTREVISTA AO AUTOR: 24/07/2013):

Foi uma prova bem mais enxuta do que o vestibular tradicional, mas a mesma logística foi a CCV que realizou, mas foi a responsabilidade do CESAD para distribuir, o mesmo molde de seleção, foi feito pela CCV. Eu lembro que o CESAD ofertou apenas licenciatura, para a formação de professores, ou seja, metade das vagas eram para professores da rede pública. As licenciaturas com laboratório tiveram as atividades retardadas, química e física, por exemplo.

Segundo Sobral (2011), a UFS permitiu um progresso na sua História e na Educação, com a instalação da EaD em 2006 e criação dos laboratórios de informática, além dos laboratórios específicos das áreas de conhecimento, sala de leitura, material impresso e atividades postadas na Plataforma Moodle, o sistema foi implantado e encontra-se em funcionamento, com mudanças significativas em nível de gestão. Nos primeiros momentos, tinham-se várias coordenadoras, subordinadas ao Coordenador Geral, a saber, tutoria, polos, material impresso, pedagógico, tecnologia, material virtual.

Os primeiros cursos de licenciatura na modalidade EaD da UFS tinham duração de quatro anos e meio e apresentava um quantitativo de créditos por semestre. As disciplinas tinham uma vertente conteudista, porém privilegiavam uma abordagem pedagógica com foco na autonomia e na responsabilidade do estudante sobre a sua aprendizagem. Recuperando a perspectiva do modelo pedagógico, pode-se considerar como cognitivista. As atividades de ensino-aprendizagem eram elaboradas antecipadamente no início do semestre pelo coordenador de disciplina e eram desenvolvidas pelos estudantes através do AVA na plataforma Moodle, com o acompanhamento dos tutores, conforma assinala Freitas (ENTREVISTA AO AUTOR: 02/04/2013):

O impresso era produzido onde é hoje a prefeitura do campus. Depois foi transferido para didática II. Na verdade, os textos eram produzidos na residência dos professores, cada um fazia o seu e eram diagramados aqui na didática II. No início era onde é hoje a prefeitura do campus, e impresso em empresas contratadas. A gente fazia a diagramação e a ilustração, os desenhistas produziam os desenhos gráficos.

De acordo com o PPC do curso de Letras-Português do CESAD (2006), o currículo dos cursos de licenciatura na modalidade EaD foi organizado em torno dos seguintes núcleos de conteúdos:

- **Núcleo de Conteúdos Específicos** - compõem este núcleo, as disciplinas de fundamentação teórica relativas a conteúdos ou prática resguardando o caráter específico;
- **Núcleo de Conteúdos Profissionais** - compõem este núcleo, as disciplinas que tratarão de questões de fundamentação filosófica e teórico-metodológicas relativas ao processo de ensino-aprendizagem e estágio supervisionado;
- **Núcleo de Conteúdos Complementares** - compõem este núcleo, as disciplinas optativas, que asseguram a formação humanística de caráter interdisciplinar.

Freitas (ENTREVISTA AO AUTOR: 02/04/2013) destaca:

Na Plataforma Moodle, o estudante interagia através do chat e dos fóruns que eram mediados pelo tutor, através de discussão textual. O fórum foi o espaço mais utilizado para tirar as dúvidas, além dos recursos tecnológicos utilizados no processo de aprendizagem, tais como, Filmes em Vídeo, DVD, material impresso e videoconferência.

Foram encontradas muitas dificuldades para o funcionamento da Plataforma Moodle, como demonstra a narrativa de Cerqueira (ENTREVISTA AO AUTOR: 24/07/2013), pois trata-se da questão da produção de material didático virtual:

Outro problema foi na minha coordenação, que não houve nenhum tipo de priorização de outra natureza a não ser a do material impresso. A falta de acesso à internet, em primeiro lugar, a parceria, em segundo essa questão do capital humano de produzir material didático, e o terceiro foi a estrutura de rede. Era uma EaD, mas não tinha internet. Tivemos que botar vários alunos em *lan house*. Desse ponto de vista o sistema EaD foi muito atropelado pelo governo federal. Tem vários polos que se você for visitar hoje, tem uma antena parabólica que era da internet. Eu não me lembro desse programa de internet em todas as escolas, foi caríssimo essa estrutura, esse polo com internet. A internet era mais lenta do que modem, a gente pensava em algo, mas não conseguimos executar. Isso se agravou três a quatro anos no CESAD. Pensamos em fazer parcerias com a OI, contratando a Velox, link direto, via rádio.

O material impresso foi referente ao guia acadêmico, ao guia de formação básica do uso da plataforma e funcionamento/desenvolvimento do curso, material didático de apoio, biblioteca nos polos de apoio presencial e a Biblioteca Central da UFS. Como exemplo de material impresso utilizado nos cursos do CESAD, identifiquei a disciplina Programa das

Atividades Didático-pedagógica em EaD, que apresentava carga horária de 60 horas com 4 créditos e tinha como ementa, abordagem histórica e pedagógica sobre a modalidade EAD (SOBRAL; RUIZ, 2006).

Os professores e estudantes da modalidade EaD da UFS não se encontravam frequentemente no mesmo espaço e tempo de aprendizagem, a interação e comunicação foram sendo concebidas e estruturadas de modo a garantir o diálogo entre eles. A comunicação e interatividade foram pensadas levando-se em conta que cada área de conhecimento do curso teve momentos presenciais e a distância. Dessa forma, a produção de um material didático voltado para EaD visava um duplo objetivo: 1. De auxiliar os estudantes a compreender a modalidade de ensino; 2. Proporcionar elementos de compreensão sobre os papéis que iam assumir durante o curso (PPC do curso de Letras-Português do CESAD, 2012).

De acordo com Cerqueira (ENTREVISTA AO AUTOR: 24/07/13), os encontros presenciais foram organizados nos Polos de Apoio Presencial onde a licenciatura era ofertada. Os alunos participavam de atividades programadas de acordo com os objetivos de cada curso e eram disponibilizados plantões pedagógicos, aulas práticas de laboratório, videoconferências, trabalhos de campo, fóruns de discussão e avaliações da aprendizagem. Essa dinâmica, sempre marcada por dificuldades tanto de acesso e ida dos cursistas aos polos, como pelas ainda precárias condições dos polos no tocante à Internet, em falta, por vezes lentas, com quedas constantes.

Os tutores não ministravam aulas, mas desenvolviam plantões pedagógicos presenciais, de acordo com o modelo de tutoria adotado do CEDERJ, os horários semanais disponibilizados por eles com o objetivo de sanar as dúvidas dos estudantes, visando ajudá-los a superar as dificuldades que lhes eram apresentadas quanto à aprendizagem dos conteúdos, inserção no curso, organização do tempo de estudo, realização das atividades de estudo programadas, dentre outras.

Havia um tutor por disciplina de natureza teórica, para grupo de 100 alunos e um tutor por disciplina de natureza prática, para grupo de 50 alunos. A Coordenação de Tutoria e a Coordenação de Curso acompanhavam as atividades dos tutores presenciais e a distância. A seleção dos tutores era realizada conforme normas estabelecidas em edital, emitida pelo CESAD.

De acordo com o PPC dos primeiros cursos do CESAD (2006), o sistema de acompanhamento e orientações da aprendizagem do estudante foi estruturado com os seguintes profissionais:

O Coordenador do curso, responsável pela administração didático-pedagógica do curso, junto ao departamento acadêmico, onde o curso estava alocado na UFS.

O Coordenador de disciplina, responsável pelo conteúdo disponibilizado de forma impressa e *on-line*. Essa função existiu até o início do semestre letivo, com a incumbência de elaborar e postar o planejamento acadêmico com as orientações específicas da disciplina. Acompanhar o andamento das atividades propostas na Plataforma Moodle, orientando os estudantes, via fórum, chats, encontros presenciais, dentre outros.

Segundo o PPC dos primeiros cursos do CESAD (2006), havia um coordenador de tutoria, porém o coordenador de disciplina também fazia a coordenação sobre o trabalho dos tutores de sua disciplina.

Tutor presencial atuava nos polos de apoio presencial tendo como funções colocar a presença humana no processo de aprendizagem, tornando a EAD um processo menos solitário e mais comunitário, estimulando assim, a adesão do estudante ao sistema, auxiliando os estudantes a criarem novos hábitos, comportamento e estratégias de estudo;

Tutor a distância atuava em três frentes junto aos alunos – como um orientador de estudo, ajudando-o a encontrar soluções para os problemas e promover a interatividade entre os estudantes através de grupos de estudo, debates e troca de ideias – junto ao coordenador de disciplina, colabora complementando o seu trabalho de orientação e assistência ao estudante; com os tutores presenciais com o objetivo de apoiar e ajudar o estudante na construção da autonomia da aprendizagem, fazendo o elo com os coordenadores de disciplina, sob a coordenação direta do coordenador de disciplina supervisionada pela coordenação de tutoria do curso. O tutor atuava como um mediador entre os coordenadores de disciplina, estudantes e a instituição. Cumpria o papel de auxiliar no processo de ensino e aprendizagem ao esclarecer dúvidas de conteúdo, reforçar a aprendizagem, coletar informações sobre os estudantes e prestar auxílio para manter e ampliar a motivação dos estudantes;

O coordenador do polo e a equipe de apoio administrativo foram responsáveis pelo funcionamento das atividades administrativas e pedagógica no polo de apoio presencial.

De acordo com o PPC dos primeiros cursos do CESAD (2007), o estudante do CESAD mantinha o contato com a diretoria pedagógica através da central de apoio via telefone ou e-mail, buscando melhorar o tramite dos processos e da ouvidoria a UFS. Com a matrícula e a senha individual, o estudante tinha acesso ao AVA, a Biblioteca do polo por meio da homepage institucional (www.cesad.ufs.br).

O estudante tinha um atendimento individualizado pelos Coordenadores dos Polos/Tutores presenciais, principalmente na semana do polo, ou seja, na aula inaugural. Além disso, o uso da biblioteca do Polo que promovia o acesso dos alunos à bibliografia de cada disciplina, além do material didático utilizado no curso. Nos laboratórios de informática era proporcionado um ambiente de trabalho favorável à integração entre as diversas unidades da UFS.

De acordo com o PPC dos primeiros cursos do CESAD (2006), os estudantes tinham que comparecer até o polo para desenvolver as atividades articuladas pelo coordenador e supervisionadas pelo coordenador de tutoria, para buscar orientação com o tutor e para obtenção de material bibliográfico.

As avaliações eram presenciais e a distância para todos os cursos. As avaliações presenciais eram realizadas nos sábados e domingos, para não prejudicar alunos que, eventualmente, trabalham e moram distante dos polos regionais. Foram aplicadas 3 (três) avaliações presenciais por disciplina, a cada semestre letivo, com um sistema de aprovação ligeiramente distinto daquele que é praticado nos cursos presenciais da UFS.

De acordo com o PPC dos cursos do CESAD (2006), as modalidades de avaliação foram os exercícios avaliativos (EA), pertinentes às unidades didáticas. Ao término de cada unidade era disponibilizado um conjunto de EA e a ideia fundamental era que o estudante a distância da UFS, pudesse se avaliar no acompanhamento da disciplina (testes sem notas). Cerqueira (ENTREVISTA AO AUTOR: 24/07/2013) narra sobre este processo:

As provas, operacionalmente não era viável fazer apenas com questões subjetivas, então lembro que as provas mesclavam, com questões objetivas e subjetivas. As provas eram padronizadas, por exemplo, havia prova de cálculo 1, todos os polos que tinham essa disciplina estariam fazendo essa prova, quem elaborava era o professor, se tivesse três professores, os três elaboravam as questões e mandavam para coordenação do polo, e editorial, e eles filtravam essas questões e elaboravam as provas, ou seja, havia um banco de questões. Eu participei de um momento, em que nós mesmos imprimíamos as provas, montávamos os envelopes, várias vezes fechávamos sala para fazer malotes de provas, as provas eram questões abertas e fechadas, quem corrigia eram os tutores, e devolviam na sala do Sistema.

A interatividade dos estudantes, entre eles e com os tutores, era fortemente estimulada na realização dos exercícios avaliativos, visando à implementação de processos de ensino e aprendizagem de sucesso. Nos polos regionais, incentivava também os estudantes a trabalhar em grupo, utilizando os microcomputadores disponíveis.

As avaliações à distância foram essencialmente de caráter formativo. Podiam ser constituídas de acordo com a essência da disciplina e de decisões de ordem pedagógica, de trabalhos enviados para os polos pelos tutores e por eles corrigidos, ou de exames a distância, com prazo para retorno das soluções elaboradas pelos estudantes.

As avaliações a distância deviam atribuir notas. Entretanto, seu peso na nota final correspondia a 20% (vinte por cento). Essas avaliações devem incluir trabalhos em grupo para estimular a interação entre estudantes.

As avaliações presenciais (AP) dos primeiros cursos do CESAD eram realizadas nos polos regionais e ocorriam em dias e horários preestabelecidos, dentro dos Períodos de

Avaliações Presenciais, planejadas e incluídas no Calendário Acadêmico.

Tais avaliações seguiam o rigor próprio dos exames presenciais realizados pela UFS, tanto no que se refere à fiscalização quanto à elaboração, aplicação e correção das provas. As avaliações presenciais correspondiam a 80% (oitenta por cento) da nota final do estudante.

De acordo com Sobral (2010), os polos de apoio presencial eram dotados de uma pequena estrutura administrativa e pedagógica para a realização de atividades, com a instalação de laboratórios, sobretudo de informática, secretaria e bibliotecas setoriais. Entretanto, muitos destes polos foram inaugurados sem que essa infraestrutura fosse concluída.

O polo de São Domingos, situado na Região Centro-Oeste do Estado, distante 76 km de Aracaju, foi o primeiro a ser inaugurado em 11 de novembro de 2007, o qual já possuía sede própria, com sala de tutoria, 3 salas de aula convencionais, sala de coordenação do polo e biblioteca. O receio de que os estudantes de EaD não tivessem acesso ao AVA, fez parte do conjunto dessas dificuldades iniciais.

Figura 8 - Aula Inaugural do Polo de São Domingos



Fonte: Acervo pessoal de Freitas, 2007.

Na ocasião de inauguração do Polo de São Domingos, o laboratório de informática já estava pronto, com 2 laboratórios de informática, comportando respectivamente 26 e 21 microcomputadores.

Figura 9 - Laboratório de Informática do Polo de São Domingos



Fonte: Acervo pessoal de Freitas, 2007.

Considerando que essa realidade não foi idêntica para todos os polos, na estrutura dos laboratórios e no funcionamento da Plataforma Moodle, no atendimento dos docentes, etc. Conforme assevera Freitas (2014): “No primeiro período foi um caos, não achava tutor, o polo não funcionava, o professor não atendia, um caos”. Enquanto proposta, porém na execução, cada polo teve uma dinâmica diferente.

Segundo Sobral (2011), independente de possíveis digressões a respeito da política local e federal, naquele momento, todos da gestão da UFS estavam lá e absolutamente envolvidos na missão que lhes competia ao proporcionar para a comunidade de São Domingos a oportunidade de fazer um curso da UFS, com qualidade. Esse objetivo comum levou a equipe do CESAD a trabalhar diuturnamente na resolução de problemas. Não havia ilusões sobre as dificuldades, especialmente em relação às condições das infovias no Estado e o acesso à internet, exigindo medidas diferenciadas para cada polo.

Segundo Cerqueira (ENTREVISTA AO AUTOR, 2013), no mesmo mês da inauguração do polo de São Domingos, ocorreu no dia 23, a aula inaugural do polo de Arauá situada no Sul do Estado, instalado na Escola Joaldo Costa Carvalho, que estava em bom estado de conservação e também abrigava várias turmas do ensino fundamental. O polo funcionou em 3 salas limitadas por divisórias, onde funcionava a coordenação do polo, a sala de tutoria (conjugada com a biblioteca e a secretaria) e o laboratório de informática, com 35 microcomputadores, outras 15 microcomputadores funcionavam no Centro de Inclusão Digital, para atendimento exclusivo aos alunos da UAB. As cadeiras de operador de microcomputador também não eram compatíveis, apesar de possuir um mobiliário mínimo para a execução das tarefas administrativas (armário, cadeiras, mesa, arquivo de aço, impressora, estante e ar condicionado)

Figura 10 - Polo de Arauá



Fonte: Relatório UFS, 2012.

O polo de Poço Verde, ainda não era exclusivo para o funcionamento dos cursos da UAB. A escola atendia crianças e jovens do Ensino Fundamental nos turnos manhã e tarde. Os estudantes da UAB só tinham as 8 salas disponíveis para eles no turno noturno e aos sábados. Não havia previsão para iniciar a construção dos laboratórios de Química, Física e Biologia.

Figura 11- Aula Inaugural do Polo Poço Verde



Fonte: Acervo pessoal de Freitas, 2007.

As prefeituras não assumiram a parceria feita com a universidade, houve um desgaste por parte da gestores de cobrar dos prefeitos o que foi acordado, nas visitas aos polos, foi constatado que não havia possibilidade de operar, começava o vestibular para um polo e não começava para outro, o principal problema do CESAD foi a parceria com as prefeituras, a relação entre Governo Federal, Estado e Município. Como mostra a narrativa de Cerqueira (ENTREVISTA AO AUTOR: 24/07/2013):

Prefeitura dizia que não tinha dinheiro para montar, ela queria colocar a UAB dentro da escola pública, a escola era precária e ainda colocava a UAB, a prefeitura não tinha dinheiro para comprar cabo para instalar rede, a contratar tutor de polo. [...] Em Laranjeira teve um problema muito sério, aí me lembro que o governo deu uma jogada com Secretário de Educação Estadual, as bancadas de computador era o governo que estava dando, imagine o prefeito era de um partido e o governo de outro partido, isso o primeiro problema.

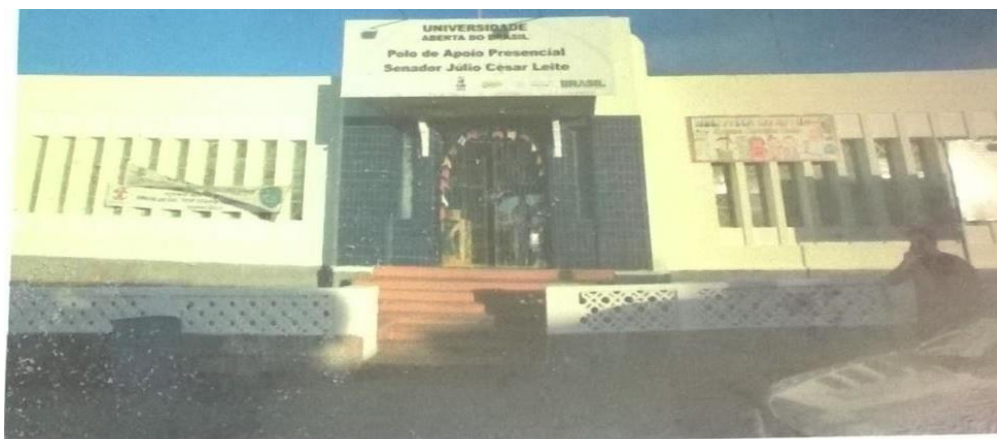
Existia uma discrepância em relação à infraestrutura dos polos do CESAD, como por exemplo, o polo Estância estava instalado em prédio bem conservado, pertencente à Associação Comercial, estava dentro dos padrões mínimos exigidos pela UAB, não obstante dividir espaço com uma instituição de nível superior do setor privado. Confirmo com a narrative de Freitas (ENTREVISTA AO AUTOR, 02/04/2013):

Os polos não tinham estrutura para funcionar, pois pouquíssimas prefeituras assumiram as suas obrigações, Estância funcionou porque o prefeito deu um prédio decente, comprou computador, colocou ar condicionado, botou internet que era caríssimo. Em Brejo Grande até hoje não funciona o polo.

É possível confirmar também pela fala de Cerqueira (ENTREVISTA AO AUTOR: 24/07/2013):

Essa informação eu não consigo organizar, eu lembro assim, Estância foi um polo bem adiantado, o prefeito da época Ivan Leite deu uma excelente estrutura ao polo, acho que Estância foi um polo adiantado, São Domingo também foi um polo que teve certo adiantamento.

Figura 12 - Polo de Estância



Fonte: Relatório UFS, 2012

De acordo com o relatório do CESAD (2007), a inspeção do polo de Laranjeiras ocorreu dia 18 de fevereiro de 2008 e o quadro apresentado ainda era crítico, visto que o prédio continuava com 4 salas para atender a 7 cursos. As salas estavam pintadas e forradas. Os laboratórios de informática estavam com as bancadas, mas faltava a rede lógica. Não foram montados os laboratórios de Química, Física e Biologia. A coordenadora de polo tinha afirmado que um grande problema agora era com os cursos presenciais da UFS, que ainda

estavam no CAIC.

Figura 13 - Aula Inaugural do Polo de Laranjeiras



Fonte: Acervo pessoal de Freitas, 2007

4.2 Evidenciando as Dificuldades

Os preconceitos em torno da Educação a Distância por vezes impedem de aproveitar o potencial de sua utilização. Não raro, aqueles que utilizam o ensino presencial atribuíram sua existência a uma visão equivocada, em que as aulas que se apoiam em TICs são confundidas com a complexidade do sistema de EaD. Atualmente, a EaD tem deixado de ser uma modalidade de aprendizado marginalizada e passou a configurar o currículo de muitas instituições de ensino superior no Brasil. Apresento a narrativa de Freitas (ENTREVISTA AO AUTOR: 02/04/2013), evidenciando as dificuldades enfrentadas na modalidade EaD da UFS:

São dezenas, eu vou citar três: o primeiro é a cultura pedagógica de ensino presencial resistente na comunidade interna entre professores e entre alunos, o outro foi convencer os prefeitos que eles têm de assumir e cumprir os compromissos contratados com o MEC esse foi o outro grande desafio. As prefeituras diziam que iriam construir o polo, mas na hora que começavam as aulas não tinha nada realizado pelos prefeitos. Os alunos do ensino presencial se sentiam ameaçados, pensavam que a entrada do ensino a distância para substituir o ensino presencial, isso também foi um problema, porém menor. E o outro problema foi fazer que o Governo do Estado colaborasse. O governo de 2008 prometeu apoiar as prefeituras em questão dos polos e com materiais, e grande parte dos compromissos não foram cumpridos. O outro foi convencer o governo do estado que tinha acordado com o MEC e com as prefeituras e que ele tinha que cumprir a sua parte, e nesse caso o governo do estado era a Secretaria do Estado da Educação. Então, foram alguns dos desafios. Outro desafio que eu vejo, que eu coloco assim também como um grande desafio é a inexperiência da equipe que estava na frente que é da UAB. A inexperiência em termo de ensino a distância, todo mundo começando, todo mundo tentando acertar, nos erramos muito pela inexperiência.

A trama de instalação dos polos se deu em um nível político, com consequências

pedagógicas, pois os estudantes ficavam em alguns polos sem condições efetivas de receberem, no apoio presencial necessário.

De fato, do ponto de vista da cultura do presencial, enraizado na educação brasileira, é uma realidade. A separação física entre professores e estudantes, afeta, consideravelmente, aqueles que viveram em toda a sua história baseada na tradição behaviorista, que defende o projeto sistemático da instrução, com o máximo de controle do processo de aprendizagem por parte do professor. A introdução da modalidade EaD em uma instituição historicamente presencial, denotava a dificuldade e a inexperiência que Freitas apontou para instituir outro sistema de ensino. São distintas as estratégias pedagógicas praticadas no ensino presencial das usadas no EaD. Mudou a estratégia de aprender, assim como, mudou a estratégia de ensinar e, portanto, o docente assume uma função de orientador de saberes. O EaD não veio para substituir o presencial, porém ele apresenta características próprias, o que o diferencia do presencial.

Outra dificuldade apresentada foi a parceria da UFS com as prefeituras e o Estado, contribuindo para o descrédito e o ranço do preconceito nos cursos na modalidade EaD. Apesar das condições precárias dos polos, mais os discursos das autoridades políticas expressando seus interesses, despertavam na sociedade uma expectativa e ao mesmo tempo receio pelo que os esperava, assinala Cerqueira (ENTREVISTA AO AUTOR: 24/07/13).

Diante do que foi apresentado na narrativa do professor Freitas, que apesar da pouca experiência da equipe, assumiu esse desafio com desejo de sucesso, o que foi evidenciado a cada inauguração, com a grande demanda de atividades dos gestores do CESAD, para garantir as condições básicas de início das aulas.

Apresento outras barreiras apontadas na narrativa do professor Cerqueira (ENTREVISTA AO AUTOR: 24/07/13).

Eu acho um processo meio contraditório, você quer ter um aluno com independência e com autonomia, mas você pega um aluno que não tem esse ritmo. Eu escutava muitas reclamações e via muitos elogios também. Eu acho que o modelo interessante, mas a implementação teve muitos problemas, eu vi prefeituras que não davam suporte à UFS, eu vi professores da universidade elaborando material de qualidade não tão interessante para a EaD. Eu acho que é um proposta interessante, mas ela só atende ao interesse do MEC em quantitativo, eu vejo assim, vamos botar todo mundo, e o material didático é muito caro e a gente vê custo de impressão muito caro, o aluno era muito preso ao livro, não abria o leque como outros cursos como acontece, eu vi resultados bons, alguns polos que se destacavam mas outros não, mas eu tenho as minhas reticências.

Considerando um estudante autônomo, como aquele que é capaz de autodirigir o seu processo de aprendizagem, porém com maturidade e motivação, além disso, capaz de realizar seus estudos, mas difícil de incutir e acreditar em um sistema que apresentava tantas falhas.

Pensando que o primeiro contato com a instituição é fundamental e que as informações devem ser objetivas e claras sobre a metodologia dos cursos na EaD, faltava um curso para capacitar os estudantes a manusear os aparatos tecnológicos, favorecendo assim a permanência do estudante no sistema.

Outra grande dificuldade foi o atraso do material didático. A elaboração pelos professores conteudistas e o processo de impressão sofreram grandes atrasos. Os professores normalmente habituados a trabalhar com a oralidade foram desafiados a produzirem um livro com as características necessárias para atender os estudantes a distância. Alguns professores tiveram enorme dificuldade em atender em tempo hábil esse desafio.

4.3 Evidenciando as Possibilidades

Experiências de instituições brasileiras de ensino superior mostram que para se ofertar um curso superior na modalidade a distância, deve existir uma visão estratégica diante do cenário no qual se pretende atuar e da complexidade do processo de educação a distância.

Diante da possibilidade, evidencio a narrativa de Freitas (ENTREVISTA AO AUTOR: 02/04/2013):

Agora teve uma vitória que queria destacar. Houve uma greve aqui na UFS de sessenta dias com quarenta e dois pontos de pautas e os dois principais eram: não privatizar o Hospital Universitário e o outro era fechar o curso a distância, então isso foi fantástico. Na história do EaD na UFS houve uma greve pra fechar o EaD no ano de 2007. O reitor fez um documento e foi defender na frente dos grevistas dentro da reitoria, dessa parte eu não gosto de lembrar, aí depois os alunos começaram a usar o material.

Diante de todas as dificuldades relatadas, é possível evidenciar a atitude do reitor da UFS em acreditar primeiramente na equipe que estava à frente do CESAD, empenhada e apostando na expansão dos cursos na modalidade EAD, além disso, considerando pertinente contribuir com a melhoria da qualidade da educação no Estado de Sergipe.

Inicialmente ocorreram mudanças significativas no processo de gestão, cujos desdobramentos ainda estão para ser estudados. Como relata Cerqueira (ENTREVISTA AO AUTOR: 24/07/2013).

O CESAD tinha reuniões muito transparentes, a gente tinha as reuniões que eram decididos no coletivo, que tipo de livro quer, a quantidade que se quer, como vai ser a relação com os tutores e professores, então tínhamos reuniões nas quais o grupo debatia, o Itamar era o vice de Lilian, Itamar se afastou e Lilian permaneceu. Eu assumi a vice-coordenação. Eu até assumi a presidência, mas foi biônico. Eu me recordo que Itamar voltou como coordenador da UAB, montou uma nova equipe em 2008. Lilian se afastou do CESAD, depois entrou Fabio.

De acordo com Sobral (2011), independente da gestão que estava à frente do CESAD, a transparência e o trabalho de equipe foram pontos cruciais para alavancar o sistema da EaD na

UFS. O empenho em fazer o melhor possível para que a inauguração fosse a grande estilo. Foi um momento ímpar na História da educação no Estado de Sergipe. Essas foram as possibilidades que permitiram a paixão e as dificuldades entrelaçarem-se, sem perder o objetivo de criar condições básicas e necessárias para o funcionamento a contento do sistema EaD na UFS.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário de transformações sócio-educacionais, a EaD vem ultrapassando barreiras e possibilitando a difusão do conhecimento com a utilização das TIC, contribuindo assim, para a democratização do acesso à educação superior em nosso Estado. Tem tido oportunidade de buscar diferentes segmentos sociais, na busca da qualificação profissional, visto que a EaD proporciona a flexibilidade e autonomia do estudante no seu processo de aprendizagem.

As constatações do crescimento exponencial da modalidade EaD são perceptíveis na educação superior, com uma metodologia diferenciada, trazendo um formato próprio que impõe a articulação das TICs e uma maior abertura que garanta as interfaces entre seus componentes. Desta forma, permite uma aprendizagem significativa vista como fenômeno pessoal e social, de formação de sujeitos autônomos e com capacidade de pensar, tomar decisões e de aprender a aprender.

Em virtude da aceleração das mudanças no contexto educacional, a EaD foi entendida inicialmente como uma solução para a viabilização do acesso ao ensino superior, visando em atender ao grande número de professores sem habilitação em licenciatura e, que já atuavam na educação básica em nosso país.

O movimento de criação dos cursos superiores a distância das duas instituições, UNIT e UFS, apesar de natureza jurídica diferentes, apresentaram aproximações diante das dificuldades e possibilidades, no tocante ao processo de institucionalização desta modalidade de ensino.

A primeira dificuldade enfrentada nas duas instituições está relacionada à estrutura física de alguns polos, que não atendiam às exigências solicitadas pelo MEC. Foi possível identificar nas narrativas dos gestores, o descaso das prefeituras e o Governo do Estado da época, para o efetivo funcionamento dos polos. Foi um momento de oportunizar a chegada da Educação Superior nas cidades sergipanas, visando buscar os interesses partidários. Esta situação confirma que o contexto pedagógico, no tocante ao processo de ensino aprendizagem, foi prejudicado diante das condições precárias das infraestruturas das escolas públicas, onde ocorriam os encontros presenciais.

A segunda dificuldade identificada nas IES foi a credibilidade da modalidade EaD perante a sociedade, inclusive pelos próprios docentes das instituições pesquisadas. Ressalto que a inserção da educação superior nas cidades sergipanas já foi uma novidade e por

apresentar uma nova modalidade educativa, na qual o estudante tinha flexibilização da aprendizagem, essa percepção gera dúvidas quanto a qualidade do ensino oferecido pelo sistema EaD, no qual se prevalecia uma cultura enraizada no ensino presencial, além disso, as limitações ao uso das tecnologias favoreceram uma visão equivocada, gerando preconceito em torno desta modalidade educativa.

Essas mudanças provenientes com a introdução da EaD nas IES, que apresentava um histórico rígido do presencial, configuravam assim novas dimensões no ofício do professor, gerando o primeiro obstáculo, além disso, a resistência e ao mesmo tempo, a desconfiança perante a nova modalidade educativa. Apesar da formação continuada proporcionada pelo NEAD e CESAD, visando inovar as práticas docentes e as mentalidades dos professores, para a introdução de inovações tecnológicas, foi um grande desafio a ser enfrentado pelos gestores, afinal, é crucial acreditar naquilo que se faz.

Portanto, espera-se que os docentes que trabalham com a EaD, comprometimento com os novos paradigmas envolvendo questões de acesso, do contexto do ensino, da seleção de tecnologias a serem utilizadas, a seleção do material didático e o principal, o seu compromisso com a transformação.

Além das dificuldades mencionadas, outro grande obstáculo foi a questão das TIC e mediatização das práticas pedagógicas. Os polos apresentavam de forma precária a estrutura dos laboratórios de informática, e quando apresentavam computadores, eram com quantidade e qualidade inferiores, além disso, a falta de acesso à internet, para a interação com docentes das disciplinas, implicando na qualidade da modalidade educativa. A relação entre alunos e professores passa a ser mediada pelas TIC, portanto, é essencial essa integração ao campo educacional da EaD, possibilitando o melhor proveito das potencialidades pedagógicas e comunicacionais, superando a distância entre estudantes e professores, no tempo e no espaço.

Dentre alguns pontos de conexão entre a UNIT e a UFS, o Consórcio CEDERJ foi considerado pelas duas instituições, o modelo de inspiração para implantação da EaD. Ela foi criada em 2000, atua no estado do Rio de Janeiro na oferta de cursos de graduação e pós-graduação a distância, apoiados em polos presenciais conveniados com as prefeituras municipais do estado.

Os consórcios do CEDERJ se estabelecem por meio de acordos ou convênios institucionais e possuem regulamento/estatuto criados principalmente para delinear os objetivos, o funcionamento e o perfil dos consorciados. Conta com uma estrutura organizacional de gestão, podendo ser composta por representação das instituições ou

delegada a uma das instituições consorciadas, os consórcios estabelecem parâmetros básicos de metodologia, mas resguarda as características pedagógicas institucionais de cada consorciado.

Os organogramas da EaD nas duas instituições eram semelhantes, de modo geral, a estrutura organizacional de ambas compreende, o responsável pela coordenação administrativa e didático-pedagógico dos cursos da EaD, mais coordenação de produção técnica, responsável pela infraestrutura comunicacional e impresso, e contava com a coordenação pedagógica, responsável pelos trabalhos dos gestores dos polos, docentes e tutores. O que diferenciava era a nomenclatura utilizada nos setores das instituições, mas os trabalhos eram desenvolvidos em parceria entre eles, visando sempre a melhoria da qualidade e otimização de recursos.

Em contrapartida, tiveram as possibilidades experimentadas pelas duas instituições de ensino superior pesquisada, a UNIT e a UFS, enfrentando os obstáculos no processo de implantação da EaD, mas ofertar um curso superior na modalidade a distância deve ter uma visão estratégica diante do complexo cenário educacional, no qual se pretende atuar.

Nas narrativas apresentadas pelos gestores quando relatam a situação de alunos que estavam tendo a oportunidade de ingressar em um curso superior na sua própria cidade, foi um momento ímpar na vida deles, a correria dos gestores, o trabalho diuturnamente, buscando lidar com as disputas políticas internas e a tomar decisões sábias.

Ao analisar as falas dos gestores, foi possível identificar a emoção e a nostalgia dos momentos experimentados por eles, nos quais, o esforço de atender às urgências da implementação da EaD e buscando uma educação de qualidade. Não havia ilusões sobre as dificuldades, mas nem mesmo as superações destas.

Diante de tantas incertezas, durante o processo de implantação da EaD, o que se vê hoje é a percepção da qualidade dela, que vem crescendo muito em Sergipe e em todo o país, permitindo a preparação de profissionais no competitivo cenário mundial.

A EaD é uma modalidade de ensino que apresenta o seu formato próprio, promovendo aos estudantes possibilidades de desenvolvimento das habilidades de autoaprendizagem, investindo na criação de competências, ampliando as possibilidades de uso das tecnologias no contexto educacional. Baseia-se no processo de autoaprendizagem, que se completa quando o aprendido se relaciona de forma substancialmente com a estrutura cognoscitiva do aprendiz.

Dentre as aproximações das duas instituições, UNIT e UFS, resalto no contexto atual a ampliação dos polos e as ofertas de cursos de graduação e pós-graduação na modalidade

EaD, contempladas nas cidades sergipanas e expandindo em outros Estados, como Alagoas, Bahia e Pernambuco.

Por fim, ressalto que diante dos paradigmas educacionais estão emergindo em meio a todas estas transformações que fortalecem o desenvolvimento multidimensional do homem, o desafio educacional atual é o de levar os avanços da ciência e da tecnologia para o processo educativo de tal modo que fomenta espaços de aprendizagem, alimentados numa esperança de se contribuir para uma sociedade mais proativa e menos excludente.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ATA da 8ª Reunião Ordinária do Departamento de Educação. Departamento de Educação. Centro de Educação e Ciências Sociais. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise do conteúdo**. 4 ed. Lisboa, PT: Edições 70, Ltda, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Regulamentação da EAD no Brasil**. 4 nov. 1999. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/TREAD.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

_____. Ministério da Educação. **Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2003. Disponível em: <[http://www2.ufscar.br/ead/documentos/referenciais de EAD.pdf](http://www2.ufscar.br/ead/documentos/referenciais%20de%20EAD.pdf)>. Acesso em: 21 jan. 2013.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Brasileiros podem fazer curso superior à distância. **Notícias**, ago. 2000. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/acs/asp/noticias/noticiasId.asp?Id=220>>. Acesso em: 5 jan. 2010.

_____. Ministério da Educação. **Regulamentação da EAD no Brasil**. 4 nov. 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/TREAD.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 6 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

BRITO, Ana Maria Plech de. **A mediação docente no ambiente virtual de aprendizagem: entre meios, modos e provocações**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Tiradentes, Aracaju, 2013.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sérgio Goes de Paula. Zahar, RJ. 2008.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CYSNEIROS, Paulo Gileno e LINHARES, Ronaldo Nunes. **Reflexões sobre a construção de um programa de educação a distância no Nordeste do Brasil**. Universidade Tiradentes. Aracaju-SE. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/niece/eventos/RIBIE/2006/ponencias/art066.pdf>. Acesso em 20 dez. 2013.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, n. 1-2, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102- Acesso em: 13 nov. 2013.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **O melhor de Peter Drucker: O homem**. São Paulo: Nobel, 2002.

FILATRO, Andrea. **As teorias pedagógicas fundamentais em EAD**. In: LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos (Org.). Educação à Distância: o estudo da arte, 2009. p.96 -104.

FORMIGA, Marcos; LITTO, Fredric M. Educação a distância: o estado da arte. **São Paulo**, 2009.

FONSECA, Genisson Alves da. **Implantação da Educação a Distância via internet na Universidade Federal de Sergipe**: Um conjunto de Diretrizes. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOLMBERG, Borje. **Educación a distancia**: situación y perspectivas. Buenos Aires: Argentina. Editorial Kapelusk.198.

KEEGAN, S.D; HOLMBERG B.; MOORE, M.; PETERS, O.; DOHMEM, G. **Distance Education International**. Perspectives. London: Routledge, 1991.

LE GOFF, Jaques. História e Memória. Tradução de Bernardo Leitão. 5º Ed. Campinas, São Paulo, 2003.

LIMA, M^a Aparecida de Araújo. EAD: **Percepção dos professores do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas**.In: MERCADO, Luis Paulo Leopoldo (Orgs.). Prática de Formação de professores na Educação a Distância. Maceió: UFAL, 2008. p.135 -182.

LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos (Org.) **Educação a Distância**: o estado da arte. V.01. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. O. p. 2-39.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. Tradução de Paulo Neves. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

MAIA, Carmem e MATTAR, João Augusto Neto. **ABC da EaD**: educação a distância hoje. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MEIRELLES, Claudia de Souza Cardoso. **A interação nas distâncias**: a análise de um processo. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo (Org.). **Práticas de formação na Educação a Distância**. Maceió: UFAL, 2008.

MOORE, Michael G.; KEARSLEY, Greg. **Educação a Distância**: uma Visão Integrada. Tradução de Roberto Galman. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

MÓDULO DA UNIT, **Novas Tecnologias Aplicadas ao Ensino**. Aracaju: editora UNIT, 2002.

NEDER, Lúcia Helena Cavalli. **A educação a distância e a formação de professores**: possibilidades de mudança paradigmática. In: PRETI, Oreste (Org.). **Educação a distância**: entre discursos e práticas. Brasília: Liber Livro Editora, 2005. p. 78 – 79.

NETO, Raul Marques e SANTOS, Ellen Cláudia da Silva Santos. **Ensino Superior a Distância em Sergipe**, 2011.

Plano de Desenvolvimento Institucional, 2005-2009. Coordenação Geral de Planejamento. São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2005. Disponível em <http://www.ufs.br/>. Acesso em 12 de novembro de 2013.

PROJETO Pedagógico do Curso de Letras-Português da UNIT, 2001 Projeto Pedagógico do Curso de Letras-Português da UFS, 2006

PRETI, Oreste. A formação do professor na modalidade a distância: Construindo metanarrativas e metáforas. In: Preti, Oreste.(Org.). **Educação a Distância: sobre discursos e práticas**.Brasília: Liber Livro Editora, 2005. p.15 -29.

ROMÃO, Eliana. **A relação educativa: por meio de falas, fios e cartas**. Maceió: EDUFAL, 2008.

RÜSEN, Jorn. O que é consciência histórica? Uma abordagem teórica para a evidência empírica. Texto apresentado no evento “**Consciência Histórica Canadense num Contexto Internacional: estruturas teóricas**” University of British Columbia, Vancouver, 2011. Disponível em: <http://www.cshc.ubc.ca/pwias/viewabstract.php?8> Acesso em: 13 nov. 2013.

RUMBLE, Greville. **A gestão dos sistemas de ensino a distância**. Brasília: UnB: UNESCO, 2003. RELATÓRIO DO NEAD, 2001.

RELATÓRIO DE GESTÃO. UFS: 2010 -2012. Editora UFS, 2012.

SANTOS, Givaldo Almeida dos. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem: Análise das Arquiteturas Pedagógicas do Curso de Bacharelado em Administração Pública do CESAD/UFS**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

SOBRAL, Maria Neide; MOURA, Tauane Oliveira. **Discursos pedagógicos de professores que atuam no ensino presencial e no ensino a distância**. In: LINHARES, Ronaldo de Lucena; FERREIRA, Simone de Lucena (Orgs.). Maceió: EDUFAL, 2011. p. 143-166.

SOBRAL, Neide. Educação a Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais. **Revista EDAPECI**, ano II, nº 4, abril de 2010. Disponível em: <http://www.edapeci-ufs.net/revista/ojs-2.2.3/index.php/edapeci.Acesso> em: 20 de jun. 2013.

SOBRAL, Maria Neide. **Relatório da Coordenadoria de Educação a Distância. – CEAD**. Universidade Federal de Sergipe, Centro de Educação e Ciências Sociais, Departamento de Educação. São Cristóvão, SE: Cidade Universitária Prof. José Aloísio Campos, 2003.

SOUZA, Eliseu Clementino. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. In: **Revista Educação em Questão**. vol. 25, 11, jan/abr. Natal, RN: EDUFRN, pp. 22-39, 2006.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. V. III.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira.

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TRINDADE, Armando. Educação a Distância: percursos. Lisboa: Universidade Aberta, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **Plano de desenvolvimento Institucional.** Aracaju: UFS, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **Plano Institucional de Educação Continuada e à Distância. Aracaju: UFS, 2005.**

VALADARES, Jorge. Teoria e Práticas de Educação a Distância. Lisboa: Universidade Aberta, 2011.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História:** Foucault revoluciona a História. Tradução: de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Ed. da UnB, 1998.

APÊNDICES - ENTREVISTAS COM GESTORES DE EaD

Apêndice A - Roteiro de Entrevista

Entrevistado: _____

Função que exerceu no período de implantação da EaD na UNIT / UFS:

1. Qual a sua “visão” do Ensino Superior em Sergipe na modalidade a distância.
2. Como se operou a implantação da Educação a Distância na UNIT / UFS? (Aspecto Histórico)
3. Quem participou da elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e do Projeto Político Pedagógico (PPP) do NEAD da UNIT / UFS?
4. Quais foram os desafios encontrados na implantação da Educação a Distância na UNIT / UFS?
5. Como e quando foi a inauguração dos Polos da Educação a Distância?
6. Sobre a primeira turma da EaD na UNIT / UFS, informe:
 - a) ano do vestibular,
 - b) cursos ofertados,
 - c) polos existentes,
 - d) disciplinas ofertadas no 1º período,
 - e) como era a interação dos alunos, professores e tutores,
 - f) como e onde era produzido o material didático impresso,
 - g) como era o modelo de avaliação da aprendizagem dos alunos,
 - h) como era a infraestrutura dos polos,
 - i) a composição da gestão acadêmico-administrativa da época?

Apêndice B - Entrevista com a Prof^a Dr^a Andreia Karla - UNIT

Marcio: Qual era a função que a senhora exerceu no período de implantação do NEAD na UNIT?

Andreia: O período de implantação do núcleo de educação a distância aqui na UNIT foi no ano 2000 com o Professor Ronaldo Linhares, mas eu só integrei a equipe em 2004.

Marcio: Com qual função?

Andreia: Eu era assessora pedagógica. Vim para cuidar apenas das disciplinas *online* na época, porque na ocasião a experiência do núcleo de educação a distância foi o curso de extensão oferecido, e se estava iniciando o processo de disciplinas *online*, então nós trabalhávamos com três disciplinas: Matemática, Metodologia Científica e Língua Portuguesa.

Marcio: Mas como curso de extensão?

Andreia: Não, como disciplina *online* e optativa. O aluno optava por fazer essas disciplinas, por isso tínhamos pouquíssimos alunos naquela ocasião, em 2004.

Marcio: Qual a sua visão do ensino superior em Sergipe na modalidade a distância?

Andreia: Hoje eu vejo que a modalidade de ensino a distância teve grandes avanços. Uma coisa foi iniciar em 2006, quando a gente implantou pela primeira vez um curso de graduação, o curso de Língua Portuguesa no polo de Laranjeiras, com três turmas, em parceria com a Prefeitura. Naquela ocasião foi de fato uma quebra de barreira, porque falar em educação a distância era falar de um ensino fácil em que o aluno não precisava estudar, foi uma quebra de paradigmas. Diante do avanço das tecnologias, inclusive da entrada de outras instituições, minha visão em relação ao ensino a distância é de que houve um grande avanço, as barreiras foram quebradas. Hoje um aluno mais jovem entende o ambiente virtual e facilita que ele aprenda.

Marcio: A senhora acredita que ainda existe “preconceito” relativamente a cursos a distância?

Andreia: Permanece, mas com o grau de intensidade menor. Eu acho que não há discursos hoje mais em torno de se a educação a distância veio para ficar ou não, a discussão hoje é de que tipo de meio é possível utilizar para melhorar a educação a distância, é mais de concepção de educação a distância e não da modalidade em si.

Marcio: Como se operou a implantação da educação a distância na UNIT?

Andreia: De 2000 a 2004, eu não tenho como lhe dar uma resposta coerente. Em 2004, nós trabalhávamos em uma sala pequena aqui da Reitoria e a ideia de educação a distância começou com professor Linhares, ele implantou as disciplinas *online* que são essas de que falei. Em 2005, houve a proposta de a gente oferecer uma graduação a distância, e foi trabalhada toda uma concepção de projeto, de metodologia e de forma de oferecer esse curso.

Em novembro de 2006, nós tivemos o nosso primeiro vestibular para os cursos a distância. No polo de Laranjeiras, em convênio com a prefeitura, foram três turmas de cinquenta alunos. O curso já estava montado, o projeto pedagógico e a metodologia do curso antes da aula inaugural. No primeiro período do curso já estava todo montado em termos de livro, em termos de manual do aluno, de capacitação de professores, de seleção de tutores. Assim, o curso começou com consistência, não foi algo assim que tem que começar, porque essa é a grande diferença da educação a distância, as pessoas pensam que é só chegar e executar. Quando você coloca o curso a distância no mercado, você já teve o trabalho de no mínimo um ano de organização de todo processo metodológico, desde material impresso, virtual, seleção de tutores, capacitação de professores, plataforma etc. Começamos dessa forma e lembro, como hoje, que, no dia 24 de novembro de 2006, nós fizemos a aula inaugural no polo de Laranjeiras, com a participação do prefeito e do reitor. Foi um grande passo na educação a distância em Sergipe, porque a UNIT, apesar de ter toda discussão de uma universidade, puxou o gancho da graduação. Depois disso, houve interesse de outros municípios, pois o objetivo era qualificar o corpo docente da rede pública de ensino, uma vez que a Lei de Diretrizes e Bases exigia que o professor que estivesse na sala de aula tivesse uma graduação. A EaD foi a forma de as prefeituras atenderem essa obrigatoriedade. Em 2007, nós começamos a ampliar polos, estendendo-os a Monte Alegre, Boquim, Nossa Senhora da Glória e São Domingos. A partir daí só foi ampliando.

Marcio: E os cursos?

Andreia: Nós iniciamos com Língua Portuguesa e ampliamos para História e Matemática. Em 2007, Governo de Sergipe se interessou pela proposta da educação a distância e fez um convênio com a UNIT para beneficiar professores que não tinham formação, o que ensejou a expansão da educação a distância. O governo de Sergipe fechou os cursos de Ciências Naturais que eram uma urgência para o Estado, devido à carência muito grande da área de Matemática, Biologia, Física e Química. Então a instituição fechou o curso de Ciências Naturais com uma concepção que abrangesse a formação do profissional. Com o Estado oferecemos os cursos de Matemática, Letras-Português, Geografia, Inglês e Espanhol, que eram os grandes problemas do Estado naquela ocasião.

Marcio: A senhora pode citar quem estava à frente da equipe do processo de implantação do NEAD?

Andreia: No processo de implantação do NEAD, nós tínhamos os Professores Ronaldo Linhares, Mário Vasconcelos, Alexandre, Davi Couto e eu, que havia acabado de chegar em 2004. Em 2006, o professor Ronaldo saiu para compor o mestrado. Veio então o professor Roberto de Almeida Júnior para formar equipe com os professores Alexandre, Mário

Vasconcelos e eu. Essa equipe começou com outras dimensões, saímos de um espaço pequeno da Reitoria para compor metade de um andar, porque a educação a distância tem peculiaridades que são interessantes: tem que ter uma equipe de produção de material impresso, uma equipe de produção de material virtual, uma equipe de tutoria, uma equipe administrativa. Isso veio crescendo, chegando a ponto de você ter mais de cinquenta funcionários atuando só no NEAD, sem contar os polos, os gestores, os tutores e os auxiliares administrativos do polo. Lembro que no ano de 2008 eu saí de assessora pedagógica para supervisora de tutoria e eu tinha mais de duzentos e setenta e oito tutores no Estado de Sergipe. Nosso diferencial é se você é aluno da turma de Matemática, você tem o tutor da disciplina específica e o tutor da área de Pedagogia.

Marcio: Então esses são os professores que participaram da elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI e do PPP do NEAD da UNIT?

Andrea: O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) não é elaborado pelo NEAD, ele era da instituição, então há uma equipe que cuida do PDI da casa que define as políticas que a instituição pretende executar em determinado tempo, geralmente cinco anos. Naquela ocasião, o PDI tinha como proposta abrir o leque de trabalhar a educação a distância, e quem cuida do PDI é a equipe pedagógica da instituição, que então era como PROGRAD, a gente chama de Pró-Reitoria de Graduação. A partir do PDI, sendo motivado a trabalhar com educação a distância, você tem os projetos políticos e pedagógicos dos cursos de educação a distância. No caso da UNIT, porém, antes do projeto político pedagógico dos cursos de educação a distância, insituiu-se o NEAD para atuar na educação a distância, esse foi o diferencial da UNIT, a gente pensou num projeto do NEAD. Nós concebemos projeto específico de educação a distância na UNIT; nós pensamos num projeto do núcleo, pensando de que tipo de metodologia nós precisaríamos na oferta da educação a distância na Casa, em que cursos nós atuaríamos. Só depois do projeto do núcleo pronto, nós pensamos nos projetos pedagógicos dos cursos que foram pensados por seus coordenadores e, quando os coordenadores sentam para fazer o projeto pedagógico de seus cursos, necessariamente têm em mãos o projeto do NEAD e o PDI da Casa. Essa é a conexão para ter um bom projeto pedagógico de curso.

Marcio: A senhora poderia relatar os desafios encontrados na implantação da educação a distância aqui na UNIT?

Andreia: Quando eu comecei a trabalhar na disciplina *online*, o primeiro desafio foi fazer o docente entender que ele não iria deixar de ser professor ou perder o cargo dele ou deixar de dar aula. Acho que talvez até hoje as pessoas passam por essa ideia, as pessoas pensam que a educação a distância tira o emprego do professor. Esse foi o grande desafio, porque, na medida em que a gente ofertava o ensino de disciplinas *online*, esse professor tinha de fato

uma demanda de carga horária menor, mas ele era convidado para atuar na educação a distância de outra forma, ou então ele era direcionado para outro trabalho da casa. Quando você olha para a educação a distância de fato, percebe que o professor não é só docente, ele é um professor conteudista, ele é um professor que produz objetos de aprendizado, ele é um professor que produz programas de rádio, ele produz vídeos. A dimensão docente dele é alargada nesse ponto de vista, e ele não perde suas horas aulas, pelo ao contrário, ele continua trabalhando. Pra mim, até hoje, esse é o grande problema: ter o docente da casa como inimigo, dizendo: “Olhe estão tirando os nossos empregos!”. O outro grande desafio foi o aluno entender que a instituição está oferecendo algo de vanguarda, e esse entendimento passa justamente por alterar a visão de que a educação só funciona presencialmente. Foi muito difícil - e ainda é - conscientizar aluno de que ele precisa destinar horas de estudo para aquela disciplina. Em suma, esse é o grande desafio da educação a distância para mim: fazer com que as pessoas percebam, que os alunos percebam que eles não estão presencialmente ali com o professor, mas o fato de não estar não quer dizer que ele não vai ter tempo para gastar em estudo.

Marcio: Como e quando foi à inauguração dos polos da educação a distância da UNIT?

Andreia: É uma história longa. Laranjeiras foi o primeiro polo, depois veio Boquim...

Marcio: O vestibular da primeira turma foi em outubro de 2006, então a aula inaugural foi em novembro de 2006?

Andreia: Isso mesmo! Como lhe disse, foi convênio com as prefeituras inicialmente e depois com o Estado. Aí os polos foram surgindo. Quando havia convênio com as prefeituras, elas sediam prédio público, geralmente uma escola, para atender esses alunos; a UNIT entrava com os tutores, com a gestão do polo, com a limpeza do polo, com a organização do polo, com material, com toda parte pedagógica e a prefeitura ficava com espaço físico e a limpeza. Essas parcerias em algumas situações não foram boas, porque as escolas cedidas às vezes eram escolas de ensino fundamental, as cadeiras estavam quebradas, os banheiros quebrados, não tinha lâmpadas, quando chovia molhava tudo, às vezes suspendiam aulas, a moça da limpeza não ia, era uma situação um pouco desconfortável. Com o Governo do Estado houve a mesma linha, mas ficamos com as escolas estaduais, que eram melhores. Em cada polo houve aula inaugural. Eu acredito que tenho em casa fotos de dois a três anos das aulas inaugurais, eu acredito que devo ter de Monte Alegre, de São Domingos e de Laranjeiras. Como lhe disse, em cada polo, quando a aula inaugural acontecia, você já tinha todo um semestre do curso pronto, você já tinha tutores capacitados, já tinha professores capacitados, material impresso e manual para o aluno impresso com todas as orientações. Nós não começávamos do nada, a gente começava com certa estrutura, às vezes acontecia de um livro

atrasar a impressão, mas a estrutura já estava ali. Nossos tutores nunca receberam bolsa, eles são funcionários, CLT pela instituição, foi uma opção nossa e ele sempre foi o mediador, tivemos o professor como ponta, logo no início que não tínhamos o ambiente virtual de aprendizagem. Em cada unidade o professor da disciplina ia para o polo para fazer revisão do conteúdo, era algo interessante, pois as aulas eram todas no sábado, eu fazia a escala de viagem e os professores iam e faziam uma grande revisão do conteúdo, que o tutor tinha acompanhado durante dois meses. Depois disso, eles iam lá fazer a revisão e, no sábado seguinte, era a prova. Era dessa forma que acontecia, porque nós não tínhamos um ambiente de aprendizagem. Em 2009, houve uma mudança da metodologia, saindo da metodologia impressa para ampliar a aprendizagem, a gente amplia com a impressa e o ambiente virtual de aprendizagem, com todas as ferramentas: fórum, *chat* e vídeos. Essa ida do professor ao polo para fazer a revisão não acontece mais, o aluno entra em contato *online* diretamente com o professor que fica no NEAD durante vinte a quarenta horas para dar assistência ao aluno. Em 2009, tivemos certa reordenação da oferta da educação a distância, até para atender o próprio MEC, que, em 2009, percebeu, no meu ponto de vista, ter expedido muitas portarias de autorização, e teve um momento que ele teve que segurar essa onda para saber se o ensino era de qualidade ou não. Nesse momento, o MEC determinou um parâmetro de qualidade da educação a distância, colocou um instrumento de avaliação dos cursos a distância. Em razão da reorganização do MEC, a Instituição fez uma reorganização da oferta dos cursos para atender a legislação.

Marcio: O ano do vestibular da primeira turma?

Andreia: Outubro de 2006

Marcio: O curso ofertado?

Andreia: Letras - Português

Marcio: Quais foram os polos?

Andreia: O primeiro polo foi Laranjeiras.

Marcio: As primeiras disciplinas ofertadas para o primeiro período?

Andreia: Metodologia Científica, Introdução à Educação a Distância, Fundamentos Sociológicos, Língua Portuguesa e uma de que não me lembro.

Marcio: Como era a interação dos alunos, professores e tutores da primeira turma?

Andreia: A primeira turma era semipresencial, como é até hoje. O aluno ia uma vez por semana até o polo, no sábado pela manhã, e discutia o tema com o tutor sob a orientação do professor. O professor passava toda orientação e o tutor trabalhava com o aluno e à tarde havia plantão com o tutor. Era dessa forma que acontecia a interação, o tutor não tinha condições de dar o conteúdo, apenas o professor que planejava e dizia tudo o que o tutor devia

executar. O aluno entrava em contato com professor ou com o tutor, que dava plantão durante a semana, ficando à disposição do aluno.

Marcio: A frequência do plantão desse tutor?

Andreia: Eu não tenho estatisticamente como lhe dizer, mas de minha experiência de acompanhamento, posso lhe dizer que no sábado ainda ficavam grupos de alunos. Nós dividíamos os alunos por povoados ou por municípios próximos, para que conversassem, pesquisassem juntos. No município de Laranjeiras, havia gente de Malhador, uma turma de Areia Branca, uma turma da Muçunga, eu tinha alunos de vários lugares. Nós orientávamos os tutores no sentido de que esses grupos fossem por região, e, como eles já estavam no polo, ficavam reunidos tirando todas as dúvidas, pois o polo oferecia biblioteca, uma coisa de que a gente se privou. No sábado havia boa frequência, mas durante a semana a frequência era baixíssima, em torno de um ou dois alunos que iam à procura do tutor, inclusive eu recebia várias reclamações de tutores de que iam fazer plantão e não ia ninguém, mas era uma orientação da Casa e do próprio MEC que instituiu os plantões de tutoria. Se o aluno não ia, é porque ele achava que não precisava ir, esse acompanhamento não era de eficácia.

Marcio: A interação dos alunos com o professor era apenas nas revisões?

Andreia: Inicialmente sim, depois de 2009 houve essa ruptura.

Marcio: Como e onde que era produzido o material didático impresso?

Andreia: Eu acho que essa era uma das grandes vantagens da UNIT, os materiais impressos sempre foram produzidos por nossos professores. Capacitar o professor para produzir o material não é fácil, tem que ser bem dialógico, tem que ter conexões de pensamento, situações problemas. O professor era capacitado em três a seis meses. Ele produzia o material em equipe. Na medida em que ele ia entregando os capítulos, a equipe do professor Alexandre ia sugerindo inclusive *links*, textos e fotos, e o professor dizia mais ou menos o que queria e um desenhista ia esboçando. Essa era a vantagem da UNIT: capacitava, o professor produzia, o material era diagramado, era feita correção ortográfica, ia para a nossa gráfica e da gráfica já saía para os polos na quantidade certa.

Marcio: Como era o modelo de avaliação de aprendizagem dos alunos?

Andreia: A prova presencial era obrigatória. Tínhamos prova presencial e tínhamos trabalhos que eram feitos durante a disciplina, mas só valiam dois pontos, a média da Instituição era seis e a prova presencial era contextualizada. Primeiro tínhamos que capacitar os professores para elaborar prova contextualizada, o que hoje todo mundo faz (ENADE, ENEM...), mas, naquela ocasião, sugerir o professor criar uma situação problema e a partir dali mobilizar o conhecimento do aluno em prol da resposta era processo muito complexo, que para mim constituiu processo de aprendizagem, porque tive que ler muito sobre avaliação. Eu acredito

que em Sergipe ninguém fazia prova contextualizada; eu estava lá me jogando em aventuras e, de certa forma, contribuindo para o banco de provas. Com o tempo a gente percebeu que não dava para ficar na prova contextualizada para o aluno colocar verdadeiro ou falso, a gente incluiu questão subjetiva, discursiva escrita, era importante porque não dava para fazer um curso de graduação a distância sem escrever e tinha trabalhos que a gente chamava de medida de eficiência, que o tutor aplicava no polo e corrigia com base na orientação do professor, que recebia do tutor a tabela de pontuação. As provas sempre saíam do NEAD, lacradas, e o aluno respondia, voltavam e aqui passávamos na leitura ótica. Era dessa forma que aconteciam as avaliações normais. Os TCC eram orientados pelos professores via e-mail e, quando necessário, o tutor acompanhava tendo como parâmetro o que foi dado pelo professor. Eram duas provas por unidade, somavam-se as duas, dividia-se o resultado e se obinha a média com pesos diferentes.

Marcio: Existia recuperação?

Andreia: Tinha, sim, recuperação. Caso o aluno não atingisse a média, ele poderia fazer recuperação, em que, se tirasse nota inferior à média, não era aprovado.

Marcio: Sobre a infraestrutura dos polos, em termos de estrutura tecnológica?

Andreia: Na primeira turma, o laboratório era raro. Nós tínhamos biblioteca, durante o módulo a gente comprava a bibliografia básica de acordo com a orientação do MEC. Na biblioteca tínhamos mesas, livros e um computador para o gestor e outro para pesquisa, mas laboratório para a primeira turma não, ele chegou posteriormente com a mudança da estruturação do NEAD.

Apêndice C - Entrevista com o Prof. Dr. Ronaldo Linhares - UNIT

MARCIO: O período de implantação da EAD na UNIT foi no ano de 2004, certo? Qual foi a sua função no EAD?

Ronaldo Linhares: Isso foi no ano de 2004, eu fui convidado, na volta do doutorado, para implantar o *moodle*. Quando a universidade me liberou para fazer a disciplina em doutorado em São Paulo em 1999, foi com a condição de, em 2000, quando eu voltasse, implantar o *moodle*. Quando voltei, montamos uma equipe pequena: éramos eu, o professor Mário Vasconcelos, que tinha acabado de fazer dissertação de mestrado na área de tecnologias e comunicação, e o professor Gilvan Dias, que trabalhou comigo na secretaria por muito tempo na área de tecnologia e edificação, tinha feito especialização em educação a distância pelo MEC e era professora aqui da Universidade. Assim, nós montamos essa equipe para criar o “mudo”.

Marcio: O professor Mário Vasconcelos está aqui presente também?

Ronaldo: Não, o Mário hoje tem uma empresa de consultoria de cursos a distância.

Marcio: Qual é a sua visão do ensino superior aqui em Sergipe na modalidade a distância?

Ronaldo: A gente vê que tem crescido. Acho que tem dois momentos na história, um deles é a criação aqui na UNIT, a primeira universidade de ensino superior a pensar em um projeto para conseguir autorização, e, outro, a implantação da universidade aberta, em 2007. Esses são os dois grandes momentos da educação a distância que dá pra gente tomar como ponto para análise do crescimento da educação em Sergipe. O primeiro momento, no caso da UNIT, é todo experimental, ou seja, a educação a distância está retornando ao país, ela é de 1995, da década de 1990, e em 2000 há poucas instituições de ensino a distância. Em 2004, nós começamos a fazer parcerias e convênios com o interior e a proposta se amplia muito. Entre 2000 e 2004 foi experimental, nós tínhamos poucos alunos e o primeiro curso foi de Letras Estrangeiras, ainda tinha uma proposta de levar professores da Casa para as salas para fazer aulas presenciais, era muito experimental. No caso da UAB, já tem mais de 5 anos de história desse momento de educação a distância no país, e a própria política do MEC já tem elaborado o projeto de proposta de educação a distância pública. Havia três modelos: inglês, espanhol e alemão. O Governo estudou esses três modelos e construiu a proposta de modelo brasileiro. Dois tipos de instituições, particular e federal, contribuíram para caracterizar um pouco a educação a distância, que tem duas vertentes, uma delas é uma questão social, disponibilizar o projeto para professores que não tenham o ensino superior. No caso da UAB, como ela vem depois, o modelo está mais ou menos desenvolvido, a contribuição vai ser a instituição publicar e oferecer gratuitamente uma inclusão que fortaleça a construção dos sujeitos como professores com relação às tecnologias e a educação a distância, um novo método de aprender. Acho que isso é outra contribuição a se destacar, aqui os professores formados em educação a distância, por mais que se questione, já tem na sua formação esse novo método de aprendizagem, que foi aparecendo a partir da metade do século passado.

Marcio: Como se operou implantação do ensino a distancia aqui na UNIT?

Ronaldo: O primeiro desafio é você começar a construir na cabeça da equipe essa ideia, era uma ideia muito nova para todo mundo. Nós contratamos uma consultora, professora Ana de Lourdes, professora da Federal do Rio de Janeiro, ela foi a nossa consultora de projeto, ela já tinha experiência na Estácio, tinha montado o projeto de educação a distância de todo curso de pedagogia e para a pós-graduação e trouxe esses dois projetos para a gente e passou alguns meses aqui conosco até que a Universidade fosse credenciada e autorizada. Essa foi a primeira ação que tivemos orientada pela professora. Depois começamos a desenvolver alternativas ou proposta inicial de oferecer um curso de formação continuada para os professores da prefeitura do Canindé do São Francisco. Foi a nossa primeira experiência a distância ou, podemos colocar, de maneira semipresencial. Nós fazíamos os conteúdos que eram impressos

e íamos uma vez ao mês à unidade de Canindé, onde fazíamos uma reunião com os alunos que passavam um mês com conteúdo mão. Foi a nossa primeira experiência de produzir e gerenciar um curso com um modelo de acompanhamento fora da sede. Até 2002, nós ficamos participando de eventos internacionais e montando toda a estrutura do núcleo e do programa para dois cursos que no final do ano foram aprovados, foram cursos de especialização na área de direito e de licenciatura, então nós tivemos esses cursos aprovados e credenciados pela Universidade. Não oferecemos o curso de licenciatura apesar de ter sido autorizado, pois não tivemos condições de fazer isso. O primeiro convênio que fizemos, a primeira experiência com formação de nível superior foi em Laranjeiras, onde montamos o primeiro núcleo, com a produção de conteúdo, com todas as dificuldades que hoje ainda são complexas, mas naquela época eram muito mais. Tínhamos que trabalhar com professores que não tinham nenhuma noção, não se tinha muito a ideia de educação a distância como um curso de qualidade, tínhamos que capacitá-los para produzir o conteúdo. Fizemos o primeiro modelo; fizemos capacitações, sempre tendo como base a experiência da professora Ana de Lourdes e o modelo já testado no Rio de Janeiro; fizemos visita ao CEDERJ, que é o Consórcio de Educação a Distância do Rio de Janeiro; fizemos visitas à UNOPAR e fizemos visitas à Universidade de Santa Catarina. Foram essas três experiências que ajudaram a montar o modelo da UNIT, o modelo que tem característica do CEDERJ em relação a material impresso. Foi a posição tomada, tínhamos o professor Mário Vasconcelos que era da área de tecnologia, no primeiro momento pensamos em colocar as novas tecnologia virtuais, mas a Universidade optou por uma estratégia de material impresso e foi radical ao orientar a Instituição pra isso. Tínhamos um modelo de tutoria, capacitando os tutores; tínhamos reuniões a cada 2 meses e, como tínhamos poucos polos, era possível visitá-los. As provas eram produzidas e eram enviadas na véspera de sua aplicação. Uma semana antes tínhamos revisão de conteúdo com o professor da disciplina; levávamos o professor até o pólo; fazíamos todo esse processo. Adotamos a proposta de TCC que era baseado na experimentação dos alunos logo no início da sua formação, acho que foi uma das coisas mais interessantes. O aluno, no primeiro módulo, montava um grupo e definia a área temática de formação dele para o TCC, fazia uma série de desafios a cada semestre. Esse grupo, no segundo semestre, tinha que ir a escola fazer um item do desafio. O TCC era construído como relatório de campo. Essas foram às experiências desenvolvidas até 2004, quando tivemos a primeira expansão e precisamos sair para os municípios. O projeto pedagógico de aprendizagem para formação multidisciplinar não foi adotado mais e aí a gente teve outro momento de expansão. Depois, tivemos o terceiro momento, que foi o momento de inclusão das tecnologias, isso em 2006. Com um grupo de gestores se montou um ambiente virtual de

aprendizagem; tínhamos um ambiente privado, onde locava a licença. Outro momento em que estive presente foi o da implantação da disciplina *online*, que a gente fez em 2003. Filosofia foi a primeira experiência, compramos a licença de um AVA e o professor Mário fez toda a compatibilização do conteúdo. Esses são alguns destaques de que me lembro da implantação da EAD.

Marcio: Quais foram os desafios na implantação da EAD na UNIT?

Ronaldo: Primeiramente foi convencer a Universidade, onde só o professor Júnior acreditava. Esse era um projeto novo, ninguém mais na Instituição acreditava nessa possibilidade. Com passar do tempo as coisas foram dando certo, mas era uma coisa difícil para uma Instituição particular você passar dois anos planejando, pagando assessoria e pagando funcionários. Nesse mesmo período, eu cursava o doutorado. Vim para cá para montar o núcleo, depois de ter passado um ano em São Paulo. O primeiro desafio foi convencer as pessoas de que essa modalidade de ensino era de qualidade e funcionava.

Marcio: As pessoas quem? Alunos e professores?

Ronaldo: Sim, tanto aluno como professor, os primeiros gestores de todos os escalões, onde o único que acreditava era o Pró-Reitor Júnior. Com os professores não tivemos grande dificuldade, tivemos bons professores que passaram a acreditar nesse processo, tinha uma professora, Margarida, italiana, que gostava dessas coisas; tivemos um bom grupo de professores, mas a grande maioria da Casa ficava com o pé a trás. Havia também os alunos, a ideia nesse momento era destacar a distância do presencial, é um momento histórico quando uma Universidade particular pode oferecer uma educação a distância na região. Ninguém tinha vivenciado esse processo e é sempre difícil você tentar convencer os outros de algo em que você não tem segurança, mas o apoio dos professores foi fundamental, e Júnior foi essencial. Tínhamos problemas na produção de conteúdo, porque os professores não conseguiam produzi-lo; não tínhamos o parque tecnológico para produzir o conteúdo; só tínhamos uma pessoa para corrigir as provas e os desenhistas eram alunos. Todos esses problemas foram vivenciados nos quatro primeiros anos. Tornamo-nos polo da ABEJE, apoiamos a Bahia em dois eventos da ABEJE, era um trabalho de formiguinha. Até a segunda avaliação do MEC, a gente já estava em todos os municípios. Construir um projeto rico e consistente foi uma luta muito grande.

Marcio: Como e quando foi à inauguração dos polos da UNIT em Sergipe?

Ronaldo: As datas eu não lembro, mas o primeiro polo foi de Laranjeiras. Tínhamos lá o curso de Letras-Português em dois ou três turnos, não me lembro bem, inclusive a professora Nelia foi ao lançamento, foi também o prefeito da cidade de Laranjeiras. Esse foi nosso primeiro polo de educação a distância. É uma exigência do modelo do MEC a criação dos

polos, que devem estar estruturados para receber os alunos, os cursos presenciais e os processos de avaliação. Foi uma opção nossa e uma das melhores opções que a Universidade já tomou no momento de implantação, pena que não tenha dados sobre isso, foram poucas as instituições que fizeram isso. Os profissionais que trabalhavam nos polos eram contratados pela Universidade com carteira assinada. Esse foi um momento interessante, em que atuei como avaliador do MEC para educação a distância por quatro anos e cheguei a avaliar três projetos de educação a distância, um em Brasília, escolas do UNOPAR em Minas e no Maranhão e a Universidade de Santos. Um dos grandes problemas da época era que as instituições faziam parcerias com escolas ou com espécie de revendedores de um produto no interior. Acontecia escola tal querer se tornar polo de uma universidade e, para fazer parceria com a universidade, contratava os professores, os tutores, os coordenadores de polo, contratava todo mundo; era ela que vendia as vagas, inscrevia os alunos, tomava conta dos alunos dos municípios. A universidade pagava a ela por aluno, e ela pagava aos profissionais. Durante uma das avaliações eu chamei a atenção da coordenação da UNOPAR que achava isso incorreto, uma vez que mais cedo ou mais tarde as pessoas poderiam entrar na justiça, o que de fato terminou por acontecer. O MEC começou então a proibir essa terceirização e a obrigar que essas universidades trouxessem sua equipe de funcionários de educação a distância. A UNIT já fazia isso; ela nunca implantou um polo terceirizado. Desde o primeiro polo toda contratação de funcionários era nossa; desde a seleção, fazíamos uma capacitação, os tutores tinham que ser da região ou da cidade para terem mais proximidade com o aluno e conhecer melhor a estrutura. Desde a seleção até a contratação, a Universidade se responsabilizava pela formação. Acho que foi uma das primeiras instituições a fazer isso, por isso ela optou por não expandir para fora do Estado por muito tempo. Hoje ela está saindo do Estado. Começamos em 2000 e, em 2004, tivemos a primeira experiência de expansão, estamos quase em 2014, são, portanto, quase 10 anos, período em que a Universidade já podia ter saído, mas ela nunca quis se arriscar. Nós ainda passamos por três momentos de tentar conveniar com Mato Grosso e Minas Gerais, entre outras. Trouxemos pessoas para cá, todas essas pessoas que visitaram a educação a distância da UNIT sempre saíram muito bem informadas, pensando positivamente, nunca tivemos alguém que fizesse críticas ao projeto, apurar uma coisa ou outra era normal, mas os todos possíveis parceiros como o de Mato Grosso e de Minas queriam levar nossos cursos, mas achávamos que não tínhamos ainda fôlego suficiente para isso. Então, fomos crescendo no Estado e, no máximo, até as fronteiras de Alagoas e Bahia.

Marcio: Agora são perguntas voltadas para a primeira turma da EaD, a turma de Letras do curso superior, ou seja, são perguntas com respostas curtas. Então, em que ano foi realizado o

primeiro vestibular?

Ronaldo: Sinceramente eu não lembro precisamente, pois faz já muito tempo, mas você pode pesquisar nos dados,.

Marcio: O primeiro curso ofertado?

Ronaldo: O curso de Letras-Português.

Marcio: Os polos?

Ronaldo: O primeiro foi Laranjeiras, mas tivemos polos em Umbaúba, em Frei Paulo e em Itabaiana. Essas questões mais técnicas eu não saberei lhe informar. Mas a primeira turma, o primeiro polo e o primeiro vestibular foram em Laranjeiras. Depois, conversamos com o Professor Roberto para que entrasse em contato com outros municípios do Estado e fizesse parcerias. Ele que tem perfil para isso.

Marcio: As primeiras disciplinas para o primeiro período?

Ronaldo: Para o primeiro período, são as disciplinas básicas do curso de Letras: Introdução à Filosofia, Latim, Introdução à Língua Portuguesa, Sociologia da Educação e Língua Portuguesa I.

Marcio: Como era a interação dos alunos e professores e tutores dessa primeira turma?

Ronaldo: Nessa primeira turma, não tínhamos esse sistema *online*, o processo era o seguinte: os alunos recebiam os cadernos, os materiais impressos, nós planejávamos as práticas e as aulas presenciais com os tutores, essa era uma coisa importantíssima para mim e para o grupo. O aluno precisava de você para se orientar naquilo que era competência básica para aprender sozinho, por exemplo: leitura, se o aluno não sabe ler, você vai ter que orientar a ler, então os professores era todos capacitados para essa perspectiva, ou seja, ajudar o aluno a se preparar para estudar sozinho. O aluno tinha os momentos com os tutores e os momentos com os professores da disciplina, que hoje são *online*, mas que naquela época eram presenciais. O conteúdo da prova era trabalhado em um dia inteiro no sábado e antes do sábado da prova pelo próprio professor da disciplina que construía o conteúdo, ele pegava o carro aqui e passava o dia todo lá. Quando tínhamos várias turmas, se distribuíam esses professores pelos polos, um ficava com a turma da manhã e outro na turma da tarde, até o momento em que não pudemos fazer isso mais, pois não tínhamos veículos suficientes para sair daqui. Havia sábado que era uma loucura, tínhamos que colocar sessenta professores na estrada para dez a quinze polos. Mas a interação era direta com o professor, os alunos estudavam durante um mês as atividades no caderno e no material e eram orientados pelos tutores; eles tinham a aula presencial com o professor uma vez ao mês antes de cada prova. Essa era basicamente a interação. O grande elo desse projeto era o tutor, por isso ele era bem cuidado, a gente visitava o tutor e orientava, sábado e domingo todo mundo trabalhava, eu ia para ver como

estava o processo, como cada polo tinha um coordenador, nos reuníamos com eles. No caso dos tutores, fazíamos todo planejamento da unidade com eles aqui; reuníamos todos eles e entregávamos a matéria e explicávamos o que eles iriam fazer e o que trabalhar, por exemplo: reforçar a leitura, trabalhar jornais, ou seja, planejávamos tudo antes de começar os módulos, a tutoria era como se fosse um trabalho articulado. Em todos os encontros de sábado, os tutores sempre tinham alguma atividade para o aluno, o tutor fazia o papel de professor mesmo de aprendizagem, ele não trabalhava conteúdo, pois não o dominava. Tudo era planejado antes, eles vinham pra cá, sentávamos e planejávamos. Assim, a interação era meio intermediada por ele.

Marcio: Como e onde era produzido o material didático impresso?

Ronaldo: No NEAD, a gente contratava uma gráfica só para finalizar o material, mas toda produção era no NEAD. Alexandre era quem coordenava todo esse material e tínhamos Mário, professor de comunicação de impressos, eles dois definiam quase todo o material impresso da UNIT, mais com o dedo de Alexandre. O professor produzia o conteúdo e o passava para Alexandre que dava uma olhada na forma e o passava para uma comissão para dar uma olhada. Eu ficava responsável pela educação a distância, Alexandre e Mario pela parte de diagramação de estrutura do conteúdo e a gente contratava um especialista para dar a avaliação. O primeiro caderno de Português I, por exemplo, produzido pela professora Emília, foi avaliado por Fluenciano, pago para avaliar o conteúdo, para ver se as informações estavam corretas, se as datas, as citações, as referencias e conceitos estavam corretos ou não. Devolvido o material pelo especialista, Alexandre e Mário davam orientações sobre a forma, a colação de uma imagem ou foto, e eu dava o aval quanto à educação a distancia para saber se era interativa ou não, se as atividades estavam agrupadas ou não. Três setores faziam isso e era muito complicado, porque o professor não entregava a tempo e a produção sempre era feita em cima da hora, a produção tinha sérias dificuldade de escrever, não tinha muita a coragem de perguntar como se faziam as coisas, mas a gente conseguia dar conta. Algumas coisas saíam com erros e depois iam para correção de Português: verbo, vírgula, tempo, essas coisas todas. Era uma equipe interessante.

Marcio: Como foi o modelo de avaliação de aprendizagem dos alunos?

Ronaldo: A gente tinha avaliação de processo e a avaliação final, a final era obrigatória pelo MEC. Tinha que ter prova, geralmente prova de múltipla escolha, para facilitar a correção, para facilitar uma série de coisas; tinha também a avaliação de processo, que era um conjunto de atividades definido com os tutores e com os professores e que realizado durante o módulo. Eram duas avaliações por semestre e avaliações complementares e o projeto de TCC, que já se começava a desenvolver no primeiro semestre e cada relatório era contado como percentual

da nota final. Tínhamos recuperação, se o aluno não tivesse média, somadas todas essas coisas, ele podia fazer uma prova com conteúdo todo no final, e essa prova poderia recuperar ou não, valia a maior nota.

Marcio: Qual era a média?

Ronaldo: A média era 6.

Marcio: Como era a infraestrutura dos polos?

Ronaldo: Deprimente, tinha prefeitos que se empenhavam e tinha prefeituras que não se empenhavam. O interessante é que os parceiros da UNIT eram prefeituras e elas não ganhavam nada e nem cobravam nada da UNIT, faziam isso em conta de levar a universidade para o município. Muitas vezes elas não davam a infraestrutura que haviam prometido no convênio, a gente tinha problema no banheiro (papel higiênico, limpeza) e servente. Como se atuava no final de semana, o funcionário da prefeitura tinha que receber para trabalhar sábado e domingo, o que era sempre um complicador. Outra questão ruim era que nos espaços das escolas as carteiras eram pra crianças, tinha carteiras baixinhas para muita gente adulta, quadro com o buraco no meio, com raríssimas exceções tinha escolas boas ou o prefeito fazia reforma. Na realidade, essa primeira etapa foi de experimentação para todo mundo, os alunos queriam, pois precisavam disso, a gente não pode esquecer que o governo federal tinha instituído que ninguém ficava na sala aula só com o magistério, tinha que ter curso superior, se não era demitido. Por isso tinha um monte de gente querendo, porque precisava, e essas coisas você sabe como são no interior. O prefeito ganhava *royalties* políticos porque levava a universidade pra lá, e, com o passar do tempo, era uma troca em divulgação, com, por exemplo, fixação de enorme placa na cidade dizendo “UNIT está aqui”, o que gerava dividendos para o prefeito. Lembro do polo perto de Poço Redondo, onde o prefeito colocou à disposição da gente uma escola nova. As escolas em que os coordenadores de polo eram das escolas ou das prefeituras eles negociavam e quando os coordenadores de polo eram da oposição já havia problema. Laranjeiras teve uma das escolas com problemas. Na terceira turma ofertada, a UNIT teve que fazer o banheiro da escola, foi a primeira vez que a UNIT entrou em escola que não era dela, foi necessário fazer isso. O setor de construção da UNIT foi lá, fez a reforma do banheiro e pintou a escola, porque os alunos não aguentavam mais, e o nome da Universidade estava em jogo. A primeira turma era experimental, todo mundo feliz da vida, tudo novo, tudo criativo; na segunda turma, era tudo crítico.

Marcio: Sobre a composição da gestão acadêmica daquela época que no caso era o senhor e o Professor Gilvan Dias da Silva?

Ronaldo: Isso, mas aí entrou Alexandre e fomos contratando desenhistas para fazer os desenhos e para a produção.

Marcio: E a professora Andreia Carla?

Ronaldo: A Professora Andreia Carla entrou no período de expansão, ela se somou ao grupo no ano de 2003. Também uma profissional que trabalhou na divisão de tecnologia de ensino na Secretaria de Educação trouxe pra cá sua competência profissional, ela passou a coordenar na realidade. O que aconteceu foi o seguinte, a equipe era de três pessoas, uma ficava responsável pela parte de produção de conteúdo, o Mario; eu fiquei encarregado da gestão do núcleo e o professor Gilvan assumiu produção pedagógica. Depois, a gente trouxe Alexandre para a parte das matérias, Andreia para a parte pedagógica do curso. Na segunda etapa, o professor Roberto ficou com a parte de gestão e administração do núcleo e Andreia continuou com a parte pedagógica, que era a minha função. A parte administrativa era a mesma do presencial, a do DDA. Matrícula e notas eram no sistema da Universidade. Com o passar do tempo e o crescimento da oferta, começamos a contratar outras pessoas. Por exemplo, entraram profissionais para a parte de avaliação, como Neide; entraram outros profissionais para ficar responsáveis pelas provas. Os processos começavam em datas não muito próximas, iguais melhor dizendo. Abria-se uma turma em março e em junho outra turma, praticamente era prova todo dia, precisava-se de uma equipe para isso, então começamos a contratar várias pessoas.

Apêndice D - Entrevista com o Prof. Dr. Itamar Freitas - UFS

Marcio: Professor Itamar, como se operou a implantação do ensino a distância na UFS no aspecto histórico? Como foi essa conquista?

Itamar: A implantação, no tempo em que participei - houve outras iniciativas de ensino a distância aqui – foi a UAB, proposta do Professor José Sobrinho, pensada em grande parte pelo pró-reitor na época e professor da pós-graduação, Cláudio, e do Professor Ricardo Lacerda, do Departamento de Economia. A ideia deles era recuperar o terreno perdido pela universidade pública, a Universidade Federal de Sergipe não tinha autorização para ofertar cursos a distância. A primeira iniciativa deles foi montar um projeto para responder aos editais do MEC e em seguida tentar conseguir essa autorização. O trabalho da Universidade foi convidar os prefeitos para preparar projetos, falar sobre a oferta, saber quem queria instalar os polos, ou seja, intermediar esses projetos e colocar à disposição seus técnicos para implementá-los, porque na verdade o projeto da UAB tem grandes atores: o governo federal, a universidade e as prefeituras. A Universidade entrava ajudando as prefeituras, preparando os seus projetos e oferecendo técnicos para implantar o projeto na universidade: fazer projetos pedagógicos, contratar pessoal para fazer material didático, contratar professores. Foi assim que se deu o ensino a distância da UAB na UFS em 2005. Eu entrei em 2006.

Marcio: Quando foi lançada a primeira turma, o primeiro vestibular?

Itamar: Eu acho que foi em 2007.

Marcio: Primeiro semestre ou segundo semestre?

Itamar: Vestibular foi no primeiro semestre de 2007. Eu entrei em 2006 e no meio do ano de 2007 já teve vestibular, e em 2008 deu-se o início das aulas, janeiro ou fevereiro, alguma coisa assim.

Marcio: Professor, funcionar a distância requer a elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) ou (PPP), no caso, você tem lembrança de quem participou da elaboração do plano?

Itamar: Não, eu entrei na Universidade em agosto de 2006 e entrei na UAB em setembro ou outubro, então o projeto já estava encaminhado, não participei e nem me lembro de quem tenha participado.

Marcio: O senhor pode comentar os desafios encontrados na implantação da Educação a Distância aqui na UFS?

Itamar: São dezenas, eu vou citar três. Primeiro foi a cultura pedagógica de ensino presencial resistente na comunidade interna entre professores e alunos. Convencer os prefeitos de que eles tinham que assumir e cumprir os compromissos contratados com o MEC foi outro grande desafio, as prefeituras diziam que iriam construir o polo, mas na hora que começavam as aulas não tinha nada realizado pelos prefeitos; os alunos do ensino presencial se sentiam ameaçados, pensavam que a entrada do ensino a distância iria substituir o ensino presencial. O terceiro problema foi fazer que o Governo do Estado colaborasse, o governo de 2008 prometeu apoiar as prefeituras na questão dos polos e com materiais, e grande parte dos compromissos não foram cumpridos; foi também desafiador convencer o governo do Estado de que tinha acordado com o MEC e com as prefeituras e que ele tinha que cumprir sua parte. São alguns dos desafios, outro desafio que eu vejo era a inexperiência da equipe que estava à frente da UAB, inexperiência em termos de ensino a distância, todo mundo começando, todo mundo tentando acertar. Erramos muito pela inexperiência.

Marcio: Você poderia citar a composição desse grupo que estava à frente da UAB?

Itamar: No primeiro momento só tinha Professor Lino, da Matemática; Professor Ricardo, da Economia; Professor Itamar, da Educação; e Professor Sebastião, do audiovisual. A primeira equipe era essa.

Marcio: Essa primeira equipe trabalhou quanto tempo?

Itamar: De setembro a dezembro, éramos eu e Ricardo; de dezembro até abril eram essas quatro pessoas.

Marcio: Quanto tempo esse grupo permaneceu à frente da UAB?

Itamar: Sozinho? Uns cinco a seis meses. Depois chegaram a professora Neide, o professor

Vital e o professor Paulemar. Em 2009 foram contratados o professor Gláucio e a professora Alimar, e se seguiu contratando mais gente. Esqueci-me da professora Lilian que assumiu no lugar de Ricardo.

Marcio: Professor, o senhor chegou a participar da inauguração dos polos, como foi esse processo?

Itamar: Eu não me lembro da inauguração do primeiro polo, essas inaugurações não ocorreram num dia só, mas eu me lembro da inauguração do Polo de Arauá, da inauguração do Polo de Estância. Na verdade a equipe se dividia, pois tinha nove polos na época, eu me lembro de que na primeira época eram oito a nove polos, então a gente se dividia muito.

Marcio: Pergunta mais direta, sobre as primeiras turmas CESAD, o ano do vestibular?

Itamar: Foi no ano de 2007 e teve vestibular em 2008 também.

Marcio: A primeira turma foi em 2007?

Itamar: O primeiro vestibular foi em 2007.

Marcio: Na prova do vestibular, as questões foram de Português, Matemática e Redação?

Itamar: Quem pode lhe falar sobre as provas é o físico e diretor da CCV, Professor Manuel Leite, porque o vestibular é com uma pessoa só, um departamento apenas, que é a CCV, a gente não interfere. Eu só sei que as primeiras provas aconteceram no interior, e, se não me engano, em tempo reduzido.

Marcio: Professor quais foram os cursos ofertados?

Itamar: Matemática, Física, Química, Ciências Biológicas, Letras-Português, História e Geografia. Setes cursos.

Marcio: Quais as cidades polos?

Itamar: Isso dá pra lembrar, no primeiro momento, na região sul: Arauá e Estância; no centro: São Domingos, Areia Branca e Laranjeiras; no noroeste: Nossa senhora das Dores e Nossa Senhora da Glória; no nordeste: Japarutuba e Brejo Grande.

Marcio: Tem lembranças das disciplinas ofertadas no primeiro período?

Itamar: Parece que foram duas ou três disciplinas só.

Marcio: Para todos os cursos?

Itamar: Sim, Introdução ao Ensino a Distância e Introdução de Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Eram duas disciplinas, pois os professores não produziram materiais a tempo, houve atraso na produção do material.

Marcio: Como foi a interação dos alunos, professores e tutores nesse primeiro momento?

Itamar: A Professora Neide tem condições de lhe dar essa informação, porque nesse momento eu trabalhava com a produção de material impresso e nós tínhamos uma área de produção pedagógica que tratava disso, da seleção de tutores. Eu não lembro se era Núcleo de

Tutoria, com Paulemar, ele “saca” bem dessa área. Eu trabalhava com material didático só, eu tinha contato com tutores apenas quando entregava o material didático e quando intermediava a apresentação do material pelo professor.

Marcio: Professor, a composição da equipe multidisciplinar nas áreas de tecnologia e informação, você tem lembrança de quem fazia parte da equipe multidisciplinar?

Itamar: Eu não lembro, na verdade a equipe era multidisciplinar desde o início, porque tinha gente de Educação, de Matemática, de Economia e de audiovisual, já era multidisciplinar desde início.

Marcio: Professor como e onde era impresso o material didático?

Itamar: O impresso era produzido aqui, lá onde é hoje a Prefeitura do *campus*. Depois foi transferido para a Didática II, na verdade os textos eram produzidos na residência dos professores, cada um fazia o seu e eram diagramados aqui na Didática II, mas no início era onde é hoje a Prefeitura do *campus*, e a impressão era feita por empresas contratadas. A gente fazia a diagramação e a ilustração, os desenhistas produziam os desenhos gráficos.

Marcio: Professor como era o modelo de avaliação para os alunos?

Itamar: Sobre isso você vai adquirir material e documentos com o pessoal que ainda está trabalhando no CESAD, a Professora Clotilde e a Professora Rose, elas são as especialistas, a professora que está agora lá no núcleo de avaliação era bolsista na implantação, Érica, que era bolsista da Professora Neide Sobral, que chegou a ser coordenadora de avaliação. Quem sabe tudo sobre avaliação é a professora Rose e professora Clotilde, porque parte de modelo de avaliação já fazia parte da prova da UAB, copiado do projeto de ensino a distancia do governo do Estado do Rio de Janeiro, CEDERJ. O modelo foi tirado daí, e outras coisas foram implantadas aqui.

Marcio: Professor, qual a composição da gestão acadêmica, quem tomava a frente?

Itamar: Qual período?

Marcio: Período da gestão inicial

Itamar: Eu vou lhe dizer, os principais gestores, de setembro de 2006 a agosto de 2007, eram Ricardo, diretor, e eu, vice, depois entrou a professora Lilian, no lugar de Ricardo, e eu fui vice de setembro de 2007 até junho de 2008, quando assumi como diretor, tendo o professor Fábio como vice de junho de 2008 até junho de 2009.

Marcio: Voltando para o curso de Letras, na primeira turma você lembra quem era o quadro de docente?

Itamar: Não, eu só me lembro do coordenador do curso de Letras, era o professor de Latim, Denis.

Marcio: Você tem lembrança de em que período foi ofertada a disciplina Didática?

Itamar: Não

Marcio: Você já foi professor dessa matéria?

Itamar: Fui por um mês, mas desisti.

Marcio: Em 2006, o ensino a distância começou a funcionar, mas a primeira turma foi no segundo semestre de 2007?

Itamar: Eu não vou lhe dar resposta, vou dar possibilidades. Não tínhamos estrutura e o MEC é quem tornava possíveis os vestibulares, porque ele tinha grana, não adiantava a Universidade dizer eu quero o curso. Oferecia-se o curso, quando o MEC ofertava o edital, e se o edital atrasasse, atrasava todo processo. Aconteceu uma coisa perversa, eles mandavam a gente fazer vestibular sem a gente ter estrutura, e, se a gente não fizesse o vestibular, perdia a entrada de alunos.

Marcio: Professor, em que período foi ofertada a disciplina Didática?

Itamar: Eu não me lembro de quando foi ofertada. Didática não é uma disciplina dos primeiros períodos. Se os cursos começaram em 2008, então ela entrou no segundo período de 2009 ou em 2010, e com material emprestado.

Marcio: Eu busquei informações com Clotilde, ela disse que a Didática foi ofertada em 2010, inclusive eu fui tutor do senhor na época, teve o primeiro material e o senhor saiu.

Itamar: Batemos

Marcio: Professor qual é a quantidade de alunos do curso de Letras?

Itamar: Trezentos e cinquenta alunos.

Marcio: Recapitulando, foram quantos polos?

Itamar: Sete cursos e cinco polos. Isso você vai comparar com o documento, ele tem lá o relatório.

Marcio: Professor, como era o horário das aulas de Didática?

Itamar: Eu não sei lhe dizer, pois eu fiquei pouco tempo na Didática.

Marcio: Quais as reclamações mais evidentes dos alunos do curso de Letras?

Itamar: No primeiro período foi um caos, não se achava tutor, o polo não funcionava, o professor não atendia.

Marcio: Como era a estrutura de apoio aos polos?

Itamar: por parte do governo do Estado?

Marcio: Em relação aos polos.

Itamar: Os polos não tinham estrutura para funcionar, pois pouquíssimas prefeituras assumiram as suas obrigações. Estância minimamente funcionou porque o prefeito deu um prédio decente, comprou computador, colocou ar condicionado, botou internet, que era caríssima. Em Brejo Grande até hoje não funciona o polo. Patrícia foi uma das heroínas desse

projeto, ela foi tutora e braço direito de Lilian.

Marcio: Finalizando, explique como funcionava a relação entre alunos, professores e tutores.

Itamar: Dependia do polo, dependia do curso, dependia do coordenador. Tinha-se o polo, como o Estância, com boa estrutura, mas havia pólos, tipo o de Laranjeiras, onde a prefeitura prometeu tudo e quis todos os cursos, mas falhou, e havia muita briga com coordenador, pois o prefeito escolhia os coordenadores, o que interferia na relação tutor-professor. Outra dependência era do curso e do coordenador. Um curso de humanas em área mais carismática tudo era mais fácil, mas quando se tinha, por exemplo, a Matemática, em que os próprios professores da época não acreditavam, dependia-se do coordenador do curso. Se o coordenador do curso estava interessado e comprometido, ele cobrava do professor e cobrava do tutor.

Marcio: Por que o programa não funcionava bem?

Itamar: Não é que não funcionava bem, é que ninguém sabia como funcionava o programa, só Lino entendia o programa e Lino tinha uma característica de personalidade de concentração de informação. Outra coisa era a internet ruim, o próprio equipamento da central, ou seja, o servidor não era recurso próprio, era tudo emprestado.

Marcio: E como aluno buscava dirimir as dúvidas?

Itamar: Você tinha de um lado um aluno que não queria e, do outro, o problema de infraestrutura. Isso criava uma zona de conforto, tinha-se um sentimento de parte do alunado, que pensava que o ensino a distância era uma coisa besta, que não tinha controle. Esse aluno não sofreu, mas uma parte dos alunos sofreu. Agora teve uma vitória que queria destacar, houve uma greve aqui na UFS de sessenta dias, com quarenta e dois pontos de pautas e os dois principais eram: não privatizar o Hospital Universitário e fechar o curso a distância. Na história da EAD na UFS houve uma greve pra fechar o EAD no ano de 2007. O reitor fez um documento e foi defender na frente dos grevistas dentro da reitoria. Dessa parte eu não gosto de lembrar. Depois os alunos começaram a usar o material.

Marcio: Os professores tiveram formação continuada?

Itamar: Os professores tiveram a oportunidade de formação continuada, mais aí eu acho melhor você procurar um professor para saber melhor. O próprio MEC disponibilizou ambiente virtual com bons professores, nós fazíamos capacitações, pequenas, porque os professores tinham problemas, a gente fala que só liberava o pagamento se frequentassem o curso de capacitação, se não tivessem bolsa a coisa não andava.

Marcio: Professor, obrigado pela entrevista.

Apêndice E: Entrevista com o Prof. Dr. Jean Fábio- UFS

Marcio: Professor, qual a função que você exerceu no período de implantação do CESAD?

Jean: Na implantação do CESAD, se não me engano em 2006, eu fui convidado por Carlos Lacerda, meu orientador de mestrado. Ele trabalhava com mídias e a ideia na época era montar uma equipe para produção de material individual, material didático audiovisual, ou seja, criar um núcleo de produção de objetos de aprendizagem. Minha função inicialmente foi estruturar um laboratório de produção de material didático virtual, eu fui chamado nessa circunstância.

Marcio: Você coordenou a parte de mídias ?

Jean: Isso, enquanto os trabalhos não aconteciam, eu fui chamado antes do lançamento do CESAD, tivemos algumas reuniões preliminares e aí a gente fez alguns trabalhos, como a marca do CESAD, criada por mim, e planejamento para programação visual. Participei das reuniões com as equipes, assim a gente foi conhecendo outras iniciativas da UAB, conheci o CEDERJ, um consórcio que gerou o modelo da UAB para o MEC. Foi lá que eu vi qual era o modelo. Minha função era criar esse laboratório, mas nada se sabia em relação à demanda, o que produzir. A ideia era de, antes de montar o laboratório, aprender sobre o processo, a estrutura do processo, não assumir a coordenação de material didático, era preciso montar a própria equipe, montar a própria dinâmica, ver a demanda. Isso foi um trabalho de base.

Marcio: Qual sua visão do ensino superior em Sergipe na modalidade a distância?

Jean: Bem, quando a gente vai falar sobre essas questões, tem que ter muito cuidado, ninguém gosta de falar um discurso muito otimista, então eu, do que vi no CESAD, posso falar da minha relação com a UFS. Apesar de ter relação com outra universidade, através de minha esposa que é da EaD, a experiência de que posso falar é da UAB aqui da UFS. Acho que é uma modalidade bem interessante, pois abriu um leque de opções. A gente viajava muito para os interiores para visitar os polos, vejo que contemplou a demanda razoável de pessoas que estavam à margem da educação; acho que se oferece uma EaD para um aluno que não está preparada para ele, porque o aluno está fora do mercado há dez anos, há quinze anos, e, quando volta, volta desmotivado. Aparentemente, eu acho um processo meio contraditório você querer ter um aluno com independência e com autonomia e receber um aluno que não tem esse ritmo. Eu escutava muitas reclamações e via muitos elogios também; acho o modelo interessante, mas a implementação teve muitos problemas. Vi prefeituras que não davam suporte à UFS; vi professores da Universidade elaborando material não interessante para a EaD. Era uma proposta interessante, que só atendia ao interesse do MEC em termos quantitativos. O material didático era muito caro, o aluno era muito preso ao livro, não se abria o leque como em outros cursos. Vi resultados bons; alguns polos se destacavam, outros não. Tenho minhas reticências.

Marcio: O senhor chegou a participar do processo de implantação do EAD. No caso CESAD

aqui na UFS, como se operou a essa implantação no aspecto histórico?

Jean: Do que tenho lembrança, o professor Ricardo Lacerda, da Economia, na gestão de Josué, foi chamado para ser o coordenador geral do CESAD. Foi ele que recebeu missão de dar o primeiro passo. Antes de Ricardo teve o professor Cláudio, que não assumiu o CESAD, mas foi quem preparou dentro da Reitoria todo levantamento do diagnóstico, ele participou das reuniões com MEC, foi ele quem disse o “Sim, a UFS quer UAB”! O professor Cláudio, era novato na UFS e ele veterano - é uma falha não lembrar o nome dele -, é um professor muito renomado, ele foi um dos caras que lutou por isso, que criou a proposta pro MEC na prorrogação de reunir com os prefeitos. A ideia era que a Universidade articulasse com os governos locais, reunisse com os prefeitos, reunisse processos, entrasse com professores e tutoria, e as prefeituras entrassem com as estruturas. Ele procurou os prefeitos que tivessem interesse de implantar o programa, ele fez essa abertura. Feito isso foi aprovado, a Universidade foi contemplada com a UAB. Depois disso, o professor Ricardo Lacerda assumiu a coordenação, ele começou a montar a equipe inicial. Eu me lembro de algumas reuniões iniciais na Reitoria, com o reitor, Josué Modesto, e o vice-reitor, Ricardo Lacerda. Professor Lino montou toda tecnologia de informação, a rede foi ele quem montou. Eu entrei para essa parte de audiovisual. A professora Magna também foi chamada, eu não lembro a função atribuída a ela; criou a função da professora Neide, que não estava presente. Lembro de alguns professores, como Lourival e Denis, mas não sei qual era a função deles. No primeiro momento era isso, a ATI preparando o embasamento, o material didático. O professor Itamar Freitas foi uns dos primeiros a aparecer também, ele trabalhava com a produção do material impresso, a gente fez o trabalho de montar a equipe, tivemos algumas reuniões. A gente passou um ano estudando, aprendendo o modelo, todos viajaram para o Rio para conhecer o CEDERJ. Passou-se o ano de 2006 preparando o terreno, o professor Ricardo Lacerda foi para FAPES e a professora Lilian França assumiu o CESAD. Houve então uma reestruturação da equipe, eu diria que o CESAD começou de fato operacionalmente com Lilian. Eu me lembro de viajar com Ricardo para os polos para ver se eram ou não viáveis, tinha o professor da extensão Rui Belém que acompanhava a gente nas visitas. A gente visitou Japaratuba, para saber se o polo que o prefeito queria dar era interessante ou não. Com Lilian, o CESAD assumiu outra demanda, a professora Flora entrou, o professor Itamar permaneceu, a gente passou a discutir outros assuntos em relação à produção do material didático e abriu-se edital para os professores participarem. Passados com Lilian dois anos, entrou o Guilherme, assessor de comunicação. Lilian fez a expansão da equipe, a descentralização das atividades, a concessão de maior autonomia, pois cada área amadurecia a sua proposta. Não vou dizer que foi Lilian quem consolidou, pelo contrário, com Lilian a balança já estava feita,

apenas ampliou e tomou corpo. O CESAD tinha reuniões muito transparentes, a gente tinha as reuniões em que tudo era decidido no coletivo, que tipo de livro queria, a quantidade que se queria, como ia ser a relação com os tutores e professores. O Itamar, vice de Lilian, se afastou e eu assumi a vice coordenação, até assumi a presidência, mas foi biônico. Itamar voltou como coordenador da UAB, montou uma nova equipe em 2008, Lilian se afastou do CESAD e entrou Fabio. Ricardo Larceda foi uma gestão de estrutura, Lilian foi operacional (provas, vestibular...), o aluno ia para o polo e fazia a prova numa manhã inteira, o EaD começou a existir operacionalmente. Com Itamar tinha uma equipe muito grande para produzir o material impresso, era o material vital, era o livro vital. Eu e Lilian ficávamos questionando porque não colocar isso tudo *online*, esquecer a impressão do material, como havia produção, como havia uma equipe enorme, que era a parte de material gráfico, trabalhar com o pessoal do *copidesk*, trabalhar com o pessoal de redação, editoração, trabalhar com os professores, era o um processo muito doloroso, sai professor, entra professor, a questão de bolsa, quantas bolsas precisava para produzir o material, quantos meses eram necessários para produzir os livros... Isso foi mudando com Itamar, mas quando ele assumiu já tinha uma história, uma equipe muito grande, ele tinha o professor Péricles, equipe do Emerson, tinha a equipe dos diagramadores. A minha equipe era muito pequena, eu nunca tive mais do que dois profissionais e um ou dois estagiários. Quando Itamar entrou em 2008, ele já tinha dinâmica do CESAD, ele entrou e imprimiu as mudanças dele, tinha o professor Paulemar, como coordenador de polo, pois Flora trabalhava com o atendimento ao aluno. Com Itamar houve mudanças, Flora saiu, criaram outras coordenações, eu me mantive nessa coordenação de material audiovisual em todos esses momentos. Houve toda essa mudança, o que aconteceu de crucial é que com Itamar a coordenação foi feita com o pessoal contratado e não com pessoal da universidade, então Clotides e Rose. Essas pessoas foram contratadas. A segunda linha do CESAD passou a ser feita por pessoal contratado, eles não eram funcionários da Universidade. Os técnicos eram recursos de contrato de pessoa jurídica.

Marcio: Quais os desafios encontrados no processo de implantação do EaD na UFS?

Jean: As prefeituras não assumiram a parceria feita com a Universidade, a gente se desgastou muito visitando prefeito, visitando polos e constatando que não havia possibilidade de operar, começava o vestibular para um polo e não começava para outro. Acho que o principal problema dos CESAD foi parceria com as prefeituras, a relação entre governo federal, Estado e município não funcionou bem. A prefeitura dizia que não tinha dinheiro para montar, ela queria colocar a UAB dentro da escola pública, precária; a prefeitura não tinha dinheiro para comprar cabo para instalar rede, para contratar tutor de polo. O Município de Nossa Senhora da Glória foi um caso típico de problema, até que a prefeita assumiu a parceria por pressão;

em Laranjeiras teve um problema muito sério, as bancadas de computador foram doadas pelo governo do Estado, imagine, o prefeito era de um partido e o governador de outro. Outro grande problema era o atrasado do material didático, com tudo foi sendo feito na prática, a produção do material didático impresso foi muito problemática, os professores atrasavam muito, muitas vezes o material não foi impresso por não haver livros para determinada disciplina, tivemos problema terríveis com atraso de material, revisão de material, qualidade de material. Isso teve um impacto muito forte no EaD. Minha coordenação não tinha acesso à internet, era um EaD, mas não tinha internet, tivemos que botar vários alunos em *lanhouse*. O EaD foi muito atropelado pelo governo federal, vários polos têm ainda hoje antena parabólica que era da internet, eu não me lembro desse programa de internet em todas as escolas. Foi caríssima a estrutura de internet em polo, a gente pensava em algo, mas não conseguia executar, isso se agravou ao longo de três ou quatro anos no CESAD. Pensamos fazer parcerias com a OI, contratando a Velox, *link* direto via rádio, mas tinha que ter disponibilidade natural. Trouxemos alguém de São Paulo para dar consultoria, quando eu saí do CESAD, essa internet ainda era precária e o foi até a gestão do professor Luciano.

Marcio: Como e quando foi a inauguração dos polos da EAD? O primeiro polo?

Jean: Essa informação eu não consigo organizar. Lembro que Estância foi um polo bem adiantado, o prefeito da época, Ivan Leite, deu uma excelente estrutura ao polo. Acho que Estância foi um polo adiantado, São Domingos também foi um polo que teve certo adiantamento.

Marcio: Você lembra o ano?

Jean: Não, mas tenho tudo isso aqui registrado, eu tenho esses e-mails todos, eu me lembro da inauguração de Estância, São Domingos, Poço Verde, Colônia Treze. Dores atrasou, eu não tenho a cronologia certa. Fomos soltando aos poucos mesmo, os cursos que fomos ofertando nem todos estavam com o material completo, fomos liberando as licenciaturas aos poucos.

Marcio: Sobre a primeira turma do CESAD, o ano do primeiro vestibular do CESAD?

Jean: Não vou lembrar, eu lembro que foi com Lilian.

Marcio: Modelo da prova do vestibular?

Jean: Foi uma prova bem mais enxuta que a do vestibular tradicional, mas a mesma logística, pois foi a CCV que realizou, mas foi a responsabilidade do CESAD para distribuir, o mesmo molde de seleção foi feito pela CCV.

Marcio: Quais os cursos ofertados para o primeiro vestibular?

Jean: Também não me recordo, o que eu lembro é que o CESAD oferecia apenas licenciaturas, formação de professores, ou seja, metade das vagas era para professores da rede

pública. As licenciaturas com laboratório foram retardadas, Química e Física, por exemplo.

Marcio: Quais foram as cidades contempladas pelo CESAD?

Jean: Na gestão da gente foram Estância, Colônia Treze, Porto da Folha, Poço Verde, São Domingos, Glória e Japaratuba. Acho que tínhamos oito polos.

Marcio: Você tem lembrança de quais foram as disciplinas ofertadas no primeiro período?

Jean: As disciplinas eram as mais básicas, Cálculo I. A gente não tinha uma disciplina para todo o curso, em geral, porque você tinha uma disciplina, por exemplo, Cálculo I que pegava os cursos de Matemática, Física e Química, mas eram disciplinas dadas por professores diferentes, você tinha três professores dando esse material. Quem ia fazer a tutoria, fazia em turmas separadas.

Marcio: O que se pode ter é uma disciplina de noções básicas de EaD?

Jean: Isso, tinha uma disciplina da Neide, TIC, com material didático, mas considerado por várias turmas.

Marcio: Das primeiras turmas no caso, como era a interação entre aluno, professor e tutor?

Jean: No modelo da gente, o professor não tinha contato com o aluno, você tinha o tutor do polo, se tinha alguém para ter o contato com o aluno no polo era o tutor. Tivemos dificuldades de achar pessoas formadas que quisessem ir para o interior ganhando a bolsa do tutor, imagine ter alguém de física para ser tutor lá em Lagarto, na Colônia Treze. Tínhamos o tutor presencial, que ficava lá no polo para tirar dúvidas, e tínhamos o tutor distância, que ficava aqui no primeiro momento, ele não tinha sede, ficava em casa, tinha horas a cumprir. Esse tutor ficava em contato com o aluno a distância, tirando dúvidas, passando atividades, corrigindo trabalhos e dando notas. O professor ficava na retaguarda, elaborando o material didático, e o coordenador de curso que lidava com os tutores. Aos professores era vedado a dar aulas, apenas orientações, mas tem outros modelos de EaD em que professores tiram dúvidas, têm encontros presenciais com maior frequência. Nós optamos por não ter isso.

Marcio: A composição da equipe multidisciplinar das áreas de tecnologia e comunicação, você tem lembrança da composição dessa equipe?

Jean: De tecnologia em todo momento foi o professor Igor que deu início até a chegada de Itamar. Com Itamar, Igor pediu demissão, foi emblemática, posso nem falar, só em *off* mesmo, mas foi muito interessante a saída. Foi Lino que começou do zero, apesar de a Universidade ter o departamento CPD, o CESAD iria sobrecarregar a Universidade. O Lino criou o ambiente de aprendizagem, criou o *moodle*, criou a interface do *moodle*. A equipe de tecnologia era o professor Lino e estagiários, ele conseguiu a façanha de ter apenas ele como professor e sete estagiários, colocou o ambiente de aprendizagem no ar, tinha que fazer o banco de notas e a comunicação no sentido de *site*. O *site* quem elaborou foi a minha equipe,

dois contratados, vídeos a gente fazia, quem alimentava esse conteúdo era a gente, os professores colocavam as aulas no *moodle*, mas os vídeos era minha equipe quem produzia. Minha equipe era eu e dois profissionais de *design*. A gente tinha problemas com o *moodle*, ele teve duas quedas e saiu do ar, e o professor Lino pensava que alguém de fora o derrubou. A gente demorou a ter uma licitação para comprar um servidor, conseguimos finalmente comprar um servidor, que foi configurado, montado e plugado na rede da UFS, pois não tínhamos uma rede autônoma para isso, mas ele deu conta de notas, das aulas, e não me lembro de problemas.

Marcio: Como e onde era produzido o material impresso e o material individual?

Jean: Na época em que começamos a trabalhar a nossa sede era na Prefeitura do *campus*, a gente ocupou três salas do *campus*, uma sala era de Lino, uma sala era da TI e uma era nossa. A editora da UFS fazia parte da CESAD, então o material era produzido lá, impresso na sala de Itamar, era uma sala grande onde tínhamos muita gente trabalhando. Minha coordenação produziu lá, usando o estúdio de TV do CEAV. Quando saí do CESAD, começaram a contar com câmera própria, estúdio próprio, até o início da gestão de Luciano esse material era produzido internamente, com equipe específica.

Marcio: Tem lembrança do modelo de avaliação de aprendizagem. Em termos de nota, avaliação?

Jean: As provas, operacionalmente não era viável fazer provas subjetivas, mesclavam questões objetivas e subjetivas, as provas eram padronizadas. Havia, por exemplo, prova de Cálculo I, todos os polos em que havia a disciplina faziam essa prova, quem elaborava era o professor. Se tivesse três professores, os três elaboravam as questões e mandavam para a coordenação do polo e para a editoria, onde eram filtradas e integradas no banco de questões. Eu participei de um momento em que nós mesmos imprimíamos as provas, montávamos os envelopes, várias vezes fechávamos sala para fazer malotes de provas, as provas eram questões abertas e fechadas, quem corrigia eram os tutores, que as devolviam na sala do sistema.

Marcio: Você falou sobre a infraestrutura de apoio aos polos, pode simplificar rapidamente sobre essa infraestrutura dos polos?

Jean: Cada município era responsável pelo polo que eles estruturava. Nós tínhamos uma demanda de internet, dizíamos uma quantidade de pontos, o governo federal entrava com os computadores, eu fui fazer várias visitas para checar os computadores, eu tive uma oportunidade muito boa de participar desse processo, acompanhando Lino. A gente abria computador, a prefeitura recebia os computadores e não a Universidade, eles passavam os computadores para os polos e a Universidade entrava com o material didático. Como houve

muito atraso, a gente não teve outra a opção a não ser recorrer ao governo do Estado, que deu suporte a algumas prefeituras, a Universidade passou a contar com *vans* para levar e recolher as provas. Era muito bem dividido esse trabalho. Eram computadores muito fracos para o EaD, o MEC colocou o Linux, mas os alunos tinham resistência, pois vivenciavam a cultura do Windows.

Marcio: Qual era e como funcionava o ambiente virtual?

Jean: O ambiente era *moodle*, criado pelo professor Lino. Era gratuito, a gente passou por uma capacitação, pois a ideia era que os professores alimentassem os *moodle*, não havia uma equipe que recebesse essas atividades, configurar recebimento de arquivo era com o professor. O professor da UFS que foi trabalhar com EaD, era um professor que tinha resistência à tecnologia, não houve uma seleção para professores que tivessem afinidade com a tecnologia, tínhamos uma resistência constante, houve uma preguiça institucional, que atrasou bastante o CESAD. Tínhamos professores que não sabiam a senha, não sabiam o e-mail, não sabiam mexer no mouse e não queriam aprender. O processo de tutoria era realizado via *moodle*, o ambiente estava preparado para a demanda, mas faltou a gente para explorar o servidor. Isso mudou com Lilian, quando ela comprou o servidor, todos os polos começavam a usar internet, então o AVA se estabilizou. Acho que a mentalidade da Universidade demorou a entender que o EaD não era só entregar o livro em um polo, é tanto que a minha parte no CESAD, no meu setor foi um tremendo desperdício de tempo e de recursos, porque nosso trabalho não aconteceu, a gente ficou como um laboratório experimental de produção de objetos de aprendizagem.